

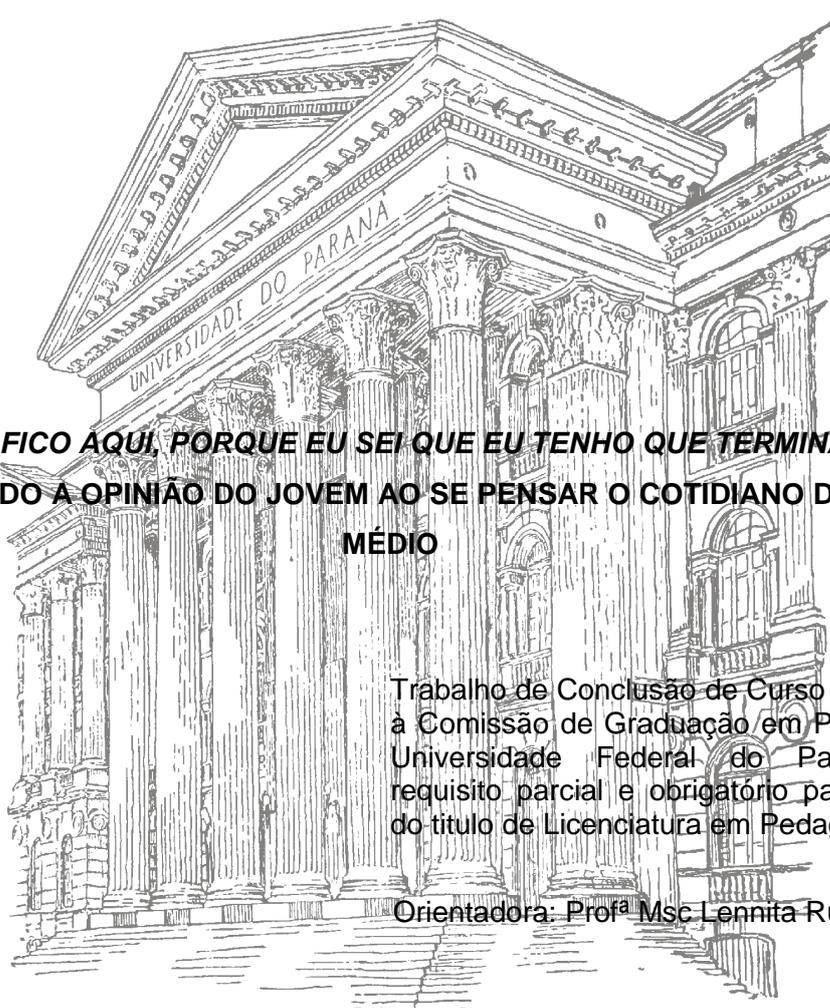
**CLARISSA SCHRODER
KATHYUSKA MIELNIK DE SOUZA**



**“EU SÓ FICO AQUI, PORQUE EU SEI QUE EU TENHO QUE TERMINAR”:
CONSIDERANDO A OPINIÃO DO JOVEM AO SE PENSAR O COTIDIANO DO ENSINO
MÉDIO**

**CURITIBA
2013**

**CLARISSA SCHRODER
KATHYUSKA MIELNIK DE SOUZA**



***“EU SÓ FICO AQUI, PORQUE EU SEI QUE EU TENHO QUE TERMINAR”:*
CONSIDERANDO A OPINIÃO DO JOVEM AO SE PENSAR O COTIDIANO DO ENSINO
MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Msc Lennita Ruggi

CURITIBA

2013

*Aos jovens que apesar das angústias que enfrentam
cotidianamente nos seus espaços escolares continuam
sonhando com um Ensino Médio que respeite seu jeito de ser jovem.*

AGRADECIMENTOS

Clarissa

A Deus, por todo cuidado e amor que teve por mim todos estes anos. Nada do que faço é por meio das minhas forças, tudo o que procuro é honrar teus ensinamentos e sempre buscar em ti a condução dos meus pensamentos e ações. A Deus dou Glória por toda a sabedoria necessária na produção deste trabalho e reconheço que nada veio de mim, mas dedico tudo a Ele.

Agradeço a minha família, que durante todo processo me apoiou e contribuiu para a construção do meu trabalho. Obrigada por não me deixarem cair e por cada palavra de incentivo. Vocês são a inspiração de tudo que é mais belo, o amor maior que possuo na Terra.

As minhas colegas e mais que colegas, amigas da Universidade, que me acompanharam durante todo o curso, escutando minhas angústias e torcendo pelo meu sucesso e felicidade: Amanda, Flávia, Genecir e, claro, minha colega de trabalho, Kathyuska, vocês são as maiores alegrias neste curso.

Ao Lucas, que sempre me incentivou e que, ao longo dos anos, sempre me disse que eu me superaria em tudo o que fizesse. Os seus sorrisos iluminaram essa reta final.

A minha querida amiga, Aline Voigt, que é mais do que uma amiga é uma irmã.

Agradeço a toda equipe do Observatório do Ensino Médio, que nessa reta final me deu a oportunidade de estar perto da linha de pesquisa que tanto aprecio e me colocou em contato com autores e trabalhos da área.

A professora Lennita Ruggi, por todas as recomendações e tempo disposto para ouvir e dar novas ideias na elaboração do trabalho. Agradeço também a professora Cleci Körbes pela disposição e serenidade que sempre transmitiu, nos fazendo assim confiar em seu julgamento. Muito obrigada!

Kathyuska

Agradeço a Deus, por sua necessária sensibilidade em dialogar comigo, me ensinando a questionar o habitual e a acreditar na possibilidade da mudança. Sempre, e em toda circunstância.

À minha família, suscitadora dos questionamentos. Aos meus pais, Claudia e João Francisco, por serem tão teimosos quanto eu. À minha irmã, Laleska, pelo jeito quase sem querer de demonstrar o seu afeto.

A “todos e qualquer um” dos meus amigos, os que passaram e se foram e os que insistem na permanência. Aos que me desvendaram para que pudesse enxergar as injustiças e contradições da escola, do mundo, da universidade, até da Igreja, quer sendo estudantes, professores; irmãos. E aos que me impulsionaram a continuar lutando até ver vencida sua apatia do mundo. Carrego dentro desta “*lobismulher juvenil*” um pedaço de cada um, seus apoios, críticas, respeito. E a descontração, também (às vezes).

Dentre estes, agradeço em especial à Clarissa, pela imensa parceria e apoio durante todos estes anos.

Aos meus professores, que deram forma aos caminhos que me trouxeram até aqui. Cujo trabalho, ainda que desvalorizado, foi realizado com competência, técnica e ética e estética. Muito obrigado pela dedicação. Aos professores da graduação, pelo exemplo de compartilhamento de ideais, frustrações e participação coletiva. À professora Lennita, orientadora do nosso trabalho, parceira em sugestões para que esta pesquisa amadurecesse. À professora Cleci, que gentilmente aceitou avaliar esta monografia.

Agradeço também à direção do Colégio Estadual Rio Branco, por sua acolhida enquanto cursava o Ensino Médio e durante a realização desta pesquisa.

Aos adolescentes do 2º ano C do CERB, protagonistas das nossas reflexões aqui, minha mais sincera gratidão e admiração. Suas opiniões estarão sendo ouvidas agora, e esperamos que elas possam trazer mudanças positivas para que o cotidiano do Ensino Médio possa ter, um dia, a cara de seus estudantes. Obrigado pelo voto de confiança.

*"O que eu consigo ver é só um terço do problema
É o Sistema que tem que mudar
Não se pode parar de lutar
Senão não muda
A Juventude tem que estar a fim
Tem que se unir
O abuso do trabalho infantil, a ignorância
Só faz destruir a esperança
Na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
Deixa ele viver! É o que liga"*

Charlie Brown Jr. - Não É Sério (part. Negra Li)

RESUMO

O presente trabalho visa discutir o papel da escola de acordo com o olhar do jovem, especialmente jovens do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Curitiba situada em um bairro nobre da cidade com fluxo intenso de estudante de bairros periféricos. Lançando mão de recursos, como observação etnográfica, questionários e entrevistas, buscamos compreender o pensamento destes jovens, seus questionamentos sobre a escola de uma turma de Ensino Médio diurno. Tomamos como referenciais teóricos diversos autores tais como Pedro Bodê de Moraes, Abramovay, Sallas, Juarez Dayrell, um documentário “La Educacion Prohibida” e para elucidar as técnicas metodológicas recorreremos ao auxílio de Regina Magalhães de Souza. Concluímos, por fim, que a escola atual esta muito longe de ser significativa ao jovem que nela se encontra. Visto que o valor principal dado ao Ensino Médio pelos adolescentes em virtude da descaracterização de sua função original de oferecer acesso ao conhecimento científico, elaborado pela humanidade, tem sido furtado pela cobrança desmedida de um comportamento idealizado que faz com que o/a jovem se desinteresse por esta escola e se comporte de forma indiferente dentro deste espaço.

Palavras-Chave: Juventude. Sociedade. Jovens. Ensino Médio. Educação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 OBJETIVO GERAL	9
1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	9
2. METODOLOGIA E FONTES	10
3 .REVISÃO DE LITERATURA	13
4. A INSTITUIÇÃO E OS ESTUDANTES DA PESQUISA	17
4.1 ACOLHIMENTOS DAS INSTITUIÇÕES: NOVOS DESAFIOS	18
4.2 O COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO ELTON REZENDE	20
5. OBSERVAÇÕES – CONVIVENDO COM OS JOVENS E REEDUCANDO O OLHAR SOBRE O ENSINO MÉDIO	25
5.1 - 1º SEMANA.....	25
5.2 - 2º SEMANA.....	29
6. REVELAÇÕES FORNECIDAS PELOS QUESTIONÁRIOS ESCRITOS QUANTO A RELAÇÃO JOVEM-ESCOLA	32
7. ENTREVISTAS	37
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	61

1. INTRODUÇÃO

Percebemos a necessidade de investigar o tema juventude na escola visto que nossas trajetórias escolares, sobretudo no Ensino Médio, geraram questionamentos que, por sua vez, suscitaram problematizações a respeito do papel desta etapa de ensino e da participação juvenil na construção de um espaço no qual ela/ele tenha percepção de pertencimento.

O Ensino Médio se caracteriza por ser um ambiente contraditório, como a escola integralmente o é por natureza.

A educação é por natureza contraditória, pois implica simultaneamente conservação (dos dados do saber adquirido) e criação, ou seja, crítica, negação e substituição do saber existente. Somente desta maneira é profícua, pois do contrário seria a repetição eterna do saber considerado definitivo e a anulação de toda possibilidade de criação do novo e do progresso da cultura. (PINTO, 2000, p. 21).

Baseadas nesse conceito percebemos que nossas experiências educacionais contrastam, uma vez que uma das autoras conviveu a realidade da escola pública, enquanto outra experimentou da realidade de uma escola privada. Nesta última, a educação ofertada, de maneira privada, se dispunha de maneira onde tudo estava disponível, em um ambiente limpo e seguro.

Um espaço físico bem organizado, com materiais de qualidade, aulas extras, professores/as orientando no processo de aprendizagem no tempo e conforme necessidade do/a aluno/a, no qual a presença dos pais era vista de fato e onde existiam objetivos específicos em que o ensino buscava como resultado a entrada dos seus estudantes nas universidades mais concorridas. Conteúdos eram praticamente decorados e disfarçados em aulas dinâmicas, com músicas e travessuras dos/as docentes. Acabando que a fala e discussão crítica e pessoal do jovem ficasse em suspenso. A escola poderia assim fornecer ao final, como prêmio máximo ao seu aluno e sua família, uma vaga nos bancos da Universidade Pública.

A realidade da Educação Pública ofertada demonstrou certo descaso para com a formação daqueles estudantes que por ela foram educados; especialmente quanto à questão de organização do saber. Havia conteúdos importantes que eram suprimidos por discussões e debates que, sendo de grande pertinência, contudo,

não supriam a necessidade de conteúdos a serem ensinados aos jovens, visto que estes, em parte, estavam concentrados em conseguirem uma bolsa de estudo numa instituição privada e/ou uma vaga numa instituição de ensino superior.

Dada esta situação, este grupo de estudantes criticava o seu contexto escolar uma vez que havia várias regras (muitas vezes dispensáveis), que tomavam maior espaço em importância de discussão que o próprio efeito de aprendizagem conteudista tendo em vista o ingresso no Ensino Superior. Estes pormenores se caracterizaram especialmente, por questões normativas como uso do uniforme, pichações de patrimônios públicos, inadimplências em bibliotecas... que desviam o olhar do/a pedagogo/a e do/a gestor/a para aquilo que realmente importa: as questões ligadas a ao cotidiano escolar considerando toda a sua complexidade, bem como as questões referentes ao processo ensino-aprendizagem.

Porém não podemos deixar de citar as aproximações entre ambos os espaços educacionais, como imposições rígidas por parte da equipe pedagógica e direção. O abuso de autoridade muitas vezes se mostrava como única forma de comunicação possível entre o jovem e o adulto. Este clima gerava uma tensão caracterizada mesmo por medo que esses adultos tinham dos jovens no sentido do que eles poderiam fazer com a imagem da escola e da própria autoridade. Em contrapartida a/o jovem se sentia acuado/o com medidas autoritárias que cada vez mais distanciavam as partes envolvidas nessa relação.

Prioritariamente escolhemos considerar a dimensão da juventude, na compreensão de que ela deve entender que este espaço educativo lhe pertence e que é fundamental se apropriar dele enfrentando e buscando romper com o paradigma de hostilidade a essa sua apropriação, presente no contexto escolar.

Nos propomos a analisar a escola de ensino médio como espaço de socialização e acesso ao saber que melhor se disponibiliza ao jovem. Sendo assim, ela deveria se apresentar como um espaço que se identifica com este alunado, não como vem se apresentando, um espaço estranhado. Essa observação é fruto de uma inquietação mútua de ambas as autoras que neste momento gostariam de voltar e conversar com estudantes do ensino médio exatamente para saber como elas/es estão vivendo e refletindo sua própria experiência cotidiana na escola.

Nosso trabalho se baseia na premissa de que é fundamental a apropriação da escola pelo jovem, com conteúdos que fujam da proposta conteudista e procurem

inserir o jovem nesta problemática de se apropriar do conteúdo criticamente, contemplando sua utilidade de prática e reflexão. Queremos entender: o que jovem espera do Ensino Médio? O que esse jovem estaria fazendo na escola? Será que esses sujeitos que estão inseridos em instituições educacionais estão desiludidos com o saber repassado e repetitivo? Será que estão desanimados com o convívio rotineiro da escola sem enxergar nela algum vínculo com a sua realidade?

Deve-se destacar, entretanto, que as críticas dirigidas por esses jovens ao espaço escolar não devem ser compreendidas, na sua grande maioria, como esvaziadas de sentido. Como já é de amplo conhecimento na área da sociologia da educação, os jovens prezam ou gostariam de prezar a escola que frequentam. Logo, suas críticas são mais bem interpretadas se consideradas como apostas na sua melhoria. Até porque, se a educação representa a perspectiva de uma mobilidade social para a maioria da população, a escola se constituiria no lugar apropriado e legítimo para essas melhorias. (ESTEVES, 2005, p. 48).

Nos dedicaremos, de forma semelhante, em descobrir se a nossa hipótese, a respeito do que o jovem espera do sistema educativo se faz pertinente. Uma vez que na nossa trajetória escolar percebemos que jovem e escola não viveriam de forma harmônica na realidade, apenas no ideário, e isso pelo fato de a escola estar muito distanciada desta esperança do jovem a respeito de sua função social corresponde à realidade escolar hodierna.

1.2 OBJETIVO GERAL

O objetivo desta pesquisa será entender o significado do Ensino Médio para a/o jovem que nele se apresenta, através de uma análise feita com o auxílio desse sujeito sobre suas experiências no espaço escolar. A partir daí buscamos viabilizar mecanismos de concretização desse objetivo utilizando de uma pesquisa etnográfica, baseada numa observação empírica e caracterizada pela realização de questionários e entrevistas em determinada escola pública de Ensino Médio em Curitiba.

1.3 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Entender a partir da fala dos/as jovens qual a sua motivação (ou a falta desta) em cursar a etapa.
- Identificar a perspectiva do jovem quanto à utilidade ou não desses tempos passados na escola.
- Analisar comportamentos que transparecem qualquer que seja esse sentimento em relação à escola.
- Indagar se há perspectiva, por parte deste/a jovem, em experimentar um ensino médio que agregue um caráter mais formativo e quais as ideias e sugestões formuladas a respeito.

2. METODOLOGIA E FONTES

A pesquisa que nos propomos realizar teve como temática a juventude e o espaço escolar em que estas/estes adolescentes se encontram, buscando ouvir e entender a importância e a valorização que a escola tem sobre a vida destas/destes, através de um tempo convivendo e sentindo qual é o papel do Ensino Médio na vida dos adolescentes.

Para o recolhimento de material da pesquisa planejamos a divisão em três momentos, através de um tempo de observação, do uso de questionários impressos e transcrição de entrevistas gravadas, realizadas de modo que buscasse cultivar (em tom de conversa e não de pergunta-resposta) ideias sobre as percepções escolares com os estudantes do recorte proposto. Quanto ao questionário, num primeiro momento, tentamos realizá-lo online, supondo que os jovens teriam acesso a este mais facilmente. Contudo, isso não ocorreu. Foi necessária a impressão destes e em seguida os distribuimos durante a semana em sala de aula, para que os estudantes pudessem vir a preenchê-los.

Enquanto estudantes de graduação, tivemos a necessidade de esperar o período de férias da nossa instituição para começarmos a realizar as observações, uma vez que acreditávamos que conseguiríamos realizá-la de melhor forma, conforme o intuito etnográfico da nossa pesquisa, num momento em que nossas

concentrações se centrassem exclusivamente no projeto. O período de férias da Universidade coincidiu com período de retorno às aulas nas escolas estaduais e consideramos isso um grande ponto positivo para a realização da observação na escola.

Porém, nossa busca por uma escola que aceitasse a nossa entrada ocorreu logo no início da saída dos estudantes para as férias de julho, o que dificultou o diálogo com as instituições visando um acordo menos burocrático. Desta forma, precisamos esperar até o retorno das aulas nos colégios para conseguir a resposta da primeira instituição procurada, que infelizmente, nos deu uma esperança, no início do mês, de uma possível resposta afirmativa, mas, que no retorno das aulas não nos deu resposta alguma em relação a este requerimento.

Durante o começo de agosto nos esforçamos para encontrar outras instituições que nos recebessem para dar início às observações. Com muita luta, apenas no final de agosto e, conseqüentemente, primeira semana de retorno das aulas da Universidade (dia 26/08), conseguimos encontrá-la. Porém tornou-se necessário perder algumas aulas para recolher material para nossa monografia - esta alteração do calendário acadêmico na Universidade sofreu modificações devido a greve ocorrida durante o ano passado.

Esta foi uma das maiores dificuldades logo no início da pesquisa, adentrar uma sala de aula de um colégio público. A forma de aceite de nossa presença não se deu por méritos ou interesse em contribuir a pesquisa, mas de indicação de nossas colegas de sala de aula que praticam seu estágio obrigatório nesta mesma instituição.

Revezamos-nos na observação durante as três semanas e esta foi feita por escolha das próprias pesquisadoras, sendo que as pedagogas, durante o primeiro contato com a escola, não viram problema nenhum em as duas estarem presentes na mesma sala de aula num mesmo momento. Com exceção do primeiro dia e dos últimos, com os recursos de questionários e entrevistas gravadas, é que houve um esforço para as duas estarem presentes devido ao cuidado e criticidade desta fase.

Optamos por realizar a pesquisa de campo através de uma etnografia numa turma de 2º ano do ensino médio matutino em Curitiba. Foi escolhido esse ano devido ao fato de que aí estão os/as jovens melhor adaptados a essa nova fase. Os estudantes do primeiro ano são recentes nessa etapa e ainda carregam "vestígios"

do ensino formal da etapa anterior (Ensino Fundamental). Quanto aos do 3º ano, o foco estaria relacionado aos estudos de vestibular e busca de um provável lugar no mercado de trabalho.

Nossa intenção em lançar mão dos recursos acima explicitados foi buscar elementos que problematizassem nossa hipótese a respeito da visão que a/o adolescente tem da escola. E para efetivar isso, contamos com o abrir das portas do Colégio Estadual Prefeito Elton Rezende, que nos proporcionou a oportunidade de realizar a pesquisa etnográfica no seu interior, através de uma de suas turmas do 2º ano diurno.

A turma do 2º ano C inicia suas atividades as 07h30min da manhã e viemos a conhecer os estudantes no dia 26/08, uma segunda-feira, com poucos destes presentes. Não estabelecemos contato logo no início, mas com o tempo as conversas se tornaram mais frequentes com assuntos do convívio diário delas/deles. Com os rapazes o contato foi um pouco mais frágil, acreditamos ser devido ao fato das duas pesquisadoras serem mulheres e pode ser que, em sua maioria, não lhes pareceu confortável sentar e conversar conosco.

No momento seguinte da pesquisa, após duas semanas em contato com a rotina dos adolescentes, nos preocupamos em formular questões para entendermos o que eles acreditavam e pensavam, segundo seus olhares, ser o Ensino Médio e a importância desta etapa de formação.

A segunda fase da pesquisa ocorreu com a consulta de artigos livros e material investigativo audiovisual para a contribuição quanto a discussão com o jovem sobre o contexto ao qual nos propomos estudar.

Os textos vieram a ser selecionadas de páginas acadêmicas, indicações da orientadora da disciplina de TCC e através da necessidade de responder questões que foram levantadas durante o tempo de pesquisa. A temática dessas discussões se concentra principalmente no cotidiano do jovem e na análise de sua trajetória na escola.

Com o material coletado em mãos, questionários e entrevistas gravadas, nós retornamos a Universidade para trabalhar com os resultados que os/as jovens, que possuem entre 16 e 18 anos, nos revelaram sobre a concepção do espaço escolar que frequentam, o currículo ofertado pela rede, a dinâmica com os professores.

Num segundo momento, lançamos questões mais pessoais como o futuro, família, lazer e outros, tudo para contextualizar os estudantes e conseqüentemente entender qual é o papel que a escola possui em suas vidas, o que eles/elas fazem para mudar a realidade diária na instituição ou entender se como o sistema se organiza já é o suficiente. Essas e outras questões moveram a problemática do tema escolhido e foi ganhando forma com o decorrer do ano em nossos estudos sobre a juventude.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Para aprofundar as reflexões a respeito das relações sobre juventude e escolas citamos “A Escola “Faz” as Juventudes? Reflexões em Torno da Socialização Juvenil” (DAYRELL, 2007) em que o autor apresenta seu artigo com olhares sobre os jovens de classes populares, estudantes de escolas públicas localizadas na região central de Minas Gerais, expondo além do discurso que nos propomos a trabalhar, a relação da juventude com a escola, mas avançando sobre a socialização desta/deste jovem em seus outros contextos da vida social. Discute a relação que existe entre a escola e a juventude, como são organizadas as turmas dentro e fora dos espaços escolares, quais os objetos e tipos de vestimentas que caracterizam o jovem como parte de um grupo, quais os locais de lazer desses atores, suas formas de se relacionar amorosamente e etc.

Ao longo da leitura é possível concluir que a escola não é pensada e organizada para os/as jovens, que consideram a instituição um local chato e que acabam por desanimar quem está dentro dela. É questionado no texto: qual seria o papel da escola na vida dos/as jovens? Já sabemos que não é só mais a escola e a família que educam a juventude, mas todos os meios aos quais eles estão inseridos.

Mesmo sendo um trabalho com jovens específicos de classes populares acaba-se espelhando também a realidade de outros grupos sociais. O autor aponta questões referentes às perspectivas do/a jovem quanto ao mercado de trabalho, a valorização do dinheiro atrelado ao poder e status e a importância que o dinheiro tem na realização de seus futuros.

Os locais que a juventude fazem parte, externos as instituições, são carregados de significados e o tempo dos jovens altera com muita frequência. O autor chama a atenção sobre o papel dessa geração na sociedade, afinal os/as jovens ouvem, mas também vão além e produzem em sua geração.

O documentário latino-americano, “La Educacion Prohibida” de produção independente (Argentina, 2012), expõe falas de vários especialistas da área de educação e saúde, em suas variadas formas de conceber uma educação transformadora e de qualidade na sociedade ocidental. Discutem assim, ao longo de duas horas, a importância de o estudante fazer parte do seu processo de formação, não lhe impondo métodos generalizados, respeitando seu tempo, proporcionando condições físicas e didáticas adequadas ao desenvolvimento individual da criança e do jovem. Um cenário importante do documentário, que nos inspirou a escolha da sua análise, expõe angústias de um grupo de jovens do ensino médio para ler um discurso no dia da formatura, porém são impedidos e questionados o tempo todo na trama por ser um discurso que, para a direção e corpo docente, ofenderia a instituição. Ao longo da trama corpo docente, direção e estudantes acabam por chegar a um acordo que mudaria a maneira de conceber a escola.

“Estar no Papel – Cartas dos jovens do Ensino Médio” (ESTEVEZ, 2005) é um trabalho que organiza logo na entrada, um índice com mais de 60 cartas de estudantes de 13 capitais do país, sendo estes estudantes de escolas públicas ou privadas. As cartas descrevem suas angústias, opiniões e anseios sobre sua formação, crendo desta forma que expor seus pensamentos, discutir suas práticas e questionar suas ações podem levá-los assim a caminhar para a transformação da realidade que estão inseridos.

Não ouvir o que o jovem tem a dizer é ir contra a democracia, contra a moral de incluir o estudante de ensino médio como um sujeito capaz de opinar sobre a concepção de educação que este/a possui. Muito mais que ler cartas, o trabalho pretende construir novas propostas no currículo nacional dos jovens e de formação consciente e transformadora.

Foi realizada uma pesquisa na etapa de Ensino Médio, abrangendo em seus discursos todos os autores dessa esfera: professores, estudantes, direção, comunidade e também as expectativas dos envolvidos. Como ponto de partida foi lançado a seguinte questão: “*Imagine que você tem um (a) amigo (a) que mora em*

outra cidade. Escreva a ele (a) contando como é a escola onde você estuda e como você gostaria que fosse". Foram então 1.777 cartas redigidas por jovens de escolas públicas e privadas do país demonstrando sua visão sobre o que levantam ser relevantes do seu contexto escolar. Os autores traduzem que "no silêncio do papel, as vozes desses jovens foram estampadas." Expressando assim a importância deste trabalho trazer o discurso dos jovens do ensino médio para dialogar com maneiras desses atores fazerem parte da instituição escolar.

O artigo Juventude, Medo e Violência (MORAES, 2008) traz uma articulação entre as três palavras do título: a questão da juventude atrelada ao medo e questões de violência no país. Foi gerada uma análise sobre o que é o sentimento de medo e a forma que ele pode, de maneira saudável, nos auto proteger de situações perigosas ou, chegando a casos extremos, impossibilitar ações cotidianas. Os/as jovens acabam sendo o alvo de julgamento sobre os acontecimentos negativos, de depredação de patrimônio a crimes dolosos. Moraes analisa levantamentos de dados pretendendo afastar a generalização do jovem como único ser culpado e perverso das estatísticas de assassinatos no país, como é apresentado pelos meios que pretendem fazer dos jovens os responsáveis pela insegurança que hoje sentimos. A sociedade quer desconhecer os dados sobre as práticas de crimes cometidos por jovens. As questões de raça e classe também classificam esse sujeito como ser perigoso ou digno de ser protegido. Geralmente podemos ver que os/as jovens são pintados como perigosos e inconsequentes. Os/as jovens são mais vítimas e menos responsáveis por atos que o imaginado. Prender, desta forma, não seria a solução.

O autor ainda contempla o artigo com um apanhado histórico sobre a militarização e em seguida revela o papel que a sociedade estaria fazendo hoje em dia, o de vigiar.

No fim se apresenta a escola no Paraná possuindo a Patrulha Escolar, onde lamentavelmente os policiais acabam, por muitas vezes, fazendo o papel que a coordenação não é capaz de cumprir. Essa rebeldia é natural do desenvolvimento, mas acaba sendo tratado como um grave problema, para o qual os profissionais da escola muitas vezes não se sentem preparados por tomar ações disciplinares coerentes.

Recorremos ao auxílio do artigo “Quem tem medo dos jovens?” (MORAES, 2008), em virtude do caráter elucidativo que nos fornece quanto ao imaginário social que é construído a respeito da/do jovem na sociedade. Neste artigo, os autores exploram a questão através de uma análise com contribuições da sociologia e da psicanálise que, dialogando entre si, pretendem demonstrar que os jovens são a semelhança da sociedade e das instituições em que vivem e frequentam.

Deste documento, resgatamos também o conceito de *proteção* - nele referente ao tratamento da sociedade em relação ao menor, em virtude de seu olhar para com este marcado por uma “cruel compaixão” - o tratamento que é dado pela sociedade ao menor não ocorre em virtude da pessoa que é este menor, mas em virtude deste título. Sendo assim, quando se age compassivamente ao menor, se age desta forma pela condição em que ele é colocado - a de alguém que necessita de determinados cuidados, assistência - e, neste caso, ele é tratado com compaixão. Quando este menor está desabrigado desta “proteção” fornecida pelo Estado, à medida que ele a rejeita, é tratado como menor, com crueldade, no sentido de lhe ser conferido um tratamento que destaca a “indiferença concreta para com ele como pessoa” (Szazs, 1994, p. 24 apud Moraes e Pescarolo, 2008 p. 7).

O conceito acima definido nos habilita a problematizar a atuação da escola, mesmo em seus mecanismos de menor dimensão perceptiva, na medida em que ela demonstra ao sujeito jovem que nela está inserido quem ela entende ser um “jovem” e do seu papel para a educação e socialização dele[L2] . Isso contribui para nossa análise, uma vez que nos propomos a analisar a percepção que este sujeito tem do processo educativo ao qual está submetido e do significado que este lhe remete. E, uma vez à mercê desta ideologia propagada pela escola através de suas práticas para com a juventude, o jovem descobre uma visão do que se espera dele e de como é visto pela sociedade em que vive. Esta descoberta, esta percepção, é o que mais nos interessa neste estudo, pois sua reação a ela é o princípio de sua resposta às demandas que a sociedade lhe cobra “na saída” do processo de escolarização básica, bem como sua resistência (ou a falta dela) a esta visão a seu respeito, cultivada não só pela escola, mas também pela sociedade em que vive.

"Revelando tramas, descobrindo segredos" (ABRAMOVAY, 2009) nos traz uma série de contribuições a olharmos com maior cuidado o cotidiano dos sujeitos da educação (estudantes, professores, equipe administrativa, pedagógica e os

demais envolvidos, uma vez que todos estes exercem um papel no processo educativo). A autora investiga a respeito de suas singularidades, quem é e o que fazem suas complexidades, visões de mundo, de sociedade, de escola e das múltiplas relações entre indivíduos e indivíduos e regulamentações, assim como as relações de indivíduos e senso de valores que se estabelecem dentro do universo escolar. Aborda ainda o desvelamento das “armas” com as quais lançam mão para poderem afirmar seu papel dentro deste espaço que é alvo de disputas, por ser, por natureza, um espaço de socialização e inserção ao ambiente social mais complexo.

O papel da internet e sua abrangência no interior da escola, seu peso nas ações sociais dos jovens tem se tornado objeto de preocupação por parte dos professores. Esta obra se inclina diante desta situação procurando inserir reflexões de relevância social/relacional na escola, uma vez que o estudo da comparação de seu uso por professores e estudantes, a frequência e o acesso, as percepções da utilidade da internet demonstram não apenas questões singulares de âmbito intergeracional, mas também problematiza as interferências relacionais e ideológicas que ocorrem na relação jovem/adulto.

Por fim, em “Os jovens de Curitiba: esperanças e desencantos” (SALLAS, 1999), podemos compreender um pouco o olhar para a juventude local, considerar a diferença entre os discursos proferidos e a realidade observada no dia a dia do jovem. Através desta observação, toda uma análise é feita em torno da titulação aos jovens como “rebeldes sem causa” ou como “alienados”. Contempla-se no estudo, através da análise das entrevistas realizadas e documentadas e das pesquisas registradas na obra, questões concernentes à sua pessoa, aos seus relacionamentos, às formas como se insere na sociedade através de participações em grupos, como organizações de “torcida de um mesmo tipo de futebol, seja pela participação em grupos religiosos” (Sallas, et al, 1999, p.17) entre outros, além de suas relações familiares, suas preocupações com o futuro profissional e as oportunidades de ascensão/mobilização social. São retratadas também suas angústias em relação a segurança pública e sua revolta a uma sociedade que não o protege, tratando-o com descaso.

Através da análise destes estudos procuramos compreender o jovem curitibano, e esperamos ouvir o que ele tem a nos dizer a respeito de seu cotidiano e

a sua própria definição a respeito de sua pessoa, interesses, insatisfações e percepções de si, do outro e do mundo.

4. A INSTITUIÇÃO E OS ESTUDANTES DA PESQUISA

Enquanto estudantes concluintes do curso de Pedagogia da UFPR e com um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso em andamento, decidimos fazer uma observação a respeito do cotidiano escolar dos jovens de uma escola pública de Curitiba. A escolha por uma escola localizada no centro partiu do pressuposto de que facilitaria o deslocamento de ambas as estudantes como, também, possivelmente agregaria uma diversidade maior de realidades estudantis pois, ao centro, podem se deslocar estudantes de várias regiões da cidade e até mesmo da região metropolitana, impulsionados pela proximidade de algum local de estágio a menores aprendizes, ou do trabalho de familiares, ou ainda, por uma suposta melhor qualidade de ensino que a ofertada pelas escolas localizadas nos espaços periféricos.

Munidas de documentos de referência como uma carta de apresentação da parte de nossa orientadora e, anexada a esta, nossos históricos escolares e o nosso projeto de TCC, partimos em busca de uma escola que nos permitisse realizar a nossa pesquisa etnográfica, que consistia em duas semanas de observação, acompanhando todas as aulas de uma turma de 2º ano do Ensino Médio, e uma semana na realização de entrevistas com os jovens a respeito de suas opiniões, sentimentos e questionamentos quanto a juventude e sobre o significado do Ensino Médio e da escola, bem como sua importância, para estes adolescentes. Optamos por esta série por não ser composta por estudantes “calouros”, que ainda trazem muitas bagagens simbólicas do cotidiano estudantil do Ensino Fundamental, e também não se tratam de estudantes de 3º ano, concluintes, vestibulandos, cuja atenção concentra-se prioritariamente num bom desempenho no ENEM e no vestibular. Optamos também por uma turma que cursasse o Ensino Médio regular, e não um curso técnico integrado ao Ensino Médio, para conhecermos melhor as demandas do Ensino Médio em si, com seu caráter formativo de estudantes secundaristas. Colocamos desta forma, em segundo plano, a visão questionadora a

respeito da necessidade da preparação ofertada pela escola para a formação destinada ao mundo do trabalho.

4.1 ACOLHIMENTOS DAS INSTITUIÇÕES: NOVOS DESAFIOS

De acordo com nosso cronograma inicial, pretendíamos negociar com alguma escola rapidamente, uma vez que éramos recomendadas pela Universidade e não imaginávamos a quantidade de entraves que suscitariam por parte das escolas estaduais de Ensino Médio em relação à nossa permanência no espaço escolar pelo período de três semanas. Contudo, nossa experiência não se deu de forma tão confortável.

O primeiro colégio ao qual tentamos nos inserir foi o Colégio Estadual Professor Evaldo Martins, por ser, tradicionalmente, um colégio estadual de referência e abrigar uma grande diversidade de estudantes, oriundos não apenas de Curitiba, como também da região metropolitana. Após o preenchimento do protocolo na secretaria, a pedagoga responsável pediu que aguardássemos algumas semanas e que após este período receberíamos o retorno.

Chegaram às férias de julho e com elas as escolas se fecharam, impedindo novas tentativas de aproximação. Com a volta às aulas esperamos a resposta do Colégio Estadual por três semanas. Por fim, não houve retorno de nossas ligações e muito menos uma resposta afirmativa ou mesmo negativa. Devido o prazo curto (só teríamos agosto, o período das nossas férias, para concretizar o estágio de observação) tentamos um colégio próximo a este, o Colégio Estadual Tereza Braga Rodrigues, cujo diretor não permitiu a nossa entrada em virtude do fato de que a maioria dos professores daquela instituição não estaria aberta a permitir a nossa permanência durante as aulas.

O excesso do número de estagiários que já estava na escola foi outra justificativa apresentada como um fator de peso nesta decisão, e por sermos estudantes da Universidade Federal estaríamos atrasadas em entrar nas escolas, mesmo tendo consciência do calendário acadêmico estar alterado devido à greve. Seguimos para os Colégios Estaduais Prefeito Elton Rezende e Aline Carneiro, localizados no bairro Batel, próximo ao Centro. A recepção foi mais amável, e, pelo

fato de termos colegas que realizam estágio obrigatório em Gestão Escolar na primeira instituição, nosso pedido foi considerado mais seriamente que o foi quando realizado às instituições anteriores.

Sentimos um acolhimento maior no Colégio Estadual Prefeito Elton Rezende, pois dois fatores podem ter se voltado a nosso favor: o primeiro, já comentado, foi o fato de termos colegas que já estavam inseridas no interior da escola desde o início do ano, o segundo foi o fato de uma de nós já ter estudado durante todo período de seu Ensino Médio nesta escola. Até mesmo durante a realização das observações, pôde ser reconhecida por alguns professores, e assim, conheceu um pouco a mais a percepção deles a respeito da docência com adolescentes. No diálogo com os estudantes, este fator facilitou um pouco nosso trabalho porque a pesquisadora pôde compartilhar suas lembranças escolares com alguns deles e ter acesso a algumas de suas percepções do que significa, especificamente a estes adolescentes, ser estudantes do Ensino Médio da rede pública.

4.2 O COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO ELTON REZENDE



O Colégio Estadual Prefeito Elton Rezende está no bairro Batel, em Curitiba, PR. Está bem localizado na cidade permitindo o acesso ao colégio a partir de diversas regiões da cidade e da região metropolitana, com uma multiplicidade de possibilidades de linhas de ônibus (cuja parada localizam-se nos estaques da imagem acima), sendo estas: Vila Sandra, Tramontina, Ahú / Los Angeles, Campina do Siqueira / Batel, Jardim Social / Batel e Rua XV / Barigui; aumentando assim a multiplicidade possível de origem do corpo estudantil e docente.

O bairro Batel é tradicionalmente conhecido por ser um bairro de elite com várias escolas da rede privada localizadas no entorno da escola observada e sendo que a maior parte dos moradores deste bairro não cursa as escolas públicas presentes na região e sim os já citados estabelecimentos de ensino privado.

Referente ao público atendido muitas/os das/os adolescentes moram longe do colégio, pois, segundo a vivência de uma das autoras, o colégio nutre no imaginário de grande parte da população de bairros periféricos em Curitiba, uma imagem de escola que possui um ensino de grande qualidade, especialmente quando comparado com o ensino ministrado nas escolas existentes nestas mesmas regiões. Nas entrevistas realizadas todas/os as/os estudantes revelaram morar em bairros distantes como Orleans, Caiuá, Pinheirinho, Campo Comprido e etc; (como pode se observar no anexo III). A partir desta demanda a Secretaria do Estado oferece transporte escolar. O programa, intitulado PETE¹ – Programa Estadual de Transporte Escolar, com assistência financeira da Secretária do Estado, atende estudantes que não tem vaga assegurada na área onde residem.

Segundo informações obtidas através do site da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, a escola possui uma APMF (Associação de Pais Mestres e Funcionários) cujo período de mandato é válido por dois anos (o último iniciou-se em 11 de maio de 2013 e se estenderá até o dia 11 de maio de 2015). Possui, para auxílio da modalidade de Educação Especial, Salas de Recursos Multifuncionais. Oferta Ensino Técnico Integrado e Subseqüente em Contabilidade, Recursos

¹ CAPÍTULO I - DO DIREITO AO TRANSPORTE ESCOLAR PÚBLICO

Art. 3.o Têm direito ao transporte escolar público os alunos da Educação Básica, da zona rural e urbana, matriculados na Rede Estadual da Educação e que residam a uma distância igual ou superior a 2.000 m (02 quilômetros) das escolas em que estão matriculados. (SEED, 2013)

<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.doaction=exibir&codAto=89706&indic e=1&totalRegistros=1>

Humanos, Administração e Secretariado, bem como Inglês, no nível básico e, também, o Ensino Médio Inovador.

O Colégio conta com 30 servidores em funções de apoio técnico e pedagógico. Possui 44 turmas e 1023 matrículas, sendo que, destas, há 35 turmas de Ensino Médio, com 855 matrículas, (destas, por sua vez, 26 turmas, com 644 matrículas são referentes ao Ensino Médio Regular, quatro turmas, com 79 matrículas, são referentes ao Ensino Médio Técnico Integrado e cinco turmas, com 132 matrículas, são referentes ao Ensino Técnico Subseqüente). Há também, duas turmas de Atendimento Educacional Especializado, com duas matrículas e sete turmas de Atividades Complementares, com 166 matrículas (sendo divididas entre quatro turmas de CELEM – Centro de Ensino de Língua Estrangeira Moderna, com 104 matrículas e 3 turmas Permanente, com 62 matrículas).

O colégio não faz exigência do uso de uniforme escolar, ficando as/os estudantes livres para se vestir da forma que lhes convém e expressar, desta forma, sua visão de mundo.

Abrigada no ambiente acima descrito a pesquisa ganhou corpo e buscamos conhecer os espaços nos quais os estudantes da pesquisa se encontravam. Seria através do contexto destes estudantes que novos questionamentos se formariam para a complementação dos questionários e diálogos que travaríamos ao longo das semanas com as/os adolescentes, que se revelariam quais as angústias as/os estudantes temeriam e através do dia a dia qual seria a visão que elas/es tem sobre a qualidade de formação oferecida no ensino público e ir além do contexto escolar, mas como sua formação fora dela também constitui o que elas/eles são.

Abaixo apresentamos uma tabela com a grade horária semestral da turma analisada:

Turma: 2ºC Manhã

Grade Horária:

Dias da Semana	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Horários					
7h30	Artes	Matemática	Geografia	Geografia	Artes
8h20	Matemática	Matemática	Sociologia	Matemática	Artes

9h10	Matemática	Geografia	Sociologia	Matemática	Química
10h00	<u>Intervalo</u>				
10h20	Química	Química	Física	Física	Física
11h10	Química	Artes	Física	Física	Sociologia
11h45	<u>Saída</u>				

O sistema de ensino do Colégio Estadual Prefeito Elton Rezende é organizado por blocos. Esse sistema foi implantado em escolas estaduais durante o governo de Roberto Requião, em 2009, buscando diminuir a evasão de estudantes do Ensino Médio e permitindo a estas/es concluírem algumas disciplinas em seis meses. Caso repetisse o ano, não seria necessário refazer o ano inteiro, mas só as disciplinas em paralelo com o semestre seguinte. Porém não são todas as escolas que se adaptaram de boa maneira ao sistema, o Colégio Estadual Professor Evaldo Martins é um destes que saiu do sistema de blocos, por diversos pedidos das/os estudantes, e voltaram ao método tradicional de ensino anual.

Sob a aceitação dos blocos, um dos entrevistados apontou em sua fala que o maior problema do colégio que nos encontrávamos seria o sistema de blocos, que não permitiria um melhor aproveitamento das disciplinas:

Eduardo (16 anos): *É o sistema de blocos. É tudo dividido, português...*

Entrevistadora: *Fica tudo corrido...*

Eduardo: *Você esquece!*

Segundo os documentos da Secretaria de Educação consultados (SEED, 2008/2009), as escolas que possuíssem mais de uma turma de Ensino Médio, poderiam adotar o sistema de blocos a partir do calendário letivo de 2009. Os blocos são divididos por uma matriz curricular única, sendo o Bloco I contendo as disciplinas de: Biologia, Educação Física, Filosofia, História, LEM, Língua Portuguesa e o Bloco II com as disciplinas que presenciamos em nosso período de observação na escola: Física, Matemática, Geografia, Química, Artes e Sociologia.

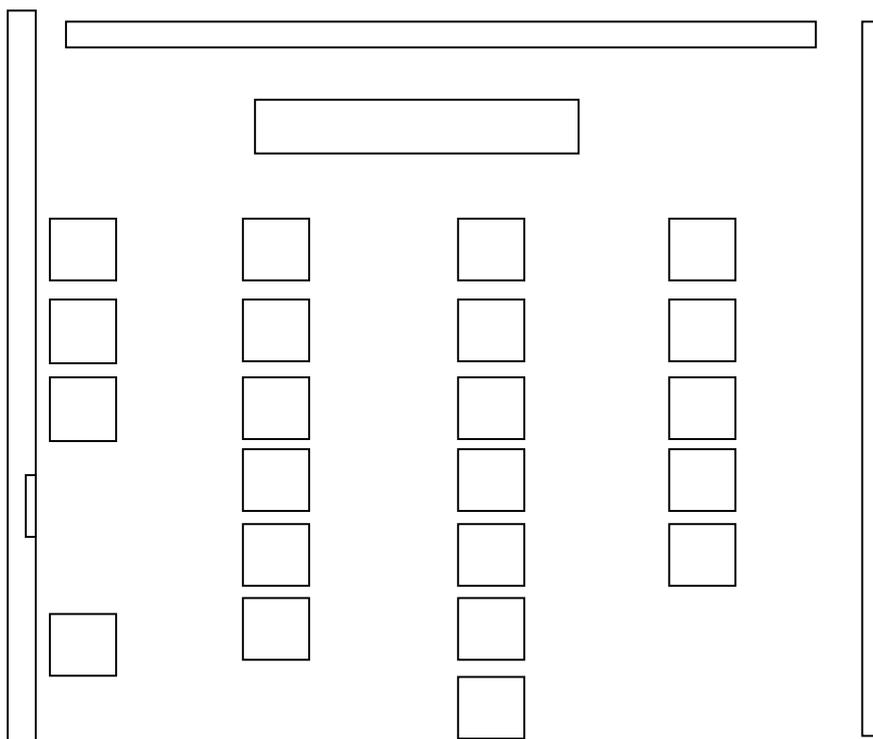
Em momento algum os documentos mencionam a intervenção de pontos de vistas dos jovens, que são os atores principais da etapa, apenas são lançadas

instruções de normalização do sistema, reforçando o segundo plano que estes adolescentes têm sobre a construção do espaço físico e curricular no seu ambiente educacional.

O sistema da escola (blocos) coloca um ponto de interrogação sob o estreitamento das relações de afetividade atrelado às cadeiras cativas de sala de aula. Não há muito tempo para a formação de grupos e os colegas mais chegados se encontram alojados em outras salas, com outras turmas. Através de nossas observações, as/os jovens sentam com frequência em seus mesmos lugares, porém quando sentem vontade de estar mais próximo à outra pessoa, em outro dia, assim o fazem. O que não altera no perfil de sala de aula é os rotulados “certinhos” sentados a frente, perto da carteira do professor. O aluno de nacionalidade japonesa, Nicolas é um destes casos, sendo o primeiro da fila. O grupo do fundo é o que mais dá trabalho aos professores, sendo frequentemente chamados e orientados a prestarem atenção.

O que podemos ponderar é que esse sistema, pelo menos no contexto dos dias observados pelas pesquisadoras, distancia e empobrece laços mais estreitos de amizade e fazem da sala de aula um local de passagem por estes/as jovens durante o Ensino Médio.

Sala de Aula:



A turma de 2º ano do Colégio Estadual Prefeito Elton Rezende analisada é composta por uma quantidade equilibrada dentre suas/seus estudantes, entre 16 e 18 anos. A turma tem em sua lista de presença 30 estudantes matriculados, sendo três remanejados, totalizando 27 jovens, mas com uma média de frequência de, aproximadamente 19 a 20 estudantes.

Com os dados recolhidos passamos a frequentar a turma por um curto período todos os dias pela manhã.

5. OBSERVAÇÕES – CONVIVENDO COM OS JOVENS E REEDUCANDO O OLHAR SOBRE O ENSINO MÉDIO

5.1 - 1º SEMANA

Começamos o primeiro dia da observação no colégio se apresentando para a pedagoga que fizemos contato, porém ela não estava e a nova pedagoga que, só após ligar para a outra, nos levou sem saber bem onde era a sala que nos encontraríamos nas próximas semanas, o 2º ano C. No primeiro dia de observação a sala contava com mais carteiras do que estudantes, totalizando 18 estudantes, segundo contamos, demonstrando o absenteísmo em uma segunda-feira.

A primeira aula era de artes e assistiam a um vídeo. Após o sinal bater os estudantes do fundo colaram adesivos de caderno para fechar a janela e cortar o vento que passava nas frestas, reforçando a infraestrutura precária do prédio, sendo ele metade de madeira, metade de alvenaria, com janelas, pisos, portas e paredes que necessitam de reformas, pinturas e novos materiais para que possa vir a contribuir com a melhor qualidade de aprendizado no ambiente escolar. Afinal um local limpo, iluminado e bonito também atrai os olhares e a oferece ânimo ao estudante.

Em seguida, entrou o professor de matemática para dar a aula. Esta, por sua vez, parecia não ter sido planejada, uma vez que o professor distribuía questões de matrizes no quadro e as ia resolvendo na hora e com a calculadora do celular de sua posse para obter os resultados. É um professor descontraído com a turma. Às vezes permite liberdade demais e não era possível notar muito respeito dado à sua atuação pedagógica por parte dos adolescentes.

Ouvi o dialogo de duas alunas. A que chegou atrasada para a aula, disse para a colega: “Eu não preciso de matemática na minha vida. Eu quero ir logo para a faculdade.” Ela dizia querer fugir das exatas e essa angústia se deve pelo bloco do semestre ser somente de disciplinas exatas, só terão aulas de Física, Química, Matemática até o fim do ano (além de Sociologia e Artes). Ela não está vendo importância destas disciplinas para o curso que deseja fazer (pelo o que entendi no momento era o curso de Direito, que futuramente seria (re)afirmado na entrevista realizada com ela). A estudante, então, perguntou ao professor se havia possibilidade de fazer o vestibular sem terminar o Ensino Médio e ele explicou que ela precisava terminar a etapa. Ela não desistiu e pediu outra solução, afinal para ela “seria muito tempo fazendo disciplinas que não tinham importância”. Reforçou achar desnecessário precisar do diploma do Ensino Médio concluído para entrar na faculdade. Então o professor disse que ela poderia fazer o ENEM e se obtivesse “‘tantos’ pontos” ela concluíria a etapa apenas com esta pontuação. Ela se animou.

Após alguns dias viemos a descobrir o nome desta estudante que reluta com este currículo que lhe desinteressa, Carla. Em seu perfil é possível analisar que não receia perguntar quando sente dúvidas, pede ajuda para os colegas para resolver exercícios com frequência e ao aceitar ser entrevistada falou em tom maduro e crítico sobre as questões expostas (família, colégio, futuro, etc.). Ela também expõe a falta de interesse que os jovens, do colégio que se encontrava, por cursos oferecidos e pela falta de luta por direitos, por acomodação e preguiça.

Ficamos inquietas com seu comentário a respeito da possibilidade de se repensar a obrigação de se estudar a etapa do Ensino Médio e através da reflexão a respeito desta fala concordamos com a angústia revelada. No sentido de que seria preferível pular a etapa em questão a cursá-la, dado o atual currículo ofertado. Percebemos como interessante o fato de o Ensino Médio proporcionar uma visão geral das ciências acadêmicas aos estudantes, antes destes terem acesso à

universidade. Pois isso facilitaria, em tese, a sua visão mais global a respeito do conhecimento adquirido pela humanidade, e possibilitaria uma escolha profissional mais consciente.

Entretanto, a realidade nos demonstra que esta abordagem mais conscientizadora e autônoma não se tem feito presente, uma vez que o currículo é superficial, conta com muitas repetições de conteúdos do ensino fundamental e pinceladas de conteúdos mais elaborados. Este currículo não atrai o adolescente, e, por isso, faz com que ele questione como o fez esta estudante, a seleção dos conhecimentos que o compõem.

Na aula de Química a professora comentou que é normal o tumulto após o intervalo e ela espera algum tempo para começar a aula, com o intuito de que eles se acalmem. Ela explicou também que existe um cronograma da disciplina e que as/os estudantes também o possuem, assim sabem o que e quando serão cobrados a respeito dos conteúdos ensinados.

Na última aula deste dia, a professora de Artes passou um questionário e exigiu letra de forma para as/os estudantes fazerem na folha. Porém, no fim da aula, tudo o que existia de calmo desapareceu. Um estudante se negou a fazer o questionário durante a aula e já se preparava para ir embora, com o material nas costas, mas a professora não gostou da atitude e exigiu que voltasse a se sentar e fazer a atividade. Houve uma calorosa discussão, o sinal bateu e ele foi embora sem lhe dar ouvido. Ela se exaltou, ficou realmente furiosa e pasma com o descaso do estudante com ela.

No dia que se sucedeu a cidade amanheceu fria e os adolescentes estavam bem agitados, conversando muito. A professora de Sociologia passou o filme "*História das Coisas*", na sala de vídeo, através de um projetor. Houve pouco interesse apresentado pelos adolescentes. Quanto à professora, esta apenas chegou à sala de aula e lhes comunicou que iriam assistir ao filme. Alguns cochilaram explicitamente, outros conversaram bastante, e houve alguns que prestaram atenção.

Um adolescente, após voltarem à sala de aula e iniciar a discussão a respeito, opina que o vídeo é muito exagerado, opinião esta que foi duramente contestado pela professora. Ela fez uma relação entre consumo-violência. A turma permaneceu

desconcentrada e dispersa. A professora mudou a estratégia da aula e começou a passar informações sobre gênero no quadro.

Foi notado a divulgação de um evento realizado pelo 4º ano de Secretariado, colado na parede. Se chama 2º DANSEC (Concurso de Dança promovido pelo 2º ano do Curso Técnico de Secretariado, com o apoio da Direção e Coordenação do Curso de Secretariado). Não ouvi comentário nenhum a respeito do evento e este é o que mais se aproxima a uma experiência de atividade de grupo realizada no interior do ambiente escolar, porém o 2º ano regular de nada sabia do evento. Com o passar do nosso tempo de observação na escola e através das entrevistas não houve sequer menção de participação da turma, ou de algum estudante em específico, no evento.

Um grupo de jovens discute a respeito de assuntos religiosos polêmicos como alma, destino e outros assuntos de religião. A professora de Sociologia começa iniciando a aula discutindo a respeito de outro assunto, depois vai para um terceiro sem fazer uma ligação coerente entre essas provocações. O resultado é que o clima da aula parece pouco reflexivo e necessitado de organização.

Mas durante a aula de Física (4º horário) os meninos do fundo da sala comiam um pacote de bolacha do lanche e continuam a fazer muito agito. Os estudantes pedem para o professor esperar eles terminarem de fazer o exercício para então corrigir. Têm interesse em tentar fazer. Há também alguns que não se interessam por isso. O professor me confunde com uma das adolescentes, me reconhece e pergunta se eu já fui sua aluna. Eu confirmo e, no final da aula, descemos a escada, com o professor me dizendo que quer se aposentar porque os estudantes não se interessam por estudar, que ele não consegue dar toda a matéria necessária por falhas do sistema educacional, porque a pedagogia só defende os direitos dos estudantes e não os seus deveres...

A sala contava com poucos estudantes pela manhã e a professora de Artes recolhia dinheiro para pagar a fotocópia de três folhas que ajudariam os estudantes a responder o próximo questionário proposto por ela e, também, serviria de material de estudo para a prova. Um estudante que havia discutido com a professora na aula anterior, não apareceu. A professora confiscou o celular de um dos estudantes, por estar fazendo uso dele durante sua explicação, o devolveu no final da aula com recomendações como: *“da próxima vez, só o pai retira”*.

A professora de Química dá aula sobre mol e lhes fornece exemplos da quantidade de açúcar que há no refrigerante, atestando, desta forma, através dos conhecimentos fornecidos por esta vertente da ciência, o quanto o excesso no consumo de açúcar pode ser prejudicial à saúde. Um estudante, Samuel, faz uma referência a este episódio durante sua entrevista: “*porque aprender quantos mols tem uma bebida?*” (Depoimento 114) Ele considera um conteúdo inútil e muito abstrato. A professora conversa e encoraja o estudante Nicolas, que chegou recentemente do Japão e que possui domínio na área de exatas, para se preparar para o ingresso em uma universidade. Quando termina a aula, muito rapidamente todos se dirigem para fora da escola, quer para já se dispersarem para seus respectivos locais de paradas de ônibus, quer para permanecerem no portão, conversando com seus colegas e demais estudantes de outras turmas.

Foram liberados mais cedo (não tiveram a última aula). Mas durante a aula de Física (4º horário) os meninos do fundo da sala comiam um pacote de bolacha do lanche e continuam a fazer muito agito. O estudante Nicolas é o único com o uniforme e faz origami durante a aula. Os estudantes pedem para o professor esperar eles terminarem de fazer o exercício para então corrigir. Têm interesse em tentar fazer. Há também alguns que não se interessam por isso. O professor me confunde com uma das adolescentes, me reconhece e pergunta se eu já fui sua aluna. Eu confirmo e, no final da aula, descemos a escada, com o professor me dizendo que quer se aposentar porque os estudantes não se interessam por estudar, que ele não consegue dar toda a matéria necessária por falhas do sistema educacional, porque a pedagogia só defende os direitos dos estudantes e não os seus deveres...

5.2 - 2º SEMANA

Na segunda semana de observação, a primeira aula foi matemática. Há muita descontração entre professor - estudantes. Aparece, por vezes, alguma “palavra de ordem”, como: “Guarda o celular!” e afins... Estudantes conversam muito entre si, comem durante a aula e, intercalado a isso, resolvem seus exercícios.

As/os estudantes “da frente” (*Samuel, Carolina, Joana, Carla...*) começam a debater a respeito de assuntos como: namoro (“Professor, qual o nome da pessoa

com quem você namora?”), universidade, Harvard e intercâmbio. Ninguém presta atenção na correção da matriz. Os filmes também se tornam temas de conversa (entre eles: “Harry Potter, Nárnia, Transformers e outros) com o professor, durante a resolução dos exercícios.

No intervalo, descobri que havia um Laboratório de Fotografia na escola. Porém não vi ninguém utilizá-lo, somente mais tarde vi um cartaz sobre um curso de fotografia que era oferecido no contraturno.

A professora de Química relacionou o conteúdo com as questões sociais, como o consumo de bebidas alcoólicas com Título de Volume. Na aula de Artes, a professora relacionou seus conteúdos com os conhecimentos históricos, o que conquistou a atenção e o respeito dos adolescentes.

Em nova manhã de aulas o número de estudantes ainda é muito baixo, com aproximadamente 17 estudantes em sala de aula. Durante a aula de Geografia, a aula ocorreu com a continuação da resolução de exercícios. Três meninas leem livros, uma da fila do meio, outras da fila da porta, uma no meio da fila, a outra é a última, a que está sentada mais isoladamente e que não interage muito com seus colegas. Quando não está lendo e ouvindo música, está escrevendo e ouvindo música. A turma conversa. Uma menina cochila. Algumas meninas fazem a lição. Os estudantes pedem auxílio uns aos outros. Vários deles leem livros (não os didáticos), geralmente meninas. Alguns vão para o corredor no intervalo de tempo “entre aulas”.

Nas aulas geminadas de Sociologia, em geral, a turma é bem organicamente socializada. Apenas os rapazes mais “*bad boy*” que excluem um pouco o rapaz japonês, Nicolas e seus dois colegas, Rafael e Enrico. Quem não está conversando, lê ou cochila. Há muita conversa paralela. Os que estão mais próximos da professora debatem sobre a disciplina, os outros conversam entre si. A professora passa toda a matéria no quadro, isso faz com que muito tempo seja perdido e haja muita dispersão. Os/as estudantes não apreciam a disciplina de sociologia porque eles não estão acostumados a debater e criticar assuntos reflexivos, isso é reforçado nas nossas entrevistas, onde os estudantes, quando perguntados sobre as práticas de sala de aula, diziam já estarem acostumados ao tédio, a falta de materiais e aos problemas de estrutura do colégio e de um currículo pensado nas necessidades deles. O método da professora é de lançar uma questão para debater e tentar

arrancar respostas, por fim ela da sua opinião sobre o assunto para eles/elas terem sua referência. Será isso discutir sociologia?

Nas aulas geminadas de Física, o professor fornece alguns macetes. Esses macetes são resquícios de um professor que dá aula em cursinhos há muitos anos e tem essa “boa fama” no colégio. Os adolescentes parecem atentos; brincam, conversam, mas não deixam de prestar atenção. Nem sempre entendem a disciplina, mas se esforçam por assimilar os macetes.

Na manhã seguinte vi uma ou duas estudantes dessa turma no terminal de ônibus, enquanto estava vindo para o colégio. Mas elas não pegaram o ônibus para chegar à escola. Na aula de geografia a professora oferece a última oportunidade para a entrega dos exercícios. Durante as aulas geminadas de Matemática, os adolescentes conversam e interagem entre si; o professor anda pela sala e interage com eles. O quadro negro está repleto com cinco exercícios de matrizes.

É difícil conversar com todos eles, às vezes, eles se mostram não muito sociáveis, no sentido de iniciar e manter conversa. Essa comunicação só se modifica quando não estamos com eles em sala de aula. Nas aulas que estão sem professor e ficam no pátio conseguíamos melhor contato e conversas, mas isso só foi sendo percebido com o decorrer das semanas na escola.

Enquanto o professor está ausente, alguns estudantes começam a conversar e a sala se agita mais, um deles se levanta para conversar com seu amigo. O estudante Nicolas é o único que vai com o uniforme à escola e faz origami durante a aula. Em algumas aulas, mesmo com a presença do professor, o agito continua, bem como os passeios pela sala.

Na aula de química a turma perguntou para a professora sobre a menina de outra turma que, durante o período no pátio, se cortou no banheiro da escola. Segundo a professora, ela já está na orientação pedagógica e pelo o que avaliou, o corte era superficial no braço. A professora anda pela sala enquanto alguns pedem auxílio. Nicolas é sempre requerido para a “consultoria de resultado dos cálculos”. Os estudantes sentam-se, geralmente, nos mesmos lugares, ou em lugares próximos. Eventualmente mudam de lugar.

A aula de Física foi sobre calorimetria. Todos prestam atenção na explicação e na resolução das questões. O professor de Física chama a atenção da turma, de uma hora para a outra, em virtude da dispersão, sendo que, geralmente, ele os

deixa livres. Acreditamos que isso possa ter acontecido por influência da nossa presença. Ele ameaça dar suspensão no dia da prova, por causa do mal comportamento. Falou da importância de se estudar para um vestibular (ele fala a respeito em todas as suas aulas). Segundo nossa percepção essa atitude, por parte do professor, reforça a usual prática no Ensino Médio de se planejar as aulas tendo em vista a preparação para o vestibular e o ingresso na Universidade, fato que observamos na escola pública sendo essa prática mais notória nas escolas privadas. O estudante Samuel e a Joana reclamam dele por achar que ele se daria melhor dando aula em cursinho. Em escola pública eles não têm condições de aprendizagem suficientes para compreender de modo satisfatório à expectativa do professor.

Na 5ª e última aula da semana, houve prova de Sociologia, com questões de múltipla escolha e algumas poucas dissertativas. Para uma prova, houve mais conversa que o esperado.

6. REVELAÇÕES FORNECIDAS PELOS QUESTIONÁRIOS ESCRITOS QUANTO A RELAÇÃO JOVEM-ESCOLA

Achamos pertinente enriquecer nossas análises etnográficas com a elaboração de questionários e realizações de entrevistas com jovens, com a turma já referida, para conhecermos mais especificamente seu modo de vida, quem é este jovem, o que faz na escola e qual o papel a escola desempenha para ele/ela.

Para obter as respostas dos questionários, primeiramente passamos uma lista com o campo “nome” e “e-mail”, e em seguida encaminhamos o formulário através dos e-mails fornecidos. Escolhemos essa forma para a pesquisa por se tratar de jovens que, até aquele momento, acreditávamos fazer uso recorrente da caixa de email e que responderiam sem delongas os questionários. Estes questionários foram produzidos com questões de múltipla escolha, “sim ou não”, enunciados curtos e com uma logo dinâmica. Porém o resultado esperado deixou a desejar. Os poucos que responderam não enviavam de maneira correta, resolvemos assim imprimi-los e entregar em mãos para cada estudante, deixando livres ainda para aceitar preencher ou não.

Os dados coletados foram analisados com a intervenção da realização dos questionários e das entrevistas com os estudantes, elucidados também pelas observações feitas pelas pesquisadoras, durante o período.

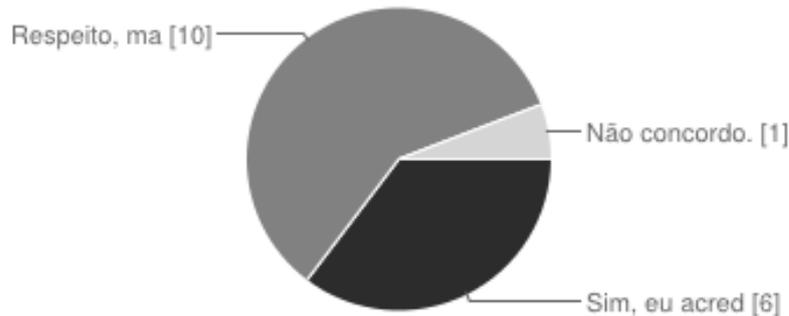
A questão: *“Você não é uma criança e também ainda não é um adulto. É bom ser adolescente?”* foi unânime por parte dos 17 estudantes a resposta afirmativa. Estas respostas positivas, sobre a adolescência ser uma boa fase, tem complementação na questão discursiva seguinte: *“O que faz um jovem ser diferente de um adulto?”* Tendo como maior parte das respostas àquelas que privilegiam o fato de se ter menos responsabilidades e maturidade, e, em contrapartida, mais energia, sonhos e liberdade. Estas são visões e características relacionadas a uma fase subsequente a infância, que antes eram controladas pelas ordens dos pais ou responsáveis, mas que ainda não possuem autonomia para viver por conta própria como um adulto. As ideias de possuir mais sonhos, energia e liberdade constroem um sujeito mais questionador dos atos e concepções sobre o mundo durante a adolescência.

Na pergunta seguinte, pedimos para os estudantes imaginarem a seguinte situação hipotética: *“Você ainda depende dos seus responsáveis e engravidou sua namorada (ou engravidou do seu namorado). Você incentivaria (ou cometeria) o aborto? Porque escolheria tomar esta atitude?”* As respostas recebidas mostraram que boa parte da turma se posiciona contrária ao aborto, tendo 11 respostas negativas a opção que favorece o aborto, afinal “os jovens se preocupam com os riscos que envolvem um aborto. E embora seja mais comum que esses sejam referidos por mulheres, há casos de rapazes conscientes sobre os perigos (Abramovay, 2004) expressados, por exemplo, nas falas dos rapazes: *“Eu cuidaria, pois foi minha responsabilidade”... Cuidaria com muito amor.*” Além de três afirmativas, com justificativas como: *“Por medo, tanto dos meus pais, e porque vou perder uma boa parte da minha vida.”* e também *“Sim, pois não iria querer depender mais ainda dos meus pais, não iria querer ferrar minha adolescência”*. Havendo ainda outras 3 com erros de concordância que inviabilizaram a compreensão, dos quais, o exemplo que mais denota ambiguidade, diz: *“Incentivaria porque é um ser humano.”* Não se atendo nas questões ambíguas, a maior parte dos/das estudantes defende um posicionamento contrário ao aborto, valorizando a nova vida formada e levando em

consideração que eles também precisam assumir responsabilidades seja elas as mais difíceis que forem.

A próxima questão procurou explorar as opiniões acerca da sexualidade:

Você esta em uma praça com amigos e vê um casal homossexual se beijando. Você acha que eles têm o direito de fazer isso?



Sim, eu acredito que todos têm o direito de estar com quem ama.	6	35%
Respeito, mas não acho bonito.	10	59%
Não concordo.	1	6%

Das respostas, 59% assinalaram “*Respeito, mas não acho bonito*”, 35%, “*Sim, eu acredito que todos têm o direito de estar com quem ama*”, sendo que uma das adolescentes registrou ao lado da alternativa assinalada, “*Sou lésbica... uhulll.*” E apenas um estudante afirma não concordar com a situação descrita. Sob esta questão, jovens de várias regiões do país compartilham dessa visão, como demonstra o trabalho “*Juventudes e Sexualidade*” onde “muitos dizem que não têm preconceito, desde que o homossexual permaneça longe, não se aproxime e, principalmente, que não insinue que eles possam ser um igual ou um parceiro da relação.”(Abramovay, 2004p.280). Esta limitação de contato, respeitar, mas não tolerar distancia e reforça o preconceito e a maneira machista da sociedade se portar.

Quando foram questionados a respeito do que consideravam mais importante: satisfação pessoal na sua escolha profissional do que o retorno financeiro desta escolha, muitos (10 questionários) afirmaram ser mais importante a satisfação pessoal. Grande parte desses jovens sonha com a profissão que gosta e ama e admite que o dinheiro seria apenas uma retribuição do trabalho. A maioria desses

adolescentes demonstrou uma visão idealista e romântica sobre seus futuros. Alguns se inclinaram a ambos os fatores de escolha, considerando de fundamental importância o equilíbrio entre eles. Ouve ainda, uma resposta que se mostrou negativa frente a hipótese de que ao se fazer o que se gosta o retorno financeiro torna-se de uma importância secundária: *“Retorno financeiro primeiro depois fazer o que se quer”*.

Havia uma questão que fazia referência às manifestações populares ocorridas pelo Brasil neste ano: *“Após os protestos que ocorreram nas ruas a partir de junho, você considera que eles podem contribuir para mudanças significativas na cidade e no país?”* As respostas foram em grande parte afirmativas, porém, não possuem aprofundamento reflexivo, são respostas vagas e breves, geralmente apresentadas apenas pela sucinta resposta afirmativa: “Sim”, e, por vezes relatando que as mudanças sociais poderiam acontecer caso o país não se acomodasse. Apenas duas delas negam esta perspectiva, sendo que uma delas é muito pessimista, por exemplo: *“Não, pois o Brasil sempre será alienado e manipulados pela mídia e governo. O Brasil nunca vai crescer e mudar”* e *“Não muito, pois agora nada mudou depois que todos se calaram.”* Apesar da maioria das respostas dessa questão serem afirmativas quando são questionados sobre as atividades que se envolvem politicamente e socialmente, muitos declararam não se envolver. Entretanto, um dos estudantes diz se envolver com trabalhos voluntários em ONGs, mas não possui interesse em política. Já outro diz participar de um curso de política e lê sobre o assunto.

Tivemos a sensibilidade de investigar se há no espaço escolar um grêmio estudantil, e qual a sua importância e relevância nesta comunidade. Descobrimos, através das respostas que os estudantes nos forneceram que não há nenhuma iniciativa neste sentido e não há valorização quanto esta ideia. Alguns exemplos: *“Na minha opinião, eu acho que não adianta muito”*; *“Não é muito levado a sério na minha opinião”*; *“Não têm muita importância”*. Poucos estudantes acreditam ser bom ter, com depoimentos como este: *“Não tem no colégio, mas acho que seria interessante”* e um positivo: *“MUITA importância! No meu outro colégio eu fazia parte do grêmio independente da escola. É difícil fazer o pessoal compreender essa importância.”* Neste último caso, trata-se de uma estudante que recentemente foi transferida de outro colégio, e lá ela fazia parte de um grêmio, segundo seus relatos.

“Uma aula precisa do que para ser legal?” Foi à pergunta que formulamos para descobrir do que os jovens mais sentem falta no Ensino Médio. Suas sugestões não abarcam soluções de alto custo ou inviáveis de se realizar. Por exemplo: Aulas ao ar livre, aulas que permitam mais discussões além da matéria; aula de Sociologia feita em roda, para interagir melhor; pelo menos 30 minutos da manhã, de qualquer aula, para ler, pelo menos uma vez por semana; e experiências no laboratório. Ficamos surpresas com a seguinte resposta: *“Aula de Ed. Física ter bolas que não estejam furadas.”*, que envolve o mínimo de infraestrutura e, até zelo, pela preparação da aula. Foi apresentada a nós a alternativa das Salas Ambiente, proposta por um dos jovens, com o intuito de que eles pudessem experimentar novas possibilidades de se vivenciar a prática cotidiana escolar. Foram registradas muitas respostas pedindo aulas mais práticas.

Um bom professor na opinião dos adolescentes seria, de acordo com as respostas fornecidas, um que interagisse bem com a turma, que soubesse conversar, que dessas aulas mais dinâmicas, que fosse educado e criativo em suas aulas, que está satisfeito com seu trabalho e que se preocupasse com o bem estar do aluno. Ao mesmo tempo em que há resposta pedindo por uma maior aproximação entre professor - aluno, com mais personalidade, encontramos respostas que anseiam por um professor que imponha limites, que se faça respeitar e que tenha certa rigidez. Entretanto percebemos que essas respostas não se excluem, pois esta segunda característica de um bom professor, na opinião dos jovens, está mais atrelada à seriedade dos profissionais no exercício do seu trabalho no que a uma personalidade rude. Essa postura dos professores é exigida segundo Moraes para:

quem ocupa e representa o papel de autoridade, vale dizer, quem é responsável por organizar e dar direção, deveria ter equilíbrio suficiente para uma resposta adulta, quer dizer, fundada na certeza de que ser alvo daquele comportamento, que pode ser até chato e indesejável, faz parte do processo por intermédio do qual os jovens constroem suas identidades e testam a consistência da autoridade do adulto.(Moraes,2008,p.12)

Segundo a opinião dos estudantes sobre a importância do Ensino Médio, esta se dá em virtude da possibilidade de ingresso ao Ensino Superior (50% das respostas). Em segundo lugar, vem à necessidade de estudar para conseguir um

emprego (33% das respostas). Estes e os dados referentes às demais justificativas podem ser visualizados em seguida:

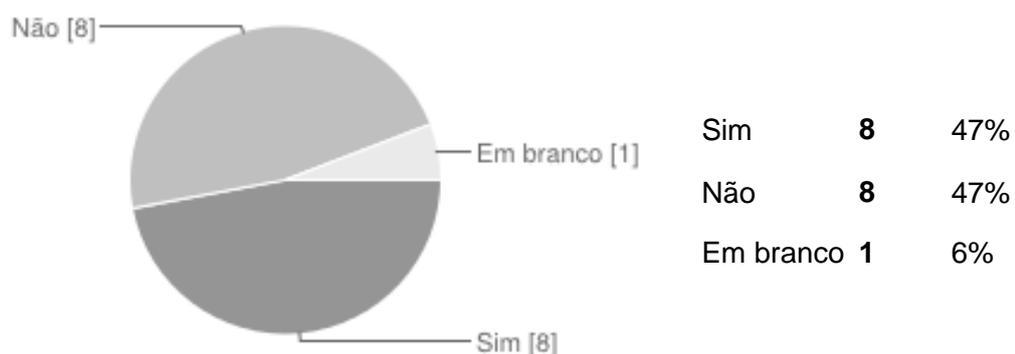
Em sua opinião, porque o Ensino Médio é importante?

Porque eu preciso estudar para continuar no meu estágio	3	13%
Porque eu sei que eu preciso estudar para conseguir um emprego	8	33%
Porque eu quero entrar na faculdade	12	50%
Porque a minha família me obriga a ir às aulas	0	0%
Porque eu posso encontrar meus amigos quando vou à escola	0	0%

Estes resultados nos informam qual seria o papel que o Ensino Médio tem na concepção dos/das jovens que frequentam no dia a dia as salas de aula. O currículo é voltado para o vestibular, o que deixa alguns/algumas jovens incomodados (podemos constatar a partir de falas registradas) durante as entrevistas.

Quanto à concordância em relação aos conteúdos a serem ensinados no Ensino Médio, houve uma divisão igualitária de opiniões: 47% demonstraram estar de acordo e 47% contrários, dividindo opiniões. Apenas uma pessoa deixou de responder a esta questão. O gráfico representativo se encontra logo abaixo:

Com relação aos conteúdos que você tem em sala de aula, você está de acordo com as coisas que devem ser estudadas no colégio?



A utilização do espaço da Biblioteca se dá nas seguintes situações: para leitura, realização de tarefas, pesquisas e trabalhos, empréstimo de livros, para estudar, ler e conversar, para jogos de tabuleiro, ficar de castigo e realização de trabalhos atrasados.

Dos questionários recolhidos, 75% dos estudantes declararam não utilizar o laboratório de informática durante as aulas e alguns deles declararam que nem sabem ou nunca entraram neste ambiente. Apenas duas respostas foram deixadas em branco.

Quanto às redes sociais, a utilização diária ocorre no Facebook e no YouTube, todos os dias, não ultrapassando 3 horas de uso. O Twitter é utilizado apenas por 12% dos estudantes, só uma vez por semana. No caso do Instagram e do Google+ houveram resultados bem divididos, mas quase não havendo acesso. Aqueles que os acessam, o fazem apenas algumas vezes por semana. O Myspace só é utilizado por um aluno no final de semana, sendo que outros 14 estudantes assinalaram que não usam e 2 deixaram de responder a questão.

7. ENTREVISTAS

Após a coleta de dados foi feita a análise dos questionários e em seguida as entrevistas realizadas foram transcritas.

Uma entrevista é sempre uma situação artificial, um hiato no cotidiano do entrevistado, a quem se solicita, por vezes, verbalizar coisas sobre as quais ele pode jamais ter pensado ou percebido. Mas ele também observa o investigador, e este formula questões segundo suas próprias expectativas – o que faz desta situação uma relação social. (SOUZA, 2003,p.84)

A entrevista ocorreu de forma gravada, sendo que apenas uma estudante se recusou a ter suas respostas gravadas.

Iniciamos as gravações das entrevistas, para nossa pesquisa, na terceira semana de permanência do colégio. Todos os dias perguntávamos a alguns adolescentes se gostariam de fazer parte do nosso Trabalho de Conclusão de Curso sobre a temática da juventude e a escola e se poderíamos gravar nossa conversa. Eles ficavam envergonhados por saberem que seriam gravadas suas vozes, mas sempre garantimos que o material audiovisual só seria ouvido por nós. Formamos duplas e trios para as conversas, para primeiramente se sentirem mais a vontade e por terem com quem trocar ideias mesmo durante nossa entrevista, causando assim algumas divergências ou identificação de respostas, o que em ambos os casos era

bem visto por nós. Fizemos as entrevistas finais individualmente e dentro de sala de aula, pelo fim do prazo da semana, o que ocasionou muitos ruídos, ficando o trabalho de transcrição duas vezes mais complicado de se fazer. O prazo foi obstáculo para nós, isso se deu desde a orientação do que seria o TCC na Universidade até a busca de uma escola, tudo fez com que o cronograma inicial fosse sendo adiado e com o fim de agosto precisávamos retornar para realizar a análise dos dados para o depósito na data prevista.

As entrevistas variam de tempo, algumas com cerca de 10 minutos e outras mais longas, com tempo médio de 30 minutos, o que levava cerca de uma hora ou mais de transcrição. As conversas com maiores números de adolescentes trouxeram mais resultados e mais material, as que só contavam com um participante utilizava muito em suas respostas apenas com “Sim”, “Não” ou “É”. O gênero também está diversificado em nosso trabalho, mesmo sentindo certo receio dos rapazes com nossa presença eles nos contaram suas expectativas do futuro e da escola.

Para melhor organização dos dados decidimos dividir os temas entre: família, escola, trabalho, futuro, lazer e sociabilidade, o resultado desta se encontra na íntegra no anexo da pesquisa, para que o leitor possa ter acesso ao material colhido e tirar suas próprias conclusões.

A inspiração para a realização dessa metodologia se deu através do texto “Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo” em que a autora Rosália Duarte descreve como:

As formas de colher, transcrever e interpretar relatos orais têm sido objeto de severas críticas por parte da sociologia, no que diz respeito à chamada “garantia de confiabilidade”. No entanto, alguns estudos vêm mostrando a viabilidade de se estabelecerem critérios rigorosos para a avaliação de confiabilidade de conclusões que se baseiam nesse procedimento de investigação. Em 1997, a revista *Sociology* publicou estudo empírico no qual pesquisadores ingleses sugerem um procedimento a que denominam *inter-rater reliability* como um desses critérios.

Defendendo essencialmente neste tipo de procedimento:

Que os relatos gravados e transcritos, assim como os procedimentos utilizados para colhê-los, sejam acessíveis a diferentes pesquisadores que não participaram da pesquisa em questão, para que cada um possa fazer sua própria interpretação do conteúdo dos relatos colhidos e, dessa forma, auxiliar na validação dos resultados apresentados. (ARMSTRONG et al., 1997 apud DUARTE, 2002, p.149)

Entrevista é trabalho, alerta Zaia Brandão, e como tal “reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado”. (BRANDÃO *apud* DUARTE, 2002, p.146)

O modo de organização da temática de entrevistas organizou-se do modelo acatado por Regina Magalhães Souza (2003) na ocasião da publicação de sua pesquisa com os jovens da cidade de São Paulo. Neste roteiro de entrevistas haviam várias temáticas interessantes que compartilhavam com os interesses da nossa monografia. Dentre as quais a preocupação com a apresentação de cada adolescente, sua ocupação no contraturno, suas relações interiores da escola, com colegas, professores, direção/coordenação e com o próprio conhecimento. Suas atividades de lazer também se manifestaram como indagações muito pertinentes para se conhecer melhor o perfil destes estudantes e sua visão da escola em que se inserem.

Na busca de literatura que guiasse nosso comportamento e métodos de ações ao dar início às entrevistas, nos deparamos com algumas recomendações importantes e que nos deram um “norte” sobre as dificuldades e maravilhas da coleta que poderíamos enfrentar. Rememorou as nossas reflexões a autora Rosália Duarte, quando indica que em situações onde há a necessidade de explicar a pergunta ao entrevistado seria melhor tirá-la do roteiro, pois acaba levando o que se espera a ouvir do outro. Tivemos em nossa primeira entrevista esse problema, ao perguntar-lhes sobre o estilo que se classificariam, os estudantes não entenderam o que nós esperamos ouvir, não nos deixando nada muito claro e que nos obrigaram a tentar explicar que estilos poderiam ser esses, atrapalhando assim as respostas e conseqüentemente tiramos a questão nas futuras entrevistas.

Como demanda suscitada pelo desenrolar mesmo da investigação dentro do ambiente escolar frequentado por esta juventude tão diversa, mas, por sua vez, tão unida nesta própria diversidade, este trabalho ainda buscou compreender os sentidos e significados que foram, quase que acidentalmente, alvo de nossa pesquisa, e que muito nos ajudou a conhecer de forma mais profunda (e, por isso mesmo, muitas vezes mais angustiante) a visão e a fala apresentada por estes jovens quanto ao seu sentido que lhes confere a escola.

Dentro desta dinâmica, estes jovens apresentaram um convívio familiar homogêneo, uma vez que, em sua maioria há a presença de familiares residentes com os estudantes, sendo eles, mãe, pai ou padrasto, avó e irmãos. Neste contexto, a importância dada aos jovens com os quais tivemos contato à escola, se deu mais por parte de suas famílias e pessoas próximas a estes, que por eles, propriamente. Dentre as respostas proferidas destacam-se as que atestam que a família, em especial os pais, são aqueles que mais conferem importância ao fato de estudar e ir à escola. Apenas em um caso, uma estudante relatou que quem mais dá importância para ela continuar seus estudos é o seu namorado. Em outros dois casos, duas estudantes relataram que possuem certa autonomia em relação aos pais nesta decisão, querendo dizer que vão à escola quando querem e que essa decisão não é algo que dependa muito da motivação dada pela sua família ao fato.

Entretanto, a observação que fizemos em sala de aula sugeriu maiores discussões. Durante todo o tempo da observação, notamos que na maioria do tempo em que estão em sala, quase todos os estudantes passam as manhãs fazendo uso de aparelhos eletrônicos, celulares, ouvem música em seus fones e assistem a vídeos nestes mesmos dispositivos. As/os adolescentes vivem cercados pelas tecnologias. E é constante, em todos os ambientes da escola, elas/eles transitarem com celulares modernos e com livre acesso à internet. Em vários momentos da manhã (entrada, durante as aulas, intervalo e saída) se pode perceber a presença dos celulares sendo utilizados.

Isso nos causou um pouco de estranheza porque acontece com muita frequência. Poucas vezes eles prestam atenção na aula e passam boa parte do tempo entretendo-se com tecnologias. Nossa hipótese de que isso ocorra tendo como plano de fundo uma falta de motivação em se concentrar na aula se dá pelo fato de percebermos isso no desenvolvimento das entrevistas.

A cada troca de aula eles vão para a porta das salas, encostados ou não, em pé, e conversam e interagem com os colegas de outras turmas que estão no corredor, enquanto esperam a chegada do professor da próxima aula ou enquanto vão averiguar o motivo de sua demora para avisar a inspetora quanto a uma possível aula vaga. Isso faz com o intuito de que algum professor das últimas aulas venha passar alguma atividade a ser realizada para que eles possam ser liberados mais cedo.

Sabemos, e já é exaustiva no meio acadêmico, sobretudo nos estudos relativos à infância, o quanto o ambiente da sala de aula, restritivo e inviável à socialização, torna-se desgastante de se permanecer por muito tempo sentado. Sempre há a resistência juvenil em se circular pela sala para conversar com os colegas, e sabemos que esta alternativa já alivia um pouco o estresse e o incômodo em se ficar por três horas seguidas no mesmo ambiente (isso somado ao fato de que os estudantes do 2ºC, durante este bloco, não podem contar com aulas de educação física). Por estudarem durante o período da manhã, eles vão se manter bem concentrados apenas após o intervalo de 15 minutos, que ocorre por volta das 9h30. Desta forma eles aproveitam este tempo de troca entre professores, antes do horário de intervalo, para poderem se levantar um pouco, conversar, e às vezes até descerem para ir ao banheiro ou beber água.

Os professores criticam muito esta inquietude. Por disporem de pouco tempo de aula, preferem uma sala de aula “organizada e em ordem”, ou seja, com os estudantes sentados e, de preferência, conversando apenas para esclarecer alguma dúvida com o professor. Usam constantemente o argumento que alega que o espaço de tempo entre uma aula e outra, às vezes, tende a ser mais longo pois eles precisam se deslocar, de uma sala que fica num extremo da escola à uma outra que fica noutro extremo, e que até conseguirem chegar em sala e chamar os estudantes para que entrem, tomem seus lugares e se concentrem para que a aula comece, leva muito tempo.

É por sabermos da necessidade de um pouco de movimento até mesmo para auxiliar a concentração durante a aula que compreendemos as atitudes dos jovens, de se deslocarem um pouco, como um “escape” a esta situação restritiva da posição e do movimento e, aliado às demandas de deslocamento de seus professores, uma evidência de que uma reflexão local a respeito da organização dos tempos do Ensino Médio nesta instituição se faz necessária. Mas, dada a abrangência do nosso trabalho, a escassez de tempo em se tratar este assunto e as limitações da nossa atuação na escola, decidimos por apenas evidenciar esta necessidade, sem maiores delongas no momento.

O comportamento agitado e disperso em sala de aula evidencia-se em cada momento. Eles precisam primeiro falar, rir, fofocar e na hora de corrigir os exercícios propostos surge uma vontade de querer aprender a resolver as questões. É possível

ver que cada um possui um tempo e que não é possível forçar todos a terem comportamentos e uma disposição igual de um para outro.

Nas aulas geminadas de Sociologia, quem não está conversando, lê ou cochila. Há muita conversa paralela. Os que estão mais próximos da professora debatem sobre a disciplina, os outros conversam entre si. A professora passa toda a matéria no quadro, isso faz com que muito tempo seja perdido e haja muita dispersão. Ficou evidenciado que os/as estudantes não apreciam a disciplina de Sociologia. Acreditamos que a depreciação por esta aula se deva ao fato de eles não estarem acostumados a debater e criticar assuntos reflexivos.

Durante as observações que fizemos em sala de aula, notamos que a metodologia utilizada pela professora, também não auxilia na geração de discussões mais reflexivas por parte dos jovens, quanto aos conteúdos debatidos em sala de aula. O que gera uma falta de vivacidade à dinâmica, além da falta de atratividade das demandas discutidas e falta de motivação dos estudantes pelo estudo sociológico.

Isso é reforçado nas nossas entrevistas, onde os estudantes, quando perguntados sobre as práticas de sala de aula, diziam já estarem acostumados ao tédio, a falta de materiais e aos problemas de estrutura do colégio e de um currículo pensado nas necessidades deles. Essa inércia não é característica da juventude, uma vez que a imagem do jovem como alguém questionador, desacomodado, inquieto com as injustiças sociais, é algo amplamente aceito como pertencente da natureza desta fase.

Porém, notamos que este comodismo é algo que tem sido nutrido. A escola vem podando a consciência de crítica em seus estudantes desde a Educação Infantil, de modo que eles chegam ao fim da Educação Básica indiferentes às práticas escolares e com “bons olhos” à capacitação e profissionalização. O método da professora é de lançar uma questão para debater e tentar arrancar respostas, por fim ela dá sua opinião sobre o assunto para eles/elas terem sua referência. Será isso discutir sociologia?

Nas aulas geminadas de física, o professor fornece alguns macetes. Esses macetes são resquícios de um professor que dá aula em cursinhos há muitos anos e tem essa “boa fama” no colégio. Os adolescentes parecem atentos; brincam,

conversam, mas não deixam de prestar atenção. Nem sempre entendem a disciplina, mas se esforçam por assimilar os macetes.

Geralmente eles copiam os trabalhos uns dos outros ou copiam diretamente do livro. Pela pressa com que realizam, parece que o trabalho é muito pouco ou quase nada reflexivo. Os professores também favorecem, embora estejam constantemente incentivando o estudo e a realização de trabalhos avaliativos que exprimam a atenção e o esforço consciente e, por vezes, crítico dos estudantes. Acabam por ser coniventes com esta prática de avaliações que apenas contêm cópias de livros didáticos e informações obtidas via internet, ainda que deem orientações para a realização dos trabalhos, como por exemplo: trabalhos manuscritos e com a informação das referências de acesso.

Este fato é importante de ser analisado por dois fatores. Primeiramente pelo fato de o desinteresse pela escola ter chegado a tal ponto que o aprendizado se torna algo não valorizado, por consequência, não se busca conhecimento. O que se busca é, nitidamente, terminar a etapa para se conseguir chegar no objetivo: o trabalho, quer através da realização de estágios, quer através da realização de cursos, visando uma maior preparação e capacitação para o mercado de trabalho. Dentre as repreensões dadas aos adolescentes a este desinteresse, destacam-se as que afirmam que esta postura é prejudicial no futuro profissional deles mesmos. Este argumento faz surtir algum efeito à medida em que toca na raiz do interesse deles, eles prestam atenção momentaneamente no que está sendo ensinado, como que talvez, culpando a si mesmos por terem negligenciado algo que virá a ter muita importância no futuro.

O segundo fator, é o fato de os professores estarem tão acostumados a este tipo de atitude que já não valorizam, não cobram e não estimulam uma atitude mais responsável e crítica por parte dos estudantes, aceitando trabalhos copiados e não reflexivos.

Em uma manhã uma das autoras notou uma ou duas estudantes dessa turma no terminal, quando estava vindo para o colégio. Mas elas não pegaram o ônibus para chegar à escola. Essa ação se contrasta com as respostas adquiridas nas entrevistas afirmando que eles não demonstram grandes motivações para gazetar um dia de aula. As falas de alguns entrevistados revelam a importância de se estar na sala mais como necessidade de aprovação (Depoimento 129 e 130) e que os

raros momentos de ausência se dão pelo cansaço e desgaste que muitas matérias causam a eles. Para tais momentos eles saem de sala para tomar água, caminhar pelo colégio e ir ao banheiro (Depoimentos 133 e 134).

Como sugestão para que a aula se tornasse um pouco mais atrativa, evitando desta forma esses acontecimentos, como uso abusivo das tecnologias por falta de interesse e realização de gazetas, eles responderam coisas que podem ser consideradas acessíveis, por não exigirem uma grande infraestrutura. Como, por exemplo, a realização de passeios; no sistema de blocos, a realização de revisões menos demoradas dos conteúdos já estudados, pois isso desestimula a curiosidade e a vontade de dedicar mais atenção aos conteúdos novos; uma linguagem mais próxima à do estudante, não tão abstrata ou impessoal. Um estudante ainda, sugeriu que houvessem aulas com disciplinas que fossem mais práticas, como as disciplinas diferenciadas que compõem o currículo dos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Essa ocorrência nos chamou atenção para a reflexão de que para os jovens desta pesquisa, assim como para os jovens que éramos e para os jovens que estudaram conosco, uma escola assim configurada não pode ser interessante.

Quanto a utilização do computador, recebemos a devolutiva de que aquela ocorre com muito mais frequência em casa, afinal o laboratório do colégio nunca é utilizado, segundo os relatos, que confirmam os questionários analisados anteriormente.

Em sua maioria os estudantes do 2º ano C do Colégio Prefeito Elton Rezende não demonstram interesse, conhecimento de organizações ou atração por ações políticas que visariam mudanças positivas ao seu ambiente escolar. Esta ausência na participação de grupos estudantis não desenvolve vínculos com o ambiente escolar, reforçando a neutralidade e tornando este um espaço passageiro. Apenas uma das entrevistadas, que possui um perfil diferenciado dos demais, pois entrou no colégio no fim de agosto do segundo semestre, época que não se presencia muitas transferências, afirma ter participado do grêmio independente de seu antigo colégio e reforça a importância da participação de movimentos estudantis.

Em uma das manhãs observamos dois estudantes discutindo sobre empregos, pois um deles estava muito interessado em trabalhar e o seu colega mencionou algumas formas para se encontrar um e passar uma boa impressão na

entrevista. O trabalho é almejado pelos jovens deste 2º ano e este interesse na busca de independência pessoal e financeira ganha seu espaço no Ensino Médio. Os jovens visam concluir seus estudos para melhorar de vida e conseguir um bom emprego futuramente. A escola passa a ser uma ponte para o mercado de trabalho. (Depoimento 29)

As respostas quanto a utilidade da escola foram positivas, estando relacionadas com a importância que o diploma de conclusão de 2º grau tem sobre a conquista de emprego e melhor remuneração.

Não acomodadas à reflexão do exercício do sistema de blocos no ensino médio considerando apenas as desvantagens causadas à aprendizagem e à apropriação dos conteúdos ensinados, ampliamos a reflexão até o questionamento do zelo pela sociabilidade saudável destes jovens com seus colegas de escola, especialmente os de sua turma.

“A turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, “trocam ideias”, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” distintos” (DAYRELL, 2007, p.1111). De acordo com esta afirmação, podemos trazer a contribuição da relevância dos vínculos relacionais criados entre os adolescentes durante esta importante etapa da vida, e discutir os limites e as possibilidades de sua efetivação no espaço da atual escola de ensino médio aplicada num ensino de blocos, numa cidade conhecida por ser pouco calorosa e simpática em suas relações sociais.

Dentre estas situações de cisão em possibilidades de criação de vínculos relacionais, destacamos os declarados depoimentos em que os estudantes afirmam que a escola observada congrega em seu interior um número muito pequeno de integrantes dos círculos de amizade dos estudantes que acolhe:

Daniela (17 anos): *“Ninguém se encontra fora da escola, amizade em colégio fica no colégio, principalmente pela questão dos blocos.”*

Percebemos que isso ocorre principalmente porque os estudantes procuram cultivar mais amizades em lugares onde já estão “enraizados”, onde já possuem um tempo maior de permanência, como é o caso de **Lúcia (16 anos)** que afirma que seus amigos são todos do bairro onde mora, e também, o caso de **Carolina (16)** que

por passar mais tempo na igreja onde congrega, realiza uma auto reflexão que denota que a maioria de seus amigos são deste ambiente, ambiente este, que, inclusive, é onde ela concentra boa parte de suas atenções nas horas de lazer (a este respeito, ver depoimento 60). Há, contudo, uma aproximação maior entre os estudantes do colégio quando se comunicam pelas redes sociais, o estudante **Samuel (16 anos)**, por exemplo, relata: “*Ah por rede social eu converso. Converso bastante.*” **Eduardo (16 anos)** diz que apenas um dos meninos de outra sala é seu amigo e dá a entender que eles costumam se ver fora da escola, pelo menos esporadicamente. **Pedro (17 anos)** concorda com a opinião de Eduardo dizendo que com alguns amigos apenas ele mantém contato fora do colégio. **Giovanna (17)** e **Tamara (17)** comentam que se encontravam com seus colegas de classe nos colégios em que estudavam anteriormente (há cerca de um mês, para ambas), mas que neste colégio isso não ocorre.

Três dos meninos entrevistados afirmam sair com os colegas de sala durante os finais de semana. **Enrico (16)**, que geralmente vai ao Parque Barigui com seus colegas e que comentou já ter ido a um Matsuri com **Nicolas (17)**. Este, por sua vez, afirma que não sai muito com os colegas, em virtude da distância entre as moradias. E **Fabrizio (16)**, que geralmente vai ao shopping com seus amigos, de sala, de outras turmas e de fora da escola.

Entre os garotos apenas os rapazes mais “*bad boys*”, que sentam ao fundo da sala, que excluem um pouco o rapaz japonês, Nicolas e seus dois colegas, Rafael e Enrico, sentados na frente do quadro-negro. Qualquer comentário é motivo de atrito entre os dois grupinhos, reforçando a tentativa de apropriação do espaço que os grupos de jovens desenvolvem nos ambientes de convivência.

Com relação às práticas e atividades culturais que estes jovens apreciam notamos uma diversidade das escolhas afinal “as práticas juvenis não são homogêneas e se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar, num contexto de múltiplas influências externas e interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico” (Dayrell,2007,p.1110). Os/as jovens mudam com frequência seus estilos musicais e literários, pois ainda estão construindo sua identidade.

Isto se evidencia na nossa prática etnográfica. Uma vez que no 2ºC, os estudantes possuem um gosto musical mais uniforme, entre a apreciação majoritária

por MPB e rock, com a permanência ainda de outros estilos musicais que podem ser conferidos no Anexo III do presente trabalho. Quanto às preferências literárias, dentre os que afirmam ler com frequência, dentre volumes fictícios e verídicos, houve a citação de títulos como: A Cidade do Sol (Khaled Hosseini), A Droga da Obediência (Pedro Bandeira) e A Guerra dos Tronos (George R. R. Martin). Quanto aos volumes verídicos, foram mencionados Marley e Eu (John Grogan), O Diário de Mary Berg - Memórias do Gueto da Varsóvia (escrito por Mary Berg, S. L. Shneiderman e Susan Lee Pentlin) e o Diário de Anne Frank (Anne Frank). Estes últimos, relatando o cotidiano de judeus perseguidos pelo nazismo. Houve ainda estudantes que declararam ler para adquirir vocabulário, caso do Nicolas, o estudante japonês. Um estudante afirmou ler gibi e três declaram não ler com frequência.

Pedimos em um momento da entrevista que os/as estudantes relatassem como imaginavam seu futuro daqui 3 anos e suas falas demonstram como objetivo entrar na universidade e ter um emprego, destacando a importância dada a eles pela formação escolar e acadêmica para se ter um trabalho e conseqüentemente sua independência. A fala abaixo ilustra estes planos:

Sara (18 anos): *Me vejo trabalhando, formada, com uma família.*

Samuel (16 anos): *Acho que me vejo na faculdade e trabalhando.*

Há ainda alguns que não se sentem seguros no que fazer: *Lúcia (16 anos)- (ruído) Família não agora! Estar focada no que eu quero e pensar bem né? Porque... eu não sei o que eu vou fazer.* Essa dúvida é normal, dada a pressão da escolha por uma carreira tão novos.

Os que já têm definida a escolha da profissão que pretendem seguir (segundo informadas nas entrevistas) buscam por carreiras nas áreas de Direito, Publicidade, Engenharia e até mesmo a carreira militar. Como vemos nas falas: **Enrico:** *Sim, é (...) carreira militar.;* **Nicolas:** *Ah, eu to... penso em fazer Engenharia;* **Carla (17 anos):** *Eu me vejo cursando minha faculdade de Direito. Começando já a exercer e eu quero estar morando sozinha e focada naquilo, em crescer profissionalmente.;* Estes possuem respostas que envolvem profissões estáveis e demonstram a estabilidade financeira que pretendem ter no futuro.

A relação com os professores é geralmente a relação para com um igual. Eles conversam bem com aqueles que são mais acessíveis e respeitam mais aqueles que se impõem. Presenciamos uma professora que tentava travar um bom diálogo com os estudantes, entretanto era um pouco desacreditada por não conseguir lidar com as problematizações em sala de aula. O excesso de diálogo não sistematizado não trazia motivação à participação na aula.

Acreditamos que a relação do jovem com o professor é um importante objeto de observação e análise, uma vez que o docente, sendo um dos agentes do processo educativo no qual o adolescente se envolve, atua como facilitador da relação entre o saber escolar e o estudante. Observamos que os adolescentes presentes no Colégio Estadual Prefeito Elton Rezende, em geral, criticam os comportamentos dos professores por se apresentarem de um modo mais conivente com a falta de comprometimento dos estudantes para com os seus estudos. Percebemos que gostariam que os professores fossem mais comprometidos com o seu trabalho, demonstrando seriedade para com o exercício da docência e esperassem um comportamento mais responsável dos adolescentes, não “nivelando-os por baixo”.

Mas os professores que estão sempre os repreendendo, algumas vezes tratando-os grosseiramente, também foram criticados; como foi o caso de uma determinada professora que conquistou a antipatia geral dos estudantes. Em uma das manhãs, me aproximei até esta professora e fui informá-la a respeito de minha permanência e atividade no local. Ela, um pouco alterada, me respondeu grosseiramente quando me aproximei dela pedindo sua atenção. Ao receber a informação de que eu era estudante universitária, me perguntou: “Ah! É você a estudante de Psicologia?” Lhe expliquei, então, que éramos duas estudantes concluintes do curso de Pedagogia, fazendo observação no colégio com o intuito de completar o trabalho em andamento da nossa monografia. Ela ficou ciente e continuou a ignorar nossa presença nas demais aulas.

Essa reação por parte da professora chocou alguns estudantes que estavam próximos. Quando fomos entrevistá-los, uma das adolescentes comentou o ocorrido e demonstrou sua impressão do fato nas seguintes palavras: **Daniela (17 anos)**: “Os professores não conseguem entender os jovens. A professora Olga, tenho uma raiva... Você viu que esses dias ela foi falar com você e ela foi super estúpida. A

Adília, também, mal-educada, ignorante... Mas ela tem mestrado, essas coisas..."
Aqui, vemos, em relação à outra professora, Adília, que a falta de respeito do professor para com o jovem torna-se tolerável, embora nunca aceitável pelos estudantes, em virtude de seus títulos acadêmicos.

A professora Olga voltou a se portar de forma grosseira em outra ocasião, desta vez com um estudante da turma: a professora de passou um questionário e exigiu letra de forma para as/os estudantes fazerem na folha. Porém, no final da aula, tudo o que existia de calmo desapareceu. Um estudante se negou a fazer o questionário durante a aula e já se preparava para ir embora, com o material nas costas, mas ela não gostou da atitude e exigiu que voltasse a se sentar e fazer a atividade. Houve uma acalorada discussão, o sinal bateu e ele foi embora sem lhe dar ouvidos. Ela se exaltou, ficando realmente furiosa e pasma com o descaso do estudante com ela.

Alguns professores, por sua vez, cultivam uma visão de adolescente irresponsável e descomprometido, sem interesse pelos estudos, sempre sublinhando a exceção de alguns poucos estudantes que, segundo suas opiniões, de fato se comprometem com um bom desempenho escolar.

Vemos na grande parte das respostas concernentes à suficiência da avaliação com provas escritas, a defesa por avaliações alternativas à esta forma avaliativa, como ilustrados pelas/pelos estudantes Carla, Lúcia, Sara e Samuel:

Carla (17 anos): *Não! Porque muitas vezes eu aprendi muito a matéria e chega na hora da prova dá nervosismo!*

Lúcia (16 anos): *Você sabe, mas quando chega na hora de fazer a prova você fica nervosa, tipo... Eu esqueci e tal.*

Entrevistadora: *e que outra forma daria para avaliar? Sem ser prova? Pra tirar a pressão de vocês...*

Lúcia: *discutindo em sala.*

Carla: *Seria uma boa forma de avaliação.*

Lúcia: *Assim como na aula de sociologia. Trocando ideias. Seria bem melhor!*

Sara (18 anos): *Em grupo... Assim fazer grupos, aí cada um ir lá pra frente, pegando papelzinho. Seria mais...*

Entrevistadora: *Dinâmico?*

Sara: *É!*

(...)

Entrevistadora: *Quando vocês tiram nota baixa em uma prova isso significa que vocês não aprenderam? E quando tira nota alta, é sinal que aprenderam...é isso?*

Sara: *Isso!*

Samuel (16 anos): *Acho que não é bem por aí! As vezes a gente pode ter aprendido mas ter tirado nota baixa, mas tipo ter aprendido, mas não ter decorado as contas e tal.*

Sara: *É!*

Recebemos, também, respostas que defendem o uso de provas escritas e confiam na seriedade e valor desse tipo de avaliação, como cita o estudante: **Pedro (17 anos):** *Pra mim eu já todo acostumado, prefiro mais prova do que outros tipos de avaliação.*

Presenciamos uma grande insatisfação dos adolescentes em relação à falta de relação dos conteúdos ensinados em sala de aula com a realidade vivida por eles. Conseguimos perceber que esta é a raiz da maioria das insatisfações do jovem pela escola. Num ensino muito mais técnico e desvinculado da prática, mesmo nas disciplinas mais reflexivas, o jovem acaba desacreditando do papel da escola de agente de transformação social e do seu próprio papel de agente de transformador das dinâmicas cotidianas e de alguns mecanismos de funcionamento escolar (através da organização de grupos de estudantes e grêmios). Isso explica, também, porque não há grêmios na escola em questão.

A desvinculação do ensino em sala de aula com a prática, e principalmente, com o cotidiano do estudante, é o maior pecado da escola de Ensino Médio. Ela nega sua própria função: a de educar o adolescente e ajudá-lo a desvelar o mundo em que vive. Um exemplo de falta de sintonia entre a visão do ambiente escolar e a realidade do estudante se deu numa aula de matemática. Na hora de resolver uma questão, o resultado indicava que uma pessoa ganharia R\$3800 reais por mês. O professor comentou que este salário seria de uma quantia insatisfatória, o que gerou certo choque na turma. Os adolescentes começaram a comentar que existem famílias que vivem de um salário mínimo e alguns se manifestaram dizendo que a renda da casa deles não chegava a tudo isso por mês.

Quanto às críticas que os estudantes fazem sobre a educação que recebem, pedimos que nos informassem quais seriam as sugestões e melhorias em que o Ensino Médio poderia investir para que eles/elas se reconheçam como pertencentes e participantes no interior deste ensino. Infelizmente não obtivemos respostas muito diferentes das quais nós, autoras do texto e que vivenciamos essa mesma fase alguns anos atrás, também possuíamos; sobre uma educação que pensasse em aulas mais dinâmicas, aulas relacionadas com a prática, professores menos

entediados e dispostos a ensinar com um sentimento da grande relevância que se encontra no trabalho que realizam. Nos deparamos, também, com outra sugestão relevante, foi a do aluno japonês, Nicolas, que compara o ensino oferecido no Japão, um ensino técnico e que prepara o estudante para a profissão que ele optar desde o Ensino Médio. Comenta, dizendo que a entrada para a escola de Ensino Médio é mais difícil e disputada que a própria faculdade, o que lhe confere valorização por parte daqueles que a frequentam.

Foram sugeridas práticas alternativas no dia a dia da sala de aula, como aulas com a disposição das carteiras em um círculo, para a realização de debates como nas disciplinas de Sociologia e Filosofia. Houve, também, uma sugestão que nos acometeu de surpresa: originada das experiências escolares vividas pelo Nicolas, a prática da meditação se revelou como algo que lhe faz muita falta no ambiente escolar. Sublinhamos a nossa surpresa, mas também a importância da análise crítica, expressa nesta sugestão, feita pelo estudante quanto a dinâmica agitada vivida atualmente em cidades cada vez mais agitadas e desprovidas de oportunidades de relações mais saudáveis consigo mesmo e com o outro, dinâmica esta que através deste depoimento fomos alertadas do quanto também afeta o cotidiano escolar.

As mudanças acima apresentadas e requeridas pelos estudantes não envolvem gastos financeiros, mas partem de uma modificação de valores tanto dos professores, quanto dos/das estudantes e mesmo de uma necessária reflexão a respeito da organização do ensino médio.

Dentro deste contexto tão complexo e amplo, no qual nos inserimos por um tempo tão abreviado, porém tão significativo, tivemos conhecimento de vários olhares dos jovens para a escola, alguns que confirmaram nosso olhar, outros que aprofundaram este olhar e nos trouxeram uma nova dimensão nesta mesma perspectiva. Decidimos, por isso, incluir um questionamento mais incisivo referente à problemática do motivo mais relevante na insatisfação para com a escola, pois “enquanto o ensino fundamental e o superior possuem posições que lhes asseguram finalidades mais determinadas, o ensino médio fica numa posição intermediária, ora concebido como ensino propedêutico, preparatório ao ensino superior, ora pensado como profissionalizante, com função terminal.” (SOUZA,2003,p.29)

Através da rotina dos estudantes, e a partir da referência da autora Regina Magalhães de Souza, questionamos as concepções que os estudantes têm sobre a forma de internalizar os conteúdos. As respostas que mais se repetiram nas entrevistas indicam os seus colegas e seus professores como os maiores responsáveis pelo aprendizado, sendo referido apenas por uma jovem o ato de estudar lendo a matéria por conta própria como suficiente. A importância do papel do professor não é questionada por parte dos estudantes, já o próprio entendimento de seu trabalho e, conseqüentemente seu valor dado pelos estudantes ocorre à medida da transmissão dos conteúdos, ficando a cargo dos colegas o esclarecimento de dúvidas, como sugeriu certa aula o professor Armando: Uma adolescente pediu para o professor se dirigir à sua carteira para tirar uma dúvida, e como ele possui um ritmo de aula de cursinho, falou que essa parte de tirar dúvidas deve ficar sobre a responsabilidade de seus colegas e que a aula expositiva deve ser “melhor aproveitada” com o repasse da matéria.

Salientamos aqui o quanto o desgaste em se ter pouco tempo de aula e o zelo por se conservar uma abordagem metodológica mais focada na transmissão de conteúdos, aliado ao pouco contato com o professor, pode ser prejudicial. Se, por um lado, possibilita maior interação com os colegas ao se buscar o auxílio de seus pares, afasta a aproximação e troca de experiências de aprendizagem com o docente. Essa consequência, como observada acima, é muito lamentada pelos jovens.

Nas aulas muito tempo de discussão, interação e reflexão entre professor/estudantes/conteúdos é perdido pela necessidade de se copiar os conteúdos do quadro negro, por falta do uso de projetor, datashow e outros materiais didáticos. Presenciamos que em alguns casos, este uso ocorre, mas por poucos momentos, visto que, com exceção das famosas tv's laranja com entrada pen drive, presentes uma em cada sala, estes outros materiais se encontram em menor quantidade e com a limitação de serem de uso comum. Às vezes a pouca habilidade no uso destes materiais também limita sua exploração, uma vez que problemas técnico, mas de simples solução acabam por ser tomados como mais complexos, o que faz com que um tempo considerável das aulas se perca, bem como a sua qualidade de sua exposição. Geralmente, os professores passam pela

sala a conversar com os estudantes (alguns brevemente, outros por mais tempo) e, depois de alguns minutos, são propostos apenas alguns exercícios no quadro.

Logo no início de nossa permanência na turma, chegou uma aluna nova na sala, Tamara. Ela veio do Colégio Aline Carneiro, “porque era necessário” como respondeu ao professor. A sua entrada no colégio aconteceu em um período que não vemos com frequência a inserção de novos estudantes e sua reação quanto a dinâmica e estrutura do colégio são as mais pessimistas e desanimadoras. Ela não se conforma com a estrutura predial precária (a sala de aula é de madeira e apresenta furos no piso) e sem sabermos o motivo de sua saída no antigo colégio ela demonstra arrependimento e muita vontade de voltar a estudar no Aline Carneiro.

O primeiro contato com as/os adolescentes do 2º ano foi marcado por um posicionamento reservado destes, para com a nossa presença, e esta atitude por parte dos adolescentes era reforçada quando os professores vinham até nós para conversar sobre nossa pesquisa e nos contavam sobre suas experiências com as turmas do Ensino Médio. Chegamos a pensar que talvez nossa observação se comprometesse em virtude deste fato. Em muitos momentos foi difícil conversar com o grupo de estudantes, às vezes, eles se mostravam não muito sociáveis, no sentido de iniciar e manter conversa. Essa comunicação só se modificava quando não estávamos com eles em sala de aula. Nas aulas em que estavam sem professor e ficavam no pátio, conseguíamos melhor contato e conversas, mas isso só foi sendo logrado com o decorrer das semanas.

Os depoimentos, com relação ao contato que os/as estudantes possuem com a equipe pedagógica e direção, demonstram distanciamento e falta de diálogos. Raramente eles os encontram e quando assim o fazem são como pessoas estranhas que convivem sobre um mesmo teto. Não há aproximação, alguns nem ao menos sabem como o nome dos componentes da direção da escola.

Outra pessoa que possui papel representativo nesse cenário de poder é a inspetora da escola, que possui um perfil que chama a atenção. Sua função demonstra autoritarismo e ultrapassa o trabalho de organização e cuidado das/os estudantes. Aos gritos e sob ameaças as/os estudantes são “orientados” por ela. Seu nível de estresse é visível, desde a entrada, quando adentramos os portões e a sua expressão se mostra fechada e o bom dia não chega a ser correspondido. As/os

estudantes perguntam e ela de má vontade distorce e responde de forma grosseira em voz alta, gerando muitas vezes constrangimento. Presenciamos seu trabalho ser em diversas ocasiões elogiado pelas pedagogas, que acabam tendo o controle das/dos adolescentes através do trabalho da inspetora. Sua fama é de longa data, afinal uma das autoras desta pesquisa já conviveu em seu tempo escolar com a presença da inspetora.

Um movimento que tivemos que sustentar firmemente foi o de desconstruir o olhar que os estudantes tinham sobre nós enquanto professoras/pesquisadoras. Buscamos formar uma postura de estudantes de graduação, mas que, como eles, não deixam de ser estudantes, e que estavam interessadas em ficar no mesmo ambiente que eles/elas, para conhecê-los e ouvi-los e que não havia necessidade de reprimir comportamentos e opiniões por medo de repreensões da nossa parte, ou por nosso intermédio.

Decidimos, na primeira semana, ir juntas para a escola na sexta-feira para pegar os contatos de e-mail dos/as estudantes. A professora de artes faltou e não passou a prova, dando tempo de nós recolhermos esses contatos e ficarmos com eles no pátio coberto enquanto esperavam o tempo passar. Com essa oportunidade conversamos com dois grupos que nos falaram sobre expectativas ou como alguns professores não passam tão bem a matéria e dificultam o entendimento do conteúdo.

Dentre estas experiências podemos destacar uma em especial. Sentei (*Clarissa*) perto da Sara e da Carolina e conversei com elas a respeito de suas famílias e qual a carreira profissional que desejariam seguir, Sara contou dos seus planos em ser policial (alguns membros de sua família são policiais) e Carolina deseja ser tradutora/missionária, devido seus conhecimentos em língua inglesa e suas atividades cristãs.

Pegamos 11 contatos de e-mail para o envio dos questionários, alguns se negaram a fornecer o contato ou ignoraram o pedido. A nova estudante (Tamara) perguntou se com a entrevista eles veriam transformações na escola. Ela perguntou com esperança de que, ao ser ouvida, a estrutura escolar poderia sofrer modificações e ser melhorada para os adolescentes. Isso nos serviu de grande motivação e nos deu a esperança de que poderíamos ainda, conseguir bons

resultados na coleta de falas e importantes opiniões críticas dos estudantes desta turma quanto à sua vivência no Ensino Médio.

Outra situação que nos deixou mais à vontade no meio dos estudantes foi que mais tarde, após o toque do sinal indicando outra aula e de entrar alguns estudantes na sala a aluna Joana e seu colega Samuel nos contaram uma história sobre a professora de Língua Portuguesa (com a qual tiveram aula no bloco anterior a este). Pude comentar (*Kathyuska*) das antigas histórias que esta mesma professora contava a respeito de sua vida, além de outras “lendas” inerentes ao colégio, compartilhadas por colegas durante o período em que estudei na instituição. Este episódio veio a trazer descontração e risos para o grupo, e acreditamos que tenha favorecido a nossa aceitação no meio dos adolescentes.

O tempo que passamos no Colégio foi relativamente curto para conhecer mais cada jovem, poder coletar o material, analisar as anotações do diário, os questionários e entrevistas, e acabou não sendo possível retornar à instituição com as dúvidas que restaram, aprofundamentos e novas questões que poderiam ser lançadas. Porém as aulas da Universidade também cobravam a responsabilidade de frequência e nos detivemos nestas três semanas com o máximo aproveitamento que poderíamos absorver para construir nossa pesquisa sob os olhares de estudantes de Ensino Médio de uma escola pública Curitibana.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou importantes reflexões acerca da juventude e sua percepção da escola. Através desta pesquisa se tornou notória a insatisfação do/a jovem para com o Ensino Médio, especialmente em sua relação com os conteúdos, o que gera insatisfações mais profundas dentro do ambiente escolar, como entraves em seus relacionamentos entre seus pares e professores, bem como no que se refere à equipe pedagógica.

Se fez presente uma impressão de que o/a jovem não se interessa em se envolver em quaisquer tipos de atividades que pretendam coletar suas opiniões a respeito da concretização de melhorias da estrutura do Ensino Médio e da dinâmica

de sua escola. Segundo nosso olhar investigativo, isso se dá, majoritariamente, pelo fato de o espaço escolar não lhe ser um espaço de satisfação, não há um sentimento de pertencimento à escola. O que se mostra mais recorrente é a obrigação de frequentar a etapa, visto que ela abre oportunidades para a inserção no mundo do trabalho, através da realização de estágios e da inserção no Ensino Superior.

A escola pública não está conseguindo realizar nem a simples transmissão de conhecimentos, e o aluno, apesar disso, tem obtido sucesso (formal) no percurso escolar. A tendência de queda dos índices de repetência e evasão nada tem a ver com a aprendizagem e o desenvolvimento dos educados. Os professores estão desanimados e os alunos, desinteressados. A frase – o professor finge que dá aula e o aluno finge que aprende – tornou-se lugar-comum na fala de ambos. (SOUZA,2003,p.19)

Neste contexto, há uma grande ansiedade retratada nas atitudes dos/as adolescentes em sala de aula, na sua postura frente ao conhecimento que, sendo pouco discutido, passa a ser mais transmitido dentro das dinâmicas de aprendizagem; bem como nos seus depoimentos, quando se tornam protagonistas ativos e vistos dentro do ambiente escolar. Esta ansiedade se insere na necessidade que se apresenta ao adolescente em unir a escola com a vida profissional, uma vez que a própria inserção no mundo do trabalho é algo que, a partir do Ensino Médio, passa a emergir com uma gradativa cobrança por parte da sociedade em relação a este/a jovem, respeitando-se sua posição dentro desta sociedade.

Sabemos da importância que o emprego tem sobre a vida destes/as jovens, afinal será mais uma fonte de sustento para sua família e um canal para sua independência, também valorizamos o que o trabalho constitui na formação do/a jovem, porém o papel da escola, de formação, acaba passando para as mãos das empresas ou ainda de fábricas e comércios que exigem posturas mais severas e regras duras para se adaptar ao sistema. Os/as adolescentes com uma condição social mais vulnerável são mais cobrados/as a iniciar o trabalho mais cedo em virtude de suas necessidades materiais e socioeconômicas. Aqueles que desfrutam de uma condição social mais satisfatória procuram se engajar no trabalho em virtude das maiores possibilidades de aceitação social a que estão sujeitos. Trabalhando, sem precisar ajudar no sustento da família, podem gastar seus salários em

atividades e consumos mais relacionados à manutenção de uma posição social cada vez mais ascendente.

Desta forma, estudar disciplinas mais abstratas, que não fazem referência ao seu cotidiano e/ou à sua opção de futuro, se torna algo maçante e sem sentido a este estudante. Com o decorrer das aulas e a gradativa intensidade de encontros com estes momentos desagradáveis e desvinculados de suas aspirações imediatas e, quando não, de um futuro próximo, faz com que o Ensino Médio, na sua visão, perca um pouco mais da razão de ser. Em virtude do próprio público atendido, há um forte olhar imediatista lançado a esta etapa da Educação Básica.

Em suma, a visão cultivada pelos jovens e que se fez transparecer no decorrer da pesquisa, foi a de que o Ensino Médio se caracteriza mais como um “mal necessário” que uma etapa de ensino a ser experienciada, através de participações e envolvimento estudantis e espaços de debates e diálogos.

O jovem acaba relacionando sua permanência na escola como uma convenção e sendo este um canal para o objetivo final: o mercado de trabalho. A escola passa a ser voltada a outros fins que não a formação social, de um cidadão capaz de se relacionar, de criticar e se posicionar sobre o mundo. Por tal motivo nossa crítica sobre como este Ensino Médio se constitui nos inquieta e provoca mais desconforto quando ao ouvir o posicionamento que os/as adolescentes têm sobre seu espaço escolar se nota apenas a finalidade que eles/elas têm em um diploma, sendo a escola uma ponte para o alvo e não mais um tempo e espaço dedicado a educação. As falas dos/das estudantes reforçam nossa concepção inicial do Ensino Médio, afinal eles não se sentem parte deste processo e sofrem angustias sobre qual o papel eles ocupam atualmente, para onde estão se direcionando e infelizmente a escola não tem dado o apoio e direcionamento necessário para a construção do sujeito.

Tamara: *A gente não aprende só com os caras falando aí na frente, tipo. É, sério, fica cansativo e chato, entendeu?*

Giovanna: *E dá sono!*

A escola, independente da etapa (Infantil, Fundamental ou Médio) necessita ser pensada primeiramente junto aos sujeitos que constroem este lugar, para então se voltar a qualidade de investimento de espaços físicos, nos tempos escolares,

formação de profissionais qualificados, formação continuada e recursos tecnológicos.

A juventude não é uma prévia da vida adulta, devendo ser vivida com todos os seus direitos e deveres assegurados, sendo uma fase de descobertas e conquistas que devem contar com o apoio de seus professores, gestão escolar e todos os que fazem parte do dia a dia tumultuado de uma escola repleta de estudantes dispostos/as a fazer alguma diferença.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.

_____. et alii. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana -RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009. 496 p. - Bibliografia: p. 469-495.

DAYRELL, J. **A Escola “Faz” as Juventudes? Reflexões em Torno da Socialização Juvenil**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007 1105 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf> . Acesso em: 26/05/2013.

DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo**. Cadernos de Pesquisa, n.115, p.139-154, março/2002.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil et alii. **Estar no papel: cartas dos jovens do ensino médio**. Brasília: UNESCO, INEP/MEC, 2005. 139 p.

LA EDUCACION PROHIBIDA. Direção de Germán Doin. Argentina: Eulam Producciones: Dist. Independente, 2012. 1 filme (2 hrs 25 min) -sonoro, legenda, color. Disponível em:<http://www.youtube.com/watch?v=n9KeDTMEYSE>. Acesso em:25/05/2013.

MORAES, P.R.B. **JUVENTUDE, MEDO E VIOLÊNCIA**. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/pdf/cursos_eventos/governanca_2006/gover_2006_01_juventude_medo_pedro_bode.pdf. Acesso em: 15/05/2013.

MORAES, P. R. B. ; PESCAROLLO, J.**Quem tem medo dos jovens?** Igualdade (Ministério Público do Estado do Paraná), v. XIV, p. 21-46, 2008.

SALLAS, A.L.F. et al. Os **jovens de Curitiba : esperanças e desencantos**. juventude, violência e cidadania. Brasília : UNESCO, 1999. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>. Acesso em: 20/05/2013.

SEED <http://www.educacao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=151>. Acessado dia 14/10/2013;

SOUZA, R.M. de. **Escola e Juventude**. O Aprender a Aprender. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.

PINTO, Á. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. Rio de Janeiro: Ática, 2000.

Prefeito Elton Rezende*, dados de referência. Disponível em:

<http://www.guiadetudo.com.br/local/318/colégio-estadual-rio-branco-batel-curitiba.html>

Acessado em: 09/09/2013, às 17h54.

Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/flavioarns/sets/72157627706814232/>

Prefeito Elton Rezende*, dados de oferta. Núcleo Regional de Educação. Disponível em:

<http://www.nre.seed.pr.gov.br/curitiba/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=160>

Acessado em: 09/09/2013, às 17h58

Prefeito Elton Rezende*, dados gerais do colégio. Consulta Escolas, Secretaria de Estado da Educação. Disponível em:

<http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/f/fcls/escola/visao> Acessado em:

09/09/2013, às 18h08.

Mapa do Colégio*. Disponível em:

https://maps.google.com.br/maps?q=col%C3%A9gio%20estadual%20rio%20branco%20rua%20bispo%20dom%20jos%C3%A9&bav=on.2.or.r_cp.r_qf.&biw=1024&bih=677&bvm=pv.xjs.s.en_US.jkEW54nYU50.O&um=1&hl=pt-BR&ie=UTF-8&sa=N&tab=il Acessado em:

09/09/2013, às 17h30.

Sistema por Blocos. Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/conteudo.phtml?id=1223357&tit=Ensino-em-blocos-tem-futuro-incerto-no-PR>. Acessado 25/09/2013, às 14:52.

**Os nomes foram modificados para preservar a identidade dos colégios envolvidos.*

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO ONLINE

Este formulário contém algumas questões e faz parte da coleta de dados para a construção do nosso TCC, agradecemos a você por fazer parte disso, através da sua participação!

Sexo: Feminino () Masculino ()

Você não é uma criança e também ainda não é um adulto. É bom ser adolescente?

- () Sim
- () Não

O que faz um jovem ser diferente de um adulto?

Imagine a seguinte situação hipotética: Você ainda depende dos seus responsáveis e engravidou sua namorada (ou engravidou do seu namorado). Você incentivaria (ou cometeria) o aborto? Porque escolheria tomar esta atitude?

Você está em uma praça com amigos e vê um casal homossexual se beijando. Você acha que eles têm o direito de fazer isso?

- () Sim, eu acredito que todos têm o direito de estar com quem ama
- () Respeito, mas não acho bonito
- () Não concordo.

Você considera mais importante a satisfação pessoal no seu curso da faculdade que o retorno financeiro que terá? Comente.

Após os protestos que ocorreram nas ruas a partir de junho, você considera que eles podem contribuir para mudanças significativas na cidade e no país?

Você se envolve com grupos ou atos políticos ou de ação social em alguma comunidade? Como você faz isso? Através de quais meios?

Na sua opinião, qual a importância do grêmio para a sua escola?

Uma aula precisa do que para ser legal? Dê exemplos. Ex.: Aula de química ser feita num laboratório, com equipamentos para a gente interagir com o conteúdo.

Como seria um bom professor na sua opinião?

Na sua opinião, porque o Ensino Médio é importante?

- () Porque eu preciso estudar para continuar no meu estágio

- () Porque eu sei que eu preciso estudar para conseguir um emprego
- () Porque eu quero entrar na faculdade
- () Porque a minha família me obriga a ir às aulas
- () Porque eu posso encontrar meus amigos quando vou à escola
- () Outro _____

Com relação aos conteúdos que você tem em sala de aula, você esta de acordo com as coisas que devem ser estudadas no colégio?

- () Sim
- () Não

Você vai à biblioteca? Esse espaço é usado para que?

O laboratório de informática é utilizado durante as aulas? O que vocês fazem durante este tempo?

- () Não
- () Sim, usamos para apresentações de Power Point
- () Sim, usamos para fazer pesquisa na internet
- () Sim, usamos para acessar a plataforma da escola

Com que frequência você usa as redes sociais?

	1 vez por semana	3 vezes por semana	Só nos finais de semana	Todos os dias, até 3 horas	Todos os dias, mais de 3 horas	Não uso
Facebook						
Twitter						
Youtube						
Instagram						
Google+						
Myspace						

Agradecemos a colaboração! - Clarissa e Kathyuska

ANEXO II ROTEIRO DE ENTREVISTA

- * Começar se apresentando (quem somos e o que estudamos, porque estamos ali), perguntar o nome do/a estudante (mesmo que seja modificado, mas para fins de organização), idade, questão do sigilo...
- * Onde mora? - Qual bairro, com quem mora, vem como para a escola?
- * Quem dá mais importância a você estar na escola? Você ou sua família?
- * Existem espaços, grupos, grêmios que os jovens da escola podem participar? Se sim, você participa? Por quê? Se não, porque não?
- * Você trabalha?
- * Você procura motivos para estar fora de sala de aula?
- * Você considera útil estar na escola? Você considera mais relevante estudar ou trabalhar?
- * Você e seus colegas se encontram fora da escola? Geralmente onde vocês se encontram? Quais horários são esses?
- * Como você define seu estilo? Que tipo de músicas ouve? Você lê livros (não exigidos pela escola)? Que tipo de leitura faz?
- * Como você se vê daqui a 3 anos? (Família, Universidade, Trabalho)
- * Como você analisa o ensino passado em sala de aula. Os professores conseguem entender os jovens?
- * Você vai à biblioteca? Esse espaço é usado para que? E o laboratório de informática é utilizado? Como? Você usa mais o computador na escola ou em casa? Usa as redes sociais com frequência?
- * A avaliação é feita de maneira formal nas escolas, com provas escritas. Você considera bom ou preciso essa forma de avaliar? Se pudesse planejar uma forma alternativa para sua turma como ela seria?
- * Com relação aos conteúdos que você tem em sala de aula, você está de acordo com as coisas que devem ser estudadas no colégio? Sentem falta de algo nas disciplinas? Eles estão ligados à prática?
- * Você pensa que o Ensino Médio seria uma repetição de muitos conteúdos do Ensino Fundamental? Que sugestões você daria para o Ensino Médio se tornar uma etapa de ensino melhor?
- * Quando você tira nota baixa na prova, isso significa que você não aprendeu? E nota alta, é sinal que você aprendeu?
- * Qual o maior problema da escola?
- * Quando você aprende melhor a matéria? Com os colegas, com os professores, sozinho, pesquisando, lendo livros...

ANEXO III DIÁLOGO

Trajetos casa-escola

1

Entrevistadora: Onde você mora?

Daniela (17 anos): No Fazendinha.

Entrevistadora: Sozinha, com a família, os pais...

Daniela: Com a família.

Entrevistadora: Como você vem pra escola?

Daniela: Com o ônibus do colégio.

2

Entrevistadora: Onde vocês moram?

Lúcia (16 anos): Campo Comprido

Carla (17 anos): Campo Comprido

Carolina (16 anos): Campo Comprido

Entrevistadora: As três!

(risadas)

Entrevistadora: Vocês vêm juntas para escola ou não?

Lúcia: Eu e ela (aponta para Carolina) sim.

Carla: Eu venho de ônibus de linha.

Entrevistadora: Porque?

Carla: Porque eu também nunca descobri isso, porque alguns vem com um ônibus pra aula...

(risadas de todas)

Carla: mas eu realmente prefiro vir de ônibus de linha.

Entrevistadora: Mas então você vem sozinha ou em grupo?

Carla: Eu venho com minha sobrinha.

Entrevistadora: Sobrinha?

Carla: É.

Lúcia: Eu venho com um monte de galera

Entrevistadora: E esse pessoal é tudo aqui da escola ou das escolas aqui por perto.

Lúcia: Tudo aqui na escola

3

Samuel (16 anos): Eu moro lá no Campo Comprido.

Sara (18 anos): Eu moro no Caiua.

Entrevistadora: e vocês veem como para a escola?

Samuel: eu venho de ônibus.

Sara: eu venho de ônibus do colégio.

Samuel: é o meu também é do colégio.

4

Entrevistadora: E você mora em que bairro?

Eduardo (16 anos): Campo Comprido

Entrevistadora: Você vem para a escola como?

Eduardo: De ônibus.

Entrevistadora: Mas é ônibus de linha?

Eduardo: De linha

5

Pedro (17 anos): No Fazendinha

Entrevistadora: Você vem como para a escola?

Pedro: De ônibus ou de carro.

6

Entrevistadora: É... e onde vocês moram? Com quem?

Tamara (17 anos): Campina do Siqueira e moro com a minha mãe e com o meu padrasto.

Entrevistadora: E como vocês vêm pra escola?

Tamara: De "bonde"! (Risos)

Entrevistadora: O ônibus da escola ou o ônibus...

Tamara: Não, normal.

Giovanna (17 anos): Eu moro com os meus pais lá no Fazendinha.

Entrevistadora: E como vocês vêm pra escola?

Giovanna: Bonde! (Consente com a cabeça)

Entrevistadora: O ônibus da escola ou o ônibus...

Giovanna: Normal.

7

Entrevistadora: Onde vocês moram?

Enrico (16 anos): Campo Comprido

Entrevistadora: Campo Comprido

Nicolas (17 anos): Novo Mundo

Entrevistadora: (...) E vocês vêm pra escola como?

Enrico: ônibus

Nicolas: de ônibus

Entrevistadora: De ônibus de escola ou de ônibus...

Enrico: da escola

Nicolas: de... Normal, normal.

Entrevistadora: Normal.

(Risos)

Entrevistadora: Quantos ônibus você pega pra vir pra escola?

Nicolas: (pensa um pouco, antes de responder) dois!

8

Fabrizio (16 anos): Moro no Orleans.

Entrevistadora: E você vem como para a escola?

Fabrizio: Venho com o ônibus do governo.

Membros da casa

9

Samuel (16 anos): Eu moro com a minha mãe.

Sara (18 anos): Com a minha família.

10

Daniela (17 anos): Com a família.

11

Eduardo (16 anos): Com a minha mãe e irmã.

12

Pedro (17 anos): Com meu pai, minha mãe e com minha irmã raramente. Minha irmã é comissária. Ai ela não fica muito em casa.

13

Enrico (16 anos): eu, minha mãe, minha irmã, meu padrasto e minha avó.

Entrevistadora: uhum

Nicolas (17 anos): É... Minha mãe, meu irmão e meu padrasto.

Entrevistadora: Ah, legal.

Enrico: setenta e sete gatos. (Risos).

Nicolas: uhm?

Enrico: setenta e sete gatos (Risos)

Entrevistadora: Nossa! Sério cinquenta e...

Enrico: Não, é que ele tem um monte.

Entrevistadora: Ah... eu só tenho um gato.

Nicolas: Tenho um gato, três cachorros e um papagaio.

14

Tamara (17 anos): (...) moro com a minha mãe e com o meu padrasto. (...)

Giovanna (17 anos): Eu moro com os meus pais lá no Fazendinha.

15

Fabrizio (16 anos): Com minha avó e com meu pai.

Trabalho

16

Daniela (17 anos): Trabalho em estágio na prefeitura.

17

Lúcia (16 anos): No Positivo.

Entrevistadora: e você faz o que lá? (risadas de todas)

Lúcia - Eu tiro Xerox e essas coisas.

Carla (17 anos): Bom eu to procurando emprego porque ano que vem eu faço 18 anos e como eu quero ser independente de todas as formas eu quero começar já a guardar meu dinheiro, ser independente e tudo mais, ir pra uma universidade e essas coisas...

Carolina (16 anos): Eu ainda não trabalho, porque em compensação eu faço muito curso. Tipo hoje, por exemplo, eu saio de casa 13:30 e volto 18:30, 19:00. Porque eu tenho curso, eu faço inglês, aula de canto e eu to passando por psicólogo também toda semana. Então não tem como eu ainda trabalhar.

18

Sara (18 anos): Sim.

Entrevistadora: Com o que?

Sara: De vendas!

Entrevistadora: Lá no bairro...

Sara: Lá no bairro onde moro.

Samuel (16 anos): Eu não.

Entrevistadora: Só estuda...

Samuel: Só!

19

Eduardo (16 anos): Não.

20

Pedro (17 anos): Não.

21

Tamara (17 anos): Sim.**Entrevistadora:** Você trabalha no quê, Tamara?**Tamara:** Na verdade eu acabei de ser demitida, mas eu continuo tipo, fazendo alguma outra coisa, nem que seja limpar a casa**Entrevistadora:** aham**Tamara:** tipo, eu não paro, entendeu?**Entrevistadora:** Aham sei.**Giovanna (17 anos):** Eu trabalhava não trabalho mais. Trabalho só em casa.**Entrevistadora:** Aham. E você (voltando-se para a Giovanna) trabalhava no**Giovanna:** Trabalho escravo. (Risos)**Entrevistadora:** Você trabalhava no quê?**Giovanna:** Eu trabalhava... "tia" de condução,**Entrevistadora:** Ah...**Giovanna:** abrir a porta.**Entrevistadora:** Ah, legal.**Giovanna:** (Começa a rir e a fazer que não com a cabeça). Legal?**Tamara:** É bem ruim!**Giovanna:** É muito ruim! (Risos).**Entrevistadora:** Fazem muita bagunça? (Giovanna faz que sim com a cabeça)

22

Enrico (16 anos): Sim

(Nicolas faz que não com a cabeça)

Entrevistadora: Não? Trabalha no que?**Enrico:** Auxiliar administrativo.

23

Fabrizio (16 anos): Não. Por enquanto não.**Entrevistadora:** Mas esta procurando?**Fabrizio:** É.**Estudar ou trabalhar?**

24

Daniela (17 anos): Acho mais relevante estudar.

25

Lúcia (16 anos)- Estudar**Carla (17 anos)-** Estudar**Carolina (16 anos)-** Estudar. Trabalhar é só quando precisa mesmo!**Carla-** Se der pra conciliar beleza!

26

Samuel (16 anos): Estudar.**Sara (18 anos):** Estudar.

27

Eduardo (16 anos): Estudar.

28

Enrico (16 anos): Estudar.**Entrevistadora:** Estudar? E por que?**Enrico:** Porque se eu for trabalhar, a qualquer momento eu posso ser demitido, pra uma melhor ou pior. Agora se eu tenho um estudo, não. Eu posso cada vez melhorar na... tipo (pausa) posso progredir no serviço, posso ir pra melhor...**Entrevistadora:** uhum (olho para Nicolas, esperando a sua resposta).**Nicolas (17 anos):** Também acho.**Entrevistadora:** Também acha isso?

(Nicolas concorda com a cabeça) Legal.

(Pausa)... Então, você considera mais importante estudar porque, é, você não vai ter outra oportunidade de fazer isso?

Enrico: Sim, é igual minha mãe. Tipo, ela parou na 8ª série... Quando tinha seus 18 anos e aí nunca, mas estudou.**Entrevistadora:** aham**Enrico:** tipo (diz algumas palavras que não deu para entender)**Entrevistadora:** E serviço você sempre encontra?**Enrico:** ahm?**Entrevistadora:** O serviço você encontra em qualquer lugar?**Enrico:** Sim. Agora, com estudos você pode ir pra um serviço um pouco melhor. Sair do salário mínimo.

29

Tamara (17 anos): (pausa) Trabalhar.**Entrevistadora:** Trabalhar?**Giovanna (17 anos):** Eu acho os dois.**Entrevistadora:** Uhum.**Tamara:** Na verdade é os dois. Só que em todos esses anos que eu estou estudando eu não aprendi nada, então pra mim é, eu prefiro trabalhar, mas eu sei que tipo, eu vou terminar, entendeu?**Entrevistadora:** Uhum.

30

Fabrizio (16 anos):Trabalhar.

Futuro

31

Entrevistadora: Como você se vê daqui há 3 anos?

Daniela (17 anos): Começando uma faculdade, tentar duas vezes no ENEM.

32

Carolina (16 anos): Daqui 3 anos eu acho que eu vou ter na metade do curso da faculdade de Letras e já pensando em um projeto de missões... e eu vou estar morando com meus pais.

Risadas

Carla (17 anos): Eu me vejo cursando minha faculdade de Direito. Começando já a exercer e eu quero estar morando sozinha e focada naquilo, em crescer profissionalmente.

Lúcia (16 anos): (ruído) Família não agora! Estar focada no que eu quero e pensar bem né? Por que... Eu não sei o que eu vou fazer.

Entrevistadora tranquiliza que é normal.

Lúcia: Tem que fazer uma coisa aí acaba que é uma coisa bem diferente. (ruídos)

33

Sara (18 anos): Me vejo trabalhando, formada, com uma família.

Samuel (16 anos): Acho que me vejo na faculdade e trabalhando.

Entrevistadora: Vocês já sabem o que querem fazer na faculdade?

Samuel: Eu quero fazer administração ou publicidade.

Sara: Eu to meio assim em dúvida, por causa da polícia sabe. Porque meus pais são policiais ai eu queria entrar nessas coisas.

(Ela já tinha conversado, no dia anterior, sobre essa vontade de seguir carreira policial.)

Entrevistadora: Tem que fazer concurso não é?

Samuel: Tem... Não da pra fazer agora porque tem que ter o terceiro ano concluído.

34

Eduardo (16 anos): Em uma faculdade.

Entrevistadora: Que faculdade você pensa fazer?

Eduardo: De computação.

35

Entrevistadora: Você pretende fazer vestibular? Faculdade?

Pedro (17 anos): Faculdade. Piloto!

Entrevistadora: e tem curso? Como é a preparação?

Pedro: Então... Primeiro se você quiser eliminar matérias da faculdade você faz um curso de 6 meses... Ai faz 300 horas de voo. Ai depois você já elimina matérias. (fala entusiasmado)

Entrevistadora: Na família tem algum piloto ou da área?

Pedro: Não. É que antes meus pais viajavam muito e eu sempre queria viajar com eles e fui gostando.

36

Enrico (16 anos): É... No exército.

Entrevistadora: No exército? (Surpresa no tom de voz).

Enrico: Sim, é (...) carreira militar.

Entrevistadora: uhum, legal. E, com relação à família, escola (não entendi a última coisa que eu falei, ruídos)

Enrico: Talvez um filho.

Entrevistadora: Talvez um filho?

Enrico: É, com a minha prima. (Gargalhadas)

Entrevistadora: Ah, ta me tirando? (Com tom de descontração)

Enrico: (Ainda rindo) Ah, não... To brincando!

Entrevistadora: Tá... e você, Nicolas? (com tom de descontração)

Nicolas (17 anos): três anos, que vai ser depois, né?

(Consinto com a cabeça)

Nicolas: Ah, eu to... penso em fazer Engenharia.

(Uma das professoras da turma passa pelo local no momento, a reconhecemos, é a professora de Sociologia)

Enrico: Tchau, professora! Até amanhã!

Nicolas: Não sei assim, a relação com a família, ainda não sei. Eu acho que (pausa) não sei, ainda. Não estou pensando nada.

37

Tamara (17 anos): Eu não pretendo... Eu já sou reprovada um ano. Eu não

pretendo fazer o ENEM, vestibular ano que vem, mesmo estando atrasada. E mesmo que eu não estivesse também não vou fazer, simplesmente porque eu não tenho como. Eu preciso trabalhar e preciso terminar o meu 3º ano.

Entrevistadora: Uhum.

Tamara: Então eu vou, é... prestar o vestibular em 2015. Tipo, pra fazer tudo com calma, daí, no caso, em 2015, como eu já não estaria mais fazendo o 3º ano, eu faria cursinho e trabalharia, tipo, meio que substituiria o Ensino Médio, entendeu? Entraria no lugar da escola, digamos. Não trabalharia. Daí, no caso, em 2016, só, eu entraria na, na faculdade.

Entrevistadora: Uhum.

Giovanna (17 anos): Deixa eu ver... ahm... daqui 3 anos? Terminando meus estudos, em balada, zoando bastante e (Tamara começa a rir) Mas eu to falando sério! (Risos). Ah, trabalhando, só... Trabalhando, estudando e morando sozinha.

Entrevistadora: É, fazendo Ensino Médio?

Giovanna: Não, terminando, já.

Entrevistadora: Uhum.

Giovanna: É, quero terminar ano que vem.

Entrevistadora: Aí, você vai estar estudando o que? Fazendo um cursinho, pra fazer algum curso...

Giovanna: É.

Entrevistadora: Que que você quer fazer da faculdade, assim?

Giovanna: Ah, eu não sei ainda, Arquitetura, ou Desenho.

Entrevistadora: Uhum. E você? (Dirigindo-se à Tamara)

Tamara: Publicidade e Propaganda.

Entrevistadora: Legal.

38

Fabrizio (16 anos): Trabalhando e tendo um carro!

Cultura

39

Entrevistadora: Que tipo de músicas você ouve? Você lê livros não exigidos pela escola? Que tipo de leituras faz?

Daniela (17 anos): Ouço todos os tipos de música, menos funk. Livro, só de histórias reais ou de romance.

40

Carla (17 anos): Eu gosto de MPB, um rock internacional um pouco mais antigo, um pop. Eu tenho uma cabeça um pouquinho atrás... Eletrônico essas coisas.

Entrevistadora 1: e você Carolina...ouve o que?

Carolina (16 anos): Eu curto MPB também... ?Igreja?... Mas eu gosto muito de música mexicana.

Entrevistadora 2: Ah legal!

Carolina: Em geral, mas mexicana principalmente.

Lúcia (16 anos): Eu curto músicas internacionais.

Entrevistadora 1: E vocês leem livros ou só os que tem da escola?

Carla: Eu amo ler!

Carolina: Eu também!

Lúcia: Só eu que não gosto de ler?! Risadas

Entrevistadora 2: Que tipo de livros vocês lêem? Nos dê um exemplo.

Carla: Eu gosto de ler, principalmente, aqueles que relatam fatos que realmente aconteceram. Gosto de ficção, mas principalmente mitologia grega.

Entrevistadora 2: Dá um exemplo, assim, de livro que gosta.

Carla: Tem um brasileiro. Pedro Bandeira... "A droga da obediência". Adoro Pedro Bandeira!

Entrevistadora 2: Internacional?

Carla: Tem muitos, agora não lembro o nome. Era de romance, mas ele era real. Gostei muito do livro.

Carolina: Eu gosto muito de...até pode ser ficção. Mas que seja algo real, que trate de coisas reais. Não curto muito...assim uma humana fez uma tatuagem e naquela tatuagem foi para um mundo desconhecido. Não curto. Curto coisas reais. Tem um livro que eu li do Jonh Green. Eu amo os livros dele. É de uma garota com câncer que se apaixona por um (ruídos). Eu gosto de livro assim. Tipo Diário de "Anne Frank"... Livros reais! (...)

Entrevistadora 2: e aqueles livros assim... Como se tornar uma pessoa melhor...

Entrevistadora 1- Autoajuda!

Entrevistadora 2: Como conviver com tal pessoa...

Carla: Eu acho assim... Sobre esses livros que você tem a sua personalidade e não vai ser você lendo um livro que vai mudar essa sua personalidade. Aquela pessoa conseguiu mudar daquela forma, mas você tem um modo diferente de funcionar. Então eu acho que pra mim não resolve.

Carolina- Eu nunca li isso.

41

Sara (18 anos): eu ouço de tudo, menos rock.

Samuel (16 anos): Eu escuto mais rock, meio alternativo.

Entrevistadora – vocês leem?

Sara – Não muito.

Samuel- Eu gosto. Eu leio bastante.

Entrevistadora- Qual tipo de livro? Diz um que leu recentemente.

Samuel – Guerra dos Tronos.

42

Eduardo (16 anos): De tudo.

Entrevistadora: O que toca no rádio esta ouvindo...

Eduardo: Só sertanejo

Entrevistadora: Você gosta de ler?

Eduardo: Não.

Entrevistadora: Revista, jornal?

Eduard: Não.

43

Pedro (17 anos): Leio alguns livros e música é mais MPB.

44

Enrico (16 anos): Rock, sertanejo, é...

Entrevistadora: De tudo? (risos)

Enrico: Não, só os dois!

Entrevistadora: Só rock e sertanejo? (risos)

Nicolas (17 anos): É... música japonesa: rock e pop.

Entrevistadora: E... Rock que você ouve é tipo o que? Tipo folk...

Enrico: É... Não, é o que eu mais gosto, geralmente, é...

Entrevistadora: Uma banda, assim?

Enrico: Uma banda?

Entrevistadora: É.

Enrico: System. (Refere-se aqui à banda de Nu Metal, System of a Down).

Entrevistadora: System? (Surpresa no tom de voz) Você ouve System?

Enrico: Curto demais!

Entrevistadora: Que legal!

Enrico: Slipknot...

Entrevistadora: Ah, legal, aham.

Enrico: Todo mundo...

Entrevistadora: Legal. E você, Nicolas?

Nicolas: Banda? Você não vai conhecer. Sabe? É... banda, é... (diz o nome de uma banda, que eu não entendo) japonês, né? (Ruídos externos) E... (mais ruídos externos) punk (ruídos)...

Entrevistadora: Punk?

Nicolas: Não, mas não...

Entrevistadora: tipo...

Nicolas: Não

Entrevistadora: Ramones?

Nicolas: Não, não é... tipo, só nome.

Entrevistadora: Ah!

Nicolas: Só que essa toca Rock, entendeu?

Entrevistadora: Então vamos ver aqui... vocês leem livros? Que não são exigidos pela escola?

(Os estudantes riem. Enrico faz que não com a cabeça)

Enrico: Não.

Entrevistadora: Não?

Enrico: Eu leio o mínimo possível. (Risos)

Nicolas: Ahm... Eu to pensando... começar ler, só que eu não to começando ainda, tipo... quero, quero ler.

Entrevistadora: aham

Nicolas: pra aprender mesmo que eu não sei

Entrevistadora: Aprender o português

Nicolas: É, isso. Pra aprender vocabulário

Entrevistadora: Legal

Nicolas: Só que num dê, daí, é...

45

Tamara (17 anos)-: Rock'n roll, mpb,

Entrevistadora: Que tipo de rock, de mpb... Cita bandas, assim...

Tamara: Rock, tipo AC/DC, Iron [Maiden], Aerosmith, Whitesnake, é... Gosto de uns rockezinho aqui do Brasil, também, tipo (pensa) ai, não sei, não é rock, eu não considero rock, na verdade, Skank. Eu

ouço Lulu Santos, também, cultura (com ar de riso).

Entrevistadora: aham (com ar de riso).

Tamara: Tudo

Entrevistadora: aham

Tamara: E... sei lá, tipo isso.

Giovanna (17 anos):- Nossa, eu tenho um monte! (Risos) Escuto funk, escuto um pouquinho de pagode... Às vezes eu tenho que escutar, (ruídos da outra entrevista) é... música gaúcha, tipo meu pai gosta de vanera... Ih, tem um monte! Escuto mais rádio, então qualquer música que toca na rádio, eu...

Entrevistadora: Qual rádio você ouve com mais frequência?

Giovanna: A Mix, Jovem Pan, Transamérica,

Entrevistadora: Entendi, e, é... vocês leem livros que não são exigidos pela escola?

Tamara: Fazem o que?

Entrevistadora: Vocês leem livros que não são exigidos pela escola?

Tamara: Sim.

Entrevistadora: Que tipo de livros vocês leem?

Tamara: Eu gosto bastante de livros que contam história... Tá, tá ligado aquele livro "A Cidade do Sol"?

Entrevistadora: Uhum, do Khaled Hosseini.

Tamara: Aham, é, cara, eu amo ele! Sério, gosto muito das coisas que ele escreve, sabe?

Entrevistadora: uhum

Tamara: Então leio bastante coisas tipo assim, sabe?

Entrevistadora: E tipo, fala sobre o que o livro "A Cidade do Sol", por exemplo?

Tamara: Fala sobre a vida das pessoas em geral, mas mais das mulheres no Afeganistão, Paquistão, essas coisas assim que eu leio.

(A entrevistadora volta-se para a Giovanna, com a intenção de esperar sua resposta e ela faz que não com a cabeça, querendo dizer que não lê, ou, pelo menos, lê com pouca frequência).

Entrevistadora: Não lê?

Giovanna: Os únicos livros que eu li foi "Marley e Eu",

Entrevistadora: Aham

Giovanna: (risos) que eu demorei 2 anos e meio pra ler! (Diz esta frase com ar de riso). Terminar de ler! E... e o outro foi "O Diário de Mary Berg"

Entrevistadora: Ah, legal.

Giovanna: O único tipo de livro que eu gosto...

Entrevistadora: O [Diário] de Anne Frank, você não leu ainda?

Giovanna: Não... (...) que é fatos reais, que ela, ela escreve um diário e daí depois ela passa para o livro.

Entrevistadora: Ah, legal!

46

Fabrizio (16 anos): Escuto meio que de tudo. Não tem um estilo bem certo.

Entrevistadora 2: mas tem algum com mais frequência?

Fabrizio: Sertanejo!

Entrevistadora 1: Você gosta de ler?

Fabrizio: Não. Gibi no máximo.

Entrevistadora 2: Gibi tipo o que? Mangá?

Fabrizio: Gibi da Mônica! (risadas)

Utilização do computador e das redes sociais

47

Daniela (17 anos)- Em casa. As redes sociais eu não uso muito, só nos finais de semana.

48

Eduardo (16 anos): Em casa

Entrevistadora: Você usa redes sociais com frequência?

(Acena que sim)

Entrevistadora 1: Quanto tempo?

Entrevistadora 2: Todo dia?

Eduardo- Sim. Deixo aberto e fico jogando.

49

Entrevistadora: Redes sociais você usa?

Pedro (17 anos): Sim!

50

Nicolas (17 anos): Em casa

Enrico (16 anos): Em casa

Entrevistadora: Em casa. E... usa as redes sociais com frequência? (Pausa)

Nicolas: Que é?

Enrico: É...

Entrevistadora: Redes sociais...

Enrico: Sim, é...

Entrevistadora: Facebook, Twitter...

Enrico: É, redes sociais.

Entrevistadora: Tumblr...

Enrico: Sim, todo dia. Mas eu não sou daquela pessoa que fica sufocada, esperando alguém mandar alguma coisa. Eu sou daquela tipo, fica dez minutos por dia. Olha

Entrevistadora: Ah...

Enrico: vê se tem alguma coisa, conversa, não sei o que, adiciona alguém e saio.

Entrevistadora: Sim.

Nicolas: Eu... também assim, só que, meu, meu caso, deixo ligado. Deixo ligado, se não, tem pessoa que... não, não vai dar mensagem, por exemplo: quando tem alguma coisa importante e vai dar mensagem. Talvez, pessoa que vai dar mensagem quando tá off-line, também, só que, geralmente, quem vai dar, mandar mensagem, é quando tá online

Entrevistadora: aham

Nicolas: Então deixa ligado.

51

Tamara (17 anos):- Em casa.

Giovanna (17 anos): Em casa.

Entrevistadora: Usa as redes sociais com frequência?

(As meninas respondem juntas): Sim!
(Risos)

Entrevistadora: Que frequência?

Tamara: Todos os dias.

Giovanna: Toda hora, todo momento.

Tamara: Mentira (Giovanna ri).

Entrevistadora: Sério? (Giovanna consente com a cabeça).

52

Fabrizio (16 anos): Mais em casa!

Utilização da Biblioteca e Laboratório de Informática

53

Daniela (17 anos): Às vezes. Nunca vi ninguém fazer pesquisa lá.

Entrevistadora: O laboratório de informática é utilizado? De que forma?

Daniela: Tem 3 computadores só que funcionam, nunca usei.

54

Eduardo (16 anos): Não, Pouca gente usa.

Entrevistadora: E a biblioteca?

Eduardo: Quando vou fazer trabalho.

55

Pedro (17 anos): Usei mais no bloco de português.

Entrevistadora: E ela é usada mais para pesquisa?

Pedro: Para leitura.

Entrevistadora: E o laboratório de informática... Vocês usam?

Pedro: Nunca usei.

56

Tamara (17 anos): Pra mim não tem utilidade nenhuma.

Entrevistadora: Você já viu alguém indo pra Biblioteca?

Tamara: Sim.

Entrevistadora: É, e eles vão pra fazer o que, assim?

Tamara: Eu não sei, porque, na verdade eu não entrei lá, mas eu vejo bastante gente indo lá e, às vezes, até tem gente pegando livro de lá.

Entrevistadora: Uhum. E o Laboratório de Informática, ele é utilizado?

Tamara: Eu nem sei onde fica.

Giovanna (17 anos): As únicas vezes que eu fui foi pra comer. (Risos)

Entrevistadora: E o Laboratório de Informática, ele é utilizado?

Giovanna: Não sei... Um mistério... (Risos)

57

Nicolas (17 anos): Não.

Entrevistadora: Na escola? Não?

Enrico (16 anos):- Não (Nicolas e Enrico riem). Geralmente tá fechada, sempre.

Entrevistadora: Ah, sei. E, esse espaço é usado pra que, geralmente?

(Silêncio)

Enrico: Pesquisa.

Entrevistadora: Pesquisa?

Enrico: É...

Nicolas: Só que pesquisa também já tem na Internet

Enrico: (Risos) Nunca usa a Biblioteca.

Entrevistadora: Então quase não usa?

Enrico: (Risos) Não.

Entrevistadora: E o Laboratório de Informática? (Enrico tosses) é utilizado?

Enrico: Ah, usou umas duas vezes, eu acho.

Nicolas: (volta-se para Enrico) Que é laboratório de Informática?

Enrico: Laboratório de... É junto com a biblioteca, laboratório de informática, computadores.

58

Fabrizio (16 anos): Às vezes.

Entrevistadora 2: E esse espaço é usado para que?

Fabrizio: Pra jogar xadrez e ficar de castigo as vezes.

(Risadas)

Entrevistadora 2: e o laboratório de informática?

Fabrizio: Nunca fui.

Colegas de escola e vida social

59

Daniela (17 anos): Ninguém se encontra fora da escola, amizade em colégio fica no colégio, principalmente pela questão dos blocos.

60

As três respondem que não.

(Nós entrevistadoras ficamos surpresas)

Entrevistadora: Mas seus amigos são de onde, Lúcia?

Lúcia (16 anos): Meus amigos são... (pensa)

Carla (17 anos): Meus amigos são...

Quando eu saio e conheço gente...é...ou se não fora da classe, das outras salas.

Da sala mesmo eu só converso oi...qual matéria que teve hoje que eu não fui e só. Da sala aqui é só isso.

Carolina (16 anos): Os meus amigos são da igreja a maioria. Tava até pensando esses dias... Eu tenho uns 4 amigos que não são da igreja o resto é tudo da igreja.

Lúcia - Os meus são todos do bairro...

61

Entrevistadora: Você e seus colegas da turma se encontram fora da escola?

Sara (18 anos): A minha fica aqui dentro.

Samuel (16 anos): É a minha também, geralmente quando eu encontro alguém fora da escola não é da escola.

Entrevistadora: Ah não? E nos finais de semana?

Sara: Não.

Samuel: Não.

Entrevistadora: e por redes sociais?

Sara: Muito difícil.

Samuel: Ah por rede social eu converso. Converso bastante.

Entrevistadora: (Pergunto sobre a melhor amiga dele, Joana, se com ela ele manteria contato fora da escola).

Samuel: Não. Só aqui.

62

Eduardo (16 anos): Não. Só um piá de outra sala que é amigo.

Entrevistadora: O que você costuma fazer no final de semana?

Eduardo: Sair com os amigos.

63

Entrevistadora: Você e seus colegas da turma, se encontram fora da escola?

Pedro (17 anos): Não. Todos não. Alguns só.

64

Entrevistadora: Você e seus colegas da turma se encontram fora da escola?

Tamara (17 anos):- Não!

Giovanna (17 anos):- Antes sim, agora que eu mudei...

Tamara: É!

Giovanna: ...pra esse colégio, não.

Tamara: Mesma coisa que ela. No outro colégio a gente se encontrava, aqui...

Entrevistadora: Vocês se mudaram pra cá faz quanto tempo?

Tamara: Eu faz umas três semanas.

Giovanna: Eu desde o começo do mês.

Entrevistadora: E geralmente onde vocês se encontram ou se encontravam no outro colégio, assim, que lugares, assim, vocês vão? Parque, no cinema, shopping...

Tamara: É, esses lugares, geralmente na casa de amigos

Giovanna: É.

Entrevistadora: Uhum

Entrevistadora: Horários, assim? Fim de semana, manhã, de noite...

Tamara: fim de semana e de noite.

Giovanna: fim de semana e de dia.

65

Entrevistadora: Geralmente onde vocês se encontram?

Enrico: Nossa! Vários lugares... Já fui em Matsuri com ele (refere-se ao Nicolas)

Entrevistadora: aham

Enrico: Parque Barigui... Parque Barigui, geralmente.

Entrevistadora: ah, legal! Uhum.

(Enrico fala baixo algumas frases que não dá para entender)

Nicolas: Eu não trânsito, só quando tem evento. (Ruídos)

Entrevistadora: Ahm...

Nicolas: Quando não tem nada de... não tem nada assim, eu num... porque moro longe daqui, né? Então

Entrevistadora: Ah, sei.

Nicolas: não tem como.

Entrevistadora: Qual é... esses horários assim, são geralmente, de manhã, tarde, noite?

Enrico: Tarde

Entrevistadora: Final de semana?

Enrico: Sempre à tarde. Final de semana.

Entrevistadora: Final de semana à tarde, entendi.

66

Fabrizio (16 anos): Isso! Se encontramos.

Entrevistadora 1: Aonde?

Fabrizio: No shopping. Geralmente no shopping.

Entrevistadora 2: Você tem amigos fora da escola também?

Fabrizio: Tenho.

Entrevistadora 1: e das outras turmas?

Fabrizio: Das outras turmas tenho também.

Grêmios e espaços estudantis

67

Entrevistadora: Existem espaços, grupos, grêmios, que os jovens da escola podem participar? Se sim, você participa? Se não, por que não?

Daniela (17 anos): Não tem grêmio.

68

(As adolescentes acenam que não)

Entrevistadora 2: E nada parecido? Grupo de discussão...

Lúcia (16 anos): Não tem isso...

Carla (17 anos): Na verdade os jovens aqui desse colégio são bem desinteressados. Tem cursos que o colégio oferece e tudo mais, mas sem bem desinteressados mesmo.

Entrevistadora 2: Porque você acha que o pessoal é desinteressado? O curso não chama atenção?

Carla: Tem gente que prefere pagar o curso que o colégio dá... O colégio da aqui de graça e tem gente que paga fora...então é uma coisa que você meio que não entende. No que se passa na cabeça assim. Tem grupo de redações que você aprende pra passar no ENEM, vestibular...

Lúcia: Inglês...

Carla:...Inglês! Tem vários cursos. Então é falta de interesse mesmo, tem muitos que preferem ficar em casa sem fazer nada do que vir.

Entrevistadora 2: Você já fez?

Lúcia: De inglês. Eu parei porque precisava fazer estágio...

Entrevistadora 2: e é bom o curso ou é meio xoxo?

Lúcia: Inglês é legal. Tem bastante coisa em grupo.

69

Samuel (16 anos): Não.

Sara (18 anos): Não sei.

Entrevistadora: Não sabe?

Sara: Não.

70

Eduardo (16 anos): Não.

71

Pedro (17 anos): Não. Não tem.

72

(Tamara e Giovanna respondem juntas): Não.

73

(Silêncio)

Enrico (16 anos): É...

Nicolas (17 anos): Grêmio? Que é grêmio? (volta-se para Enrico) Grêmio?

Enrico: Ahm... Representantes das salas, assim?

Entrevistadora: Não, é... grêmio... é... ai!

Nicolas: (diz algo que não foi possível identificar em virtude dos ruídos)

Entrevistadora: Não, é, tipo, um grupo de pessoas que, é... estão na escola pra promover os interesses dos estudantes.

Tipo, um “bando de estudantes” que querem falar, pedir (?) chegar pra direção e falar: Ó, precisa de...

Enrico: Não, não tem! Não.

Entrevistadora: Não tem?

Nicolas: Não tem.

(Risos)

Enrico: Definitivamente, não!

74

Fabrizio(16 anos): Nunca vi. Não que eu saiba.

Quem dá mais importância para você estar na escola?

75

Daniela (17 anos): O meu namorado

76

Lúcia (16 anos): meus pais não cobram, e eles falam que é importante e eu venho por que... Porque da vontade de vir às vezes não. (...) Não obriga para vir para a escola... Eu venho...

Carla (17 anos): Lúcia posso ser bem sincera?

(risadas)

Carla: você já me disse que você não vinha para a escola se sua mãe não te obrigasse...

Lúcia: Não... Minha mãe sempre fala... mas as vezes não da vontade... Vontade assim, porque eu não quero trabalhar com alguma coisa que eu não goste.

Carla: No meu caso a cobrança vem primeiro de mim, depois da minha família. Mas se eu não tenho vontade mesmo de vir pro colégio, principalmente nesse bloco de exatas que eu não sou boa... Mas a cobrança é minha mesmo pra o meu futuro amanhã.

Entrevistadora: e você, Carolina?

Carolina (16 anos): Eu venho primeiro porque eu quero e quando eu não quero... ai eu tenho a cobrança dos meus pais: !”não quer, mas vai sim”...

77

Samuel (16 anos): Ah... Minha mãe.

Sara (18 anos): Os dois.

Entrevistadora: Mas vocês também querem estar aqui?

Sara: É!

Samuel: (ironiza que não é bem a vontade dele)

78

Eduardo (16 anos): Os dois.

Entrevistadora: Você acha importante vir pra escola...

Eduardo: Isso!

79

Pedro (17 anos): Meu pai.

80

Tamara (17 anos): A família.

Entrevistadora: A família.

Giovanna (17 anos): Ah, é os dois...

81

Enrico (16 anos): minha família.

Entrevistadora: uhum.

Nicolas (17 anos): Como? Não entendi.

Enrico: Quem, tipo, te incentiva quem dá mais importância pra você estudar?

(Pausa) É você que quer estudar ou é a sua mãe que manda você e...

Nicolas: Todo mundo, eu (ruído alto) minhas irmãs (?), eu também, minha família...

82

Fabrizio (16 anos): Minha família.

Utilidade da escola

83

Samuel (16 anos): Eu considero.

Sara (18 anos): Ah eu também.

84

Eduardo (16 anos): Sim.

85

Fabrizio (16 anos): É...Mais ou menos.

Qual o maior problema da escola

86

Daniela (17 anos): Falta de interesse pelos dois lados [professores e estudantes].

87

(O professor da aula entra na sala de aula e o barulho aumenta, não permitindo ouvir muita coisa).

Carla (17 anos): A falta de interesse dos alunos.

Entrevistadora 1: Vocês tem noção que os professores reclamam disso também...que há falta de interesse dos alunos. Vocês acreditam que seja verdade? Vocês se interessam ou é eles que não se interessam?

Carolina (16 anos): Eu acho que não é culpa deles... Eles entram na sala de aula já armados. Então eu não posso ser bom com eles eu não posso ser legal com eles, porque eles vão abusar. Então eles já entram na sala "armados" e qualquer coisa já fica... (ruídos)

Entrevistadora 2: Se eles estão "armados"...como vocês acham que isso pode ser evitado? O que seria uma posição diferente do professor que não entrasse armado...

As estudantes não sabem o que responder. Seguimos para a próxima questão.

88

(Silêncio)

Entrevistadora: ou não tem?

Samuel (16 anos): Ah eu acho que tem! Como acordar cedo!

Sara (18 anos): Ah eu não acho. É bom acordar cedo! Dormir a gente perde muito tempo

Samuel: É verdade.

89

Eduardo (16 anos): É o sistema de blocos. É tudo dividido, português...

Entrevistadora: Fica tudo corrido...

Eduardo: Você esquece...

Pedro (17 anos): Não é um problema da escola é mais os professores. Que deveria ser mais dinâmico.

91

Nicolas (17 anos): Como assim?

Entrevistadora: O maior problema, a coisa mais assim "não poderia ter de jeito nenhum", isso atrapalha a escola...

Nicolas: ah...

Enrico (16 anos): Os fumantes, na minha opinião.

Entrevistadora: Oi?

Enrico: Os fumantes.

Entrevistadora: Os fumantes?

Enrico: Sim, nossa, tipo, às vezes você também sai daqui, os caras tão fumando. Já liga o cigarro, já, já acende aqui, já vão fumando literalmente um mundo. Então, acho que...

Nicolas: Oh, acho também, porque aqui, aqui, estudam de noite, né?

Entrevistadora: uhum

Nicolas: Então, lá no Japão é (?). Só que... se a pessoa arruma assim, num colégio assim, é... preso. Lá, preso. Daí, aqui, lei, lei, né? Bem relaxado. (Enrico e Nicolas balbuciam algumas coisas que não dá pra entender direito) porque deixa eles fumar assim, aí na frente, fala que não pode, que não tá fazendo nada, entendeu?

Entrevistadora: uhum,

Nicolas: tipo, só... não sei por que existe lei! Igual, não tem.

E o maior problema da escola pra você, além dos fumantes, assim, é... quando você vai pensar a questão de professor,

Nicolas: Ah, professor...

Entrevistadora: aluno, essas coisas...

Nicolas: Falta demais. Lá no Japão, quando falta assim, professora, geralmente não falta, né? Se falta, é... Já vai ter outra professora

Entrevistadora: Uhum

Nicolas: pra entrar. E

Entrevistadora: Você já, aqui na

Nicolas: Quando falta e

Entrevistadora: Tem aula vaga...

Nicolas: (continuando a sua frase anterior) deixa alguma coisa, pelo menos. Tipo, fazer, sei lá, atividade, alguma coisa

Entrevistadora: Entendi

90

Nicolas: deixa... e, e, eu não sei se liga e deixa alguma coisa, daí vai ter outra professora, professor, não sei, daí, fica lá, cuidando e fazendo atividade. E aqui não tem, é se não vier, não tem. Não tem. Aula vaga, não tem. Ah, é bom, não sei, se é bom... (Risos)

Entrevistadora: Às vezes é bom, né, pra relaxar a cabeça...

Nicolas: É, é...

Entrevistadora: Mas, às vezes, prejudica né? Quando acontece muito.

Nicolas: É, não sei, eu estudava lá no Pinheiri... eu morava no Pinheirinho, mudei pa, daí, eu estudava perto da minha casa, é... perto da minha casa, daí... lá faltava mu... bastante. É, não é falta tipo um, assim, falta um monte de professor e

Entrevistadora: Sei

Nicolas: Aí, mudei aqui.

Entrevistadora: Ah, legal. E aqui falta menos, não tem muita falta?

Nicolas: Ahn... acho que sim, do que lá, só que... É aqui também tem falta, né?

Entrevistadora: Entendi.

192

Tamara (17 anos): Como assim?

Entrevistadora: A coisa mais assim: "se não tivesse, a escola estaria bem". A pior coisa que existe na escola, o pior problema.

(As estudantes olham umas para as outras, olham para nós - a Clarissa, neste momento já havia terminado de entrevistar outros estudantes e havia se ajuntado a nós - e as meninas parecem ainda não entender a pergunta. Giovanna ri.)

Tamara: é que eu não sei, eu não estou aqui há muito tempo. A única coisa que eu

Entrevistadora: Não é não a escola...

esta. Qualquer escola, o problema do sistema educativo, assim. Do fato de ter que estudar, desta também... Que você acha?

Tamara: A única coisa que eu acho, é... porque os professores são qualificados. Claro que tem um ou outro que não sabe dar aula direito. Só que, a única coisa que eu acho, é... é a questão estrutural do colégio (Refere-se aqui, ao Rio Branco), porque eu, por exemplo, eu achei que qualquer colégio público era igual o Aline

Carneiro, só que, eu dei, nossa! Meu Deus! O Aline Carneiro, perto dos outros colégios públicos que eu passei foi um palácio, entendeu? Eu acho que é só a questão estrutural, mesmo.

Giovanna (17 anos): Ah, não sei.

93

Fabrizio (16 anos): Problema?

Entrevistadora 2: Tipo... Se tirar aquilo a escola vai ficar bem melhor de conviver...

Fabrizio: Ai não sei dizer.

O que é um bom professor?

94

Lúcia (16 anos): Um bom professor é o que da uma boa aula e puxa os alunos (ruídos das carteiras sendo puxadas e professor limpando o apagador)...

O professor bate o apagador no quadro e não dá para ouvir a resposta integralmente.

Carla (17 anos): É aquela coisa você não precisa botar medo, mas respeito. Para fazer ele te respeitar e gostar de você, porque o medo não vai levar.

Lúcia: Eles querem impor... Boa aula... (não é possível entender)

Carolina- Eu vejo por mim... Tinha professores que eu gostava tanto que eu ficava com medo que eles brigassem comigo. Eu acho que isso é meio que respeito, você fazer o que o outro te diz, sem ter medo disso, pra ele não ficar bravo com você.

95

Pedro (17 anos): Assim eu tinha um professor que ele resumia um livro inteiro em uma página. Então... Tipo ele cantava umas músicas, tinha umas músicas...era mais legal!

Entrevistadora: Era mais dinâmico?

Pedro - Mais dinâmico!

96

Fabrizio (16 anos): Aquele professor que sabe descontrair com os alunos. Vê que ta todo mundo dormindo e conta uma piada pra turma ficar mais atenta.

Os professores conseguem entender os jovens?

97

Daniela (17 anos): Os professores não conseguem entender os jovens. A professora Olga tenho uma raiva... Você viu que esses dias ela foi falar com você e ela foi super estúpida?! A Adília, também, mal-educada, ignorante... Mas ela tem mestrado, essas coisas...

98

Pedro (17 anos): tem uns professores que é mais parado. Que nem eu falei... eles tão ensinando e daqui a pouco eles se perdem e tals. Ai perde o foco. Não entendo.

99

Carolina (16 anos): Uns conseguem de mais e uns conseguem de menos. Ou é 8 ou é 80! Tem professor que tenta e não consegue. Mas é um pouquinho... As vezes eu vejo por mim eu aprendo a mesma coisa, igualzinho que eu aprendi na 7º série e eu tipo fico de cara porque, "Ta bom isso aí eu já sei" e a maioria já deveria saber disso. Só que eu fico mais de cara que quando chega na prova o pessoal não consegue fazer. Então precisa disso querendo ou não.

Carla (17 anos): Sinceramente eu não entendo eles e pra mim eles não nos entendem....

Lúcia (16 anos): A gente faz uma pergunta pra eles e eles não entendem nossa pergunta...

Entrevistadora 2: E o que dificulta, porque eles não entendem?

Carla: Porque eu acho que... Que eles são professores e que estão aqui como autoridade e que eles têm que impor exatamente aquilo que eles querem e tem que seguir o que eles querem. Assim como nós temos nossos deveres, eles também têm os deles. Nós temos os nossos direitos também. Então é uma questão deles saberem separar isso. Entender que eles abusam um pouco.

100

Eduardo (16 anos): Alguns professores eu entendo e outros eu não entendo nada.

101

Enrico (16 anos): Ah...

Entrevistadora: Na hora que eles vão ensinar...

Enrico: (Pensa um pouco) Ah, sei lá... eu acho que sim.

Nicolas (17 anos): Al...

Entrevistadora: É?

Nicolas: Alguns professores sim, alguns professores não.

Entrevistadora: Sei.

Nicolas: Ahm...

Enrico: Tipo, o professor Fernando (professor de Matemática).

Entrevistadora: Ahm?

Nicolas: É...?

Enrico: A gente entende bastante ele, tipo, ele já tem 40 anos.

Nicolas: É, quem tem mais contato com... os estudante, sim. Ele sabe mesmo, é... professor de Física e Matemática eles sabem sobre, daí... é... tem mais conversa com estudante, mais brinca com estudante, daí (pausa) se brinca, nós também, tipo, sai, né?

Enrico: É tipo, tal... Porque sei lá, tipo, vira aqui, ó, pra pessoa, algum sabidinha. Ele quer ser ma, é... tipo, interage mais, entendeu?

Entrevistadora: Ah, legal.

Enrico: Bem mais divertido e bem mais fácil de aprender, também.

Entrevistadora: aham.

Nicolas: É professora de Português, né? Professora, que, ó (É interrompido por Enrico).

Enrico: Ela chega à sala, você tem que ficar quieto, senta.

Nicolas: E, e.

Enrico: olha pra frente.

Entrevistadora: A Adília?

Enrico: (consente com a cabeça) é, Adília.

Nicolas: Ela tipo, acha que, acha que é, estudante: assim! (faz gestos com as mãos que lembram o de uma caixa, quadrada, reta) Tem que ser assim. E só, não pensa nada fora,

Entrevistadora: Ah...

Nicolas: não, não, ela não ouve o que é...

Enrico: a gente quer. É isso, entendeu?

Nicolas: É. O que é a gente quer

Entrevistadora: Ah... já tem uma ideia pronta e não

Nicolas: Isso, é...

Entrevistadora: Um “pre-conceito”, assim.

Enrico: mais ou menos

Entrevistadora: aham

Nicolas: mais ou menos

102

Tamara (17 anos): Não.

Entrevistadora: Uhm... Desenvolva, falem mais sobre isso assim, não sei, tipo...

Tamara: Não é, tipo... Eles não entendem o que a gente... Sei lá, não entendem o que a gente fala, só que, e eu não acho que a gente fala de uma forma complicada, porque eles estão ali pra entender o que a gente tá falando.

Entrevistadora: Uhum.

Tamara: Até porque a gente nem sabe direito o que a gente tá falando porque é uma pergunta, uma dúvida que a gente tira. É isso...

Giovanna (17 anos): Muitas vezes não conseguem. Que nem o Armando (de Física). A gente pergunta pra ele, tipo, o resultado e tal, assim, todo mundo, tipo, dá a resposta, ele fala: “Ah, não, vai pesquisar com o, com os seus colegas” e tals...

Entrevistadora: Uhum

Giovanna: Tipo se estiver errado não vai adiantar nada o... Tanto o meu quanto do meu colega... Não adianta, entendeu? Agora, algum professor ajuda. Que nem, professora de Química, ela ajuda.

Entrevistadora: Como que ela faz, assim, geralmente? Como que ela...

Giovanna: Não, tipo, ela explica, o que tem que fazer... Se tem alguma dúvida ela vai lá e...

Entrevistadora: Uhum

Giovanna: Tipo, pra sanar as dúvidas, esses treco... (Risos).

Entrevistadora: Sei, legal.

103

Fabrizio (16 anos): Acho que muitas vezes eles não conseguem entender a gente. Meu ponto de vista.

Entrevistadora 2: porque você acha isso?

Fabrizio: Porque eles tentam empurrar a matéria, não é como fosse seu amigo ensinando. Daquele jeito. E muitas vezes eu aprendi com meus amigos, não com o professor.

Quando você aprende melhor a matéria, com os professores, colegas ou lendo a matéria?

104

Daniela (17 anos): Com os colegas eu aprendo muito melhor a matéria.

105

Carla (17 anos): É relativo. Porque por exemplo a professora de geografia, a gente aprende bastante com ela...com o método dela passar a matéria que ela dá ali no quadro e tem outros que ele explica, explica ...

Lúcia (16 anos): Tipo o professor Armando

Carla: Física... Aquilo não entra na minha cabeça!

(A aluna que quer participar da entrevista [Tamara] pede para dar sua opinião, ela estava atenta a todas as perguntas e comenta que quem vai respeitar um professor que fala errado “As arma, quem fala isso? Não dá pra entender a aula dela”.)

Lúcia: A maioria entende a aula dela, porque ela dá aula no quadro. Eu consigo entender perfeitamente a matéria dela. Ela reforça. Agora matéria assim do professor Armando, por exemplo, aí a gente entende alguma coisa. Ele dava aula pra cursinho, então o professor sabe, mas a gente não sabe bem o que ele passa .Ai ele não dá nem 2 minutos pra gente fazer... tem alunos que conseguem pegar mais fácil (ruídos).

106

Sara (18 anos): Quando o professor explica bem e que todo mundo fica quieto e que todo mundo fica prestando atenção...

Samuel (16 anos): É. Eu acho que é melhor.

107

Eduardo (16 anos): Escutando a aula.

108

Pedro (17 anos): Com os colegas.

109

Enrico (16 anos): Com os colegas, com certeza. Porque tipo eles explicam de uma forma que você entende, entendeu? Eles sabe, professor Armando fala alguma coisa

Entrevistadora: E você, Nicolas?

Nicolas (17 anos): Ah... colegas, é... quando assim é coisa nova,

Entrevistadora: Uhum

Nicolas: Eu acho que melhor com o professor

Entrevistadora: aham

Nicolas: que ele explica. Daí... um, no... daí todo mundo entende, só que quando, assim, mais fácil de perguntar e colega,

Entrevistadora: uhum

Nicolas: é, daí, explica bem mesmo.

Entrevistadora: uhum. Colega explica melhor?

Nicolas: É só que, professor também explica, só que mais, com... Mais fácil de... falar, oh,

Entrevistadora: Aham.

Nicolas: Mais tipo, idade, pela idade, não sei. Isso, eu tenho, não sei, alguma coisa estranha quando vou falar ah, com adultos assim.

Entrevistadora: Uhum.

Nicolas: E não dá pra falar de maneira assim, natural, assim.

Entrevistadora: Tem que ser com mais respeito... (Nicolas consente com a cabeça)

110

Tamara (17 anos): Eu aprendo melhor lendo ou com algum amigo ensinando.

Giovanna (17 anos): Eu acho que se eu prestar bem atenção na matéria acho que eu aprendo com o professor. Agora... colega...

Entrevistadora 1: Entendi. (Professor de física entra na sala e cumprimenta a nós e a alguns estudantes que já haviam entrado)

111

Fabrizio (16 anos): Ah depende do professor.

Disciplinas e conteúdos

112

Entrevistadora: Com relação aos conteúdos que você tem em sala de aula, você esta de acordo com as coisas que devem ser estudadas no colégio? Sentem falta de algo nas disciplinas? Eles estão ligados a prática?

Daniela (17 anos): Não. Elas não têm ligação nenhuma com a prática.

Entrevistadora: Você pensa que o Ensino Médio seria uma repetição de muitos conteúdos do Ensino Fundamental? Que sugestões você daria para o Ensino Médio se tornar uma etapa de ensino melhor?

Daniela: É sim uma repetição do Ensino Fundamental. Que nem diz o professor de Física: "Vocês viram isso na 6ª série!" Ele corta tudo, (virando-se para sua colega, ao lado, de outra turma) já percebeu que ele corta todos os números da conta? Não tinha que ter ENEM, tudo o que faz é preparação para o ENEM e pro vestibular, a gente fica mais neurótico ainda.

113

Entrevistadora: Vocês pensam que o EM é uma repetição dos conteúdos do EF? Ou é tudo novo?

Carla (17 anos): É tudo novo!

Lúcia (16 anos): Algumas coisas...

Carla: Pra mim é tudo novo...

Principalmente na aula de exatas. Nunca me dei bem. É uma coisa que não entra na minha cabeça. Agora piorou, porque no Ensino Médio entra física, química... Nem matemática dá pra entender.

114

Entrevistadora: e os conteúdos que vocês têm em sala de aula... Vocês sentem que esta de acordo com o que você convive lá fora? Esta relacionado?

Sara (18 anos): Pra mim as vezes é. Porque no meu serviço eu faço muita conta né?!

Samuel (16 anos): Tá, mas tem outras coisas que é meio que inútil.

Sara: É tem algumas coisas que você vê que você diz que não precisa ver isso.

Samuel: Tipo, porque eu vou querer saber quantos mols tem em uma bebida?

Sara: Igual de química, física. É muito...

Entrevistadora: Parece muito abstrato?

Samuel e Sara: É!

Sara: eu não vou construir um prédio agora!

(risadas)

Entrevistadora: Vocês pensam que o ensino médio é uma repetição de conteúdos do EF? ou é tudo novo?

Sara (18 anos): Tem um pouquinho.

Samuel (16 anos): É algumas coisas é repetido, mas acho que a maioria é novo.

115

Entrevistadora: Você acha que o conteúdo do EM é repetição dos conteúdos do Ensino Fundamental? ou é tudo novo?

Eduardo (17 anos): É mais repetição.

Repete bastante.

(...)

Entrevistadora 1: O que é passado aqui de conteúdos, você acha que falta alguma coisa pra aprender melhor... usar o laboratório?

Entrevistadora 2: O que seria uma aula mais legal pra você? Pra ter sua atenção?

Eduardo: Ajudaria...?Pra saber alguma coisa... Aí começa a encher o saco, entendeu?

116

Entrevistadora: Você acha que os conteúdos do Ensino Médio são repetições do Ensino Fundamental?

Pedro (17 anos): Não. Depende da matéria.

(...)

Entrevistadora: Você esta de acordo com os conteúdos que são passados na aula ou acha que falta alguma coisa? Falta prática ou é abstrato?

Pedro: Falta mais prática

117

Entrevistadora: Com relação aos conteúdos que têm na sala, vocês acham que essas coisas, é... Deveriam ser estudadas ou se elas são úteis, vocês sentem falta de alguma coisa na disciplina?

Enrico (16 anos): Ah, sei lá, às vezes (diz algo que não consigo compreender) tipo,

Entrevistadora: São ligadas à prática?

Enrico: Tem umas coisas que eles passam que são bem nada a ver, tipo, (balbucios) sei lá, mas tinham que passar mais coisas assim pra gente usar no nosso dia a dia.

Entrevistadora: Uhum,

Enrico: Tipo, exemplo, é aquele negócio de, como é que é? Que o professor de matemática está passando agora? Ma uhm...

Nicolas (17 anos): ahm... matrizes.

Enrico: Matrizes, eu nunca vou usar aquilo, nem sei pra que serve aquele negócio?

Entrevistadora: Sei

Enrico: Mas ele passa, eu acho que não, não tem sentido usar aquilo lá.

Entrevistadora: Uhum.

Nicolas: Eu já (balbucios)

Enrico: Como é que é?

Nicolas: Não penso assim. Eu, eu, tipo, estuda porque obrigatório estudar. (Risos) Não é, não é também porque tipo, que faz, então, estudo não vai, não vai fazer mal pra nós, tipo, é... quanto mais estuda melhor, entendeu? Então acho que "Não vai servir, então não vou estudar!", não é isso, também, acho que fazer melhor, então, o que professor passa é, precisa pra nós,

Entrevistadora: uhum

Nicolas: que precisa.

Entrevistadora: Você acha que o Ensino Médio, ele é uma repetição de muitas coisas do Ensino Fundamental?

Enrico: Sim!

118

Entrevistadora: Você pensa que o Ensino Médio é uma repetição de muitos conteúdos do Ensino Fundamental? Que sugestões você daria para o Ensino Médio se tornar uma etapa melhor?

Tamara (17 anos): Acho que é uma repetição, só, que, tipo, mais elaborada, mais... caminhos assim, tipo, pra aprofundar mais assim... Só isso...

(...)

Entrevistadora: E com relação aos conteúdos que você tem, é... que você recebe dos professores em sala de aula, você está de acordo com as coisas que devem ser estudadas no colégio? E sente falta de alguma coisa nas disciplinas?

Elas estão ligadas à prática? [Ao ver a expressão de confusão no rosto das meninas, a entrevistadora tenta dar algumas “dicas” para facilitar a compreensão] Alguma disciplina na sua vida, você acha, você vê significado no que você aprende aqui em sala de aula?

Tamara: Não, tipo, muita coisa assim, assim, como eu posso dizer? Estão no nosso cotidiano, no caso. Só que pra mim não tem utilidade nenhuma porque em todos esses anos eu não aprendi nada. Sério, eu não sei (censurado) nenhuma! Tipo, nada mesmo! E eu não acho que eles explicam bem... (Silêncio) Sei lá.

Giovanna (17 anos): Ah, comigo é mais às vezes que nem, no de Artes, como eu gosto de desenhar, o que ela passa, não me interessa! Que eu prefiro desenhar mesmo não essas coisas de passado. (Ruídos) Só em Artes, eu acho. Agora, Geografia... Matemática, Física, Química, acho que é importante! Essas coisas.

Entrevistadora: No caso do vestibular, pra entrar no vestibular, assim?

Tamara: Sabe, tem muita coisa no vestibular que a gente não vai usar. É só pra testar o quê? Testar nada, tipo. Sério! Eu fico de cara (ou seja, indignada) com esse país, meu, ixi (sic)!

Entrevistadora: Porque você acha que você não aprendeu nada, até agora, assim, que você falou?

Tamara: No Júlia Wanderley era até pior do que aqui, em questões de ensino. Tipo, vamos supor, eu reprovei um ano, reprovei a 6ª série, na outra 6ª série, eu continuei sem saber nada daquilo que eu, tipo, sabe, reprovei. Tipo, por mais que eu passei, passei dois anos pela mesma matéria, mas não aprendi nada nos dois anos, entendeu? Até hoje, eu não sei nada, sério. Eu não sei nem fazer conta de dividir direito. Tudo o que eu estudei até hoje não me serve de nada, sério, só pra fazer vestibular e conseguir entrar na faculdade, porque eu não vou usar nada disso, tipo. Eu sei escrever bem pra caramba (sic) Tipo, eu escrevo em casa, eu leio pra caramba, muita coisa eu aprendi sozinha, sabe, tipo.

119

Fabrizio (16 anos): No primeiro ano sim. Algumas coisas

Entrevistadora: Agora são coisas novas...

Fabrizio: É... Agora é diferente.

Avaliação e suas formas

120

Entrevistadora: A avaliação é feita de maneira formal nas escolas, com provas escritas. Você considera bom ou preciso essa forma de avaliar? Se pudesse planejar uma forma alternativa para sua turma como ela seria?

Daniela (17 anos): É boa sim, mas as perguntas são muito grandes e por isso confundem a cabeça da gente e a í não dá pra resolver os problemas direito.

Entrevistadora: Quando você tira nota baixa na prova, isso significa que você não aprendeu? E nota alta, é sinal que aprendeu?

Daniela: Depende. Tem pessoa que cola, se não aprendeu é porque o professor não ensinou direito, ou por falta de compreensão ou a professora ensinou de um jeito e quer na prova bem mais elaborado.

121

Entrevistadora: Então quando vocês tiram nota baixa na prova significa que você não aprendeu e quando você tira nota que você aprendeu, é isso? A avaliação define o que vocês aprenderam?

Carla (17 anos): Não! Porque muitas vezes eu aprendi muito a matéria e chega na hora da prova dá nervosismo!

Lúcia (16 anos): ... Você sabe, mas quando chega na hora de fazer a prova você fica nervosa, tipo... eu esqueci e tal.

Entrevistadora: e que outra forma daria para avaliar? Sem ser prova? Pra tirar a pressão de vocês...

Lúcia: discutindo em sala.

Carla: Seria uma boa forma de avaliação.

Lúcia: Assim como na aula de sociologia. Trocando ideias... Seria bem melhor!

122

Entrevistadora: A avaliação aqui da escola é feita com provas. Vocês acham

que poderia ser feita de outra forma? Para avaliar vocês?

Sara: Acho que devia.

Entrevistadora: Que outra forma seria?

Sara (18 anos): Em grupo... assim fazer grupos, aí cada um ir lá pra frente, pegando papelzinho. Seria mais...

Entrevistadora: Dinâmico?

Sara: É!

Samuel (16 anos): Eu acho que mais dinâmico seria mais legal!

Sara: Não passar uma prova igual que você não sabe. Igual agora! (referem-se a prova de química que será na penúltima aula)

Samuel: a prova de física também “orra cara!”.

Entrevistadora: Já tiveram prova de física?

Ambos dizem “Já”!

Entrevistadora: todo mundo esta...

Sara: todo mundo esta! (Se referindo: estão lascados)

(...)

Entrevistadora: e quando vocês tiram nota baixa em uma prova isso significa que vocês não aprenderam? e quando tira nota alta, é sinal que aprenderam...é isso?

Sara: Isso!

Samuel: Acho que não é bem por ai! As vezes a gente pode ter aprendido mas ter tirado nota baixa, mas tipo ter aprendido, mas não ter decorado as contas e tal.

123

Entrevistadora: Quando você tira nota alta na prova significa que você aprendeu e quando tira nota baixa significa que não? Você acha que é assim?

Eduardo (16 anos): Não sei. As vezes da um branco. Eu tenho facilidade, só ouço a aula e aprendo. Não preciso estudar.

124

Pedro (17 anos): Pra mim eu já todo acostumado, prefiro mais prova do que outros tipos de avaliação.

125

Enrico (16 anos): Tipo, (Pigarreia) aqui eles dão muita chance, né, tipo... prova valendo não sei o que, assim, trabalho, é trabalho, recuperação, trabalho. Sei lá,

tipo... pra mim, pessoas como eu, ajuda.

Que não estuda,

(Entrevistadora sorri)

Enrico: que é sempre empurrada. Mas como ele, (refere-se ao Nicolas, fazendo sinal para o lado em que ele está sentado) ele estuda bastante, é uma pessoa muito inteligente.

Entrevistadora: Uhum.

Enrico: é, como devia ser na, tipo, na, na época do professor Armando (Física) Vai fazer uma prova só, valendo a nota da média e se tirasse, tirava, se não, não, entendeu?

Entrevistadora: aham.

Enrico: Que ia estudar. Aqui eles dão muita chance.

Nicolas (17 anos): É...

Enrico: Relaxados, é, tipo...

Nicolas: Por isso que não estuda, porque tem chance, daí acha que vai ter chance, vai ter chance.

Enrico: Se não tirar nessa, tira na outra, “ah... tem recuperação, não sei o quê (...)

Entrevistadora: Sei. E assim, é, quando vocês tiram nota baixa numa prova, isso significa que vocês não aprenderam o conteúdo?

Nicolas: Sim.

Enrico: (reflete um pouco) Não.

Entrevistadora: Não?

Enrico: Porque, tipo, na ho... pov... tipo, assim, é... eu sou assim: a professora pergunta, na hora eu respondo, agora, chega na hora da prova, só que eu não acerto, entendeu? Isso não é que eu não aprendi, tirar nota ruim

Entrevistadora: E pra você, Nicolas? (Ruídos altos)

Nicolas: Acho que é, quando tira nota boa na prova, acho que não estudou, não sabe.

Entrevistadora: Uhum

Nicolas: Não aprendeu

Entrevistadora: Entendi.

126

Tamara (17 anos): Não.

Entrevistadora: Se você pudesse planejar uma outra forma de avaliar, como que ela seria? Essa outra forma?

Tamara: Não existiria. (As estudantes riem)

Giovanna (17 anos): É verdade!

Tamara: Acho desnecessário.

Incrivelmente desnecessário, sério.

Entrevistadora: uhum

Tamara: Trabalhos, tipo, é bem melhor.

Entrevistadora: Sei. E esses trabalhos, eles seriam de que jeito, assim, por exemplo: você pesquisa uma coisa, traz, apresenta?

Tamara: Não. Eu acho que devia ser um trabalho comprido, já que não teria prova, acho que teria que ter um trabalhão. Só que, é, tipo, fazer sozinho, não em grupo, entendeu? Claro que deveria ser um trabalho em grupo ou em dupla, sei lá como é que faz, já que tipo substituiria a prova, pra você fazer um trabalho sozinho, daí.

Entrevistadora: É, eu não sei se no colégio de vocês tinha aquela semana de feira de ciências, assim. (As meninas consentem com a cabeça). Que vocês acham daquilo? É uma avaliação interessante, ou nada a ver...

Tamara: Desnecessário também!

Entrevistadora: É? Por quê?

Giovanna: No meu outro colégio tinha tipo, era Semana Cultural.

Entrevistadora: Isso.

Giovanna: Às vezes tinha é (???) de estudo mesmo pra fazer, mas às vezes, era só pra zoar (Gesticula com as mãos).

Entrevistadora: Uhum

Giovanna: (Ruídos). Teve um dia que a gente foi na rua catar lixo.

Entrevistadora: Ah...

Giovanna: Tenho medo, que eu nunca fiz isso (com voz de riso).

Entrevistadora: Aham.

Tamara: Não, sério, pra mim é bem desnecessário. Tipo, eu não aprendo nada, em cada sala tem uma coisa diferente, né? Eu não entendo nada do que os cara fala, eles não sabem o que tão falando, então, tanto faz...

Entrevistadora: Sei. E quando você tira nota baixa na prova, isso significa que você não aprendeu? E nota alta significa que você aprendeu?

(As estudantes fazem que não com a cabeça)

Tamara: Não.

Giovanna: Nem eu.

Entrevistadora: E porque que pra vocês não?

Tamara: Porque na hora, tipo, sempre dá um nervosismo na pessoa, tipo, dá um branco, sempre assim. (Barulho da sirene indicando que acabou o horário de intervalo) Pra mim é só isso, com relação a isso.

Entrevistadora: Beleza

(Ruídos de conversa, Giovanna diz algo que o barulho da sirene, por ser muito alto e contínuo, não permite ouvir direito)

Giovanna: Quando eu tiro zero, eu dou risada. Agora, quando eu tiro nota boa .

127

Fabrizio (16 anos): Acho que falando, assim... Oralmente ia ser melhor.

Motivos para estar fora de sala de aula

128

Daniela (17 anos): Não.

129

Entrevistadora: Você não tem medo das faltas?

As três acenam que não

Lúcia (16 anos): Não tem esse medo, mas medo assim não.

Carolina (16 anos): é difícil repetir por falta é mesmo por nota. Eles falam que pode repetir por faltar, porque se não ninguém vem...

Carla (17 anos): ...e automaticamente se você não vem você não tem nota. Porque você não vai aprender o conteúdo.

(...)

Entrevistadora: (...) Você procura motivos para estar fora de sala de aula?

Carla: Olha eu digo que já fui... Eu não nego não!

(risadas)

Lúcia: A gente ta sempre procurando alguma coisa... Um motivo pra sair...

Carla: Até tirar um Xerox assim de cosia que não precisava.

Lúcia: Ir beber água, ir ao banheiro... Só que nós não vamos!

Entrevistadora: Acontece gazeta?

Lúcia: Tem bastante de pessoas.

Carla: Eu passei uma semana. (...) Chega e entra na terceira.

Entrevistadora: Eu já vi!

Carla: É difícil, mas eu tenho que parar. Se não eu to ferrada.

Lúcia: Eu também... (ruídos)

130

Samuel (16 anos): Como assim?

Sara (18 anos): Por exemplo, a aula esta chata pra você e então você vai lá para fora, fica rodeando a escola, ou não? Vocês sempre procuram estar na sala?

Samuel : Ah depende ...

Sara- Você tem que ficar em sala de aula, porque se não você não consegue sair.

Entrevistadora: Mas já chegaram a matar aula?

Sara: (Acena que sim)

Samuel: Já!

Entrevistadora: Falaram que iam vir para a aula e não entraram na escola?

Sara: Eu já vim e entrei pra segunda, coisas assim.

Samuel: É eu também. Eu entrei e fiquei ali em baixo... Só matando tempo.

131

Eduardo (16 anos): Não.

Entrevistadora: Não?

Eduardo: Só preguiça. (risadas)

132

Pedro (17 anos): Às vezes! Dependendo da aula.

133

Tamara (17 anos): Não!

Entrevistadora: Não? (As estudantes acenam que não com a cabeça). A sala de aula te dá motivos para estar fora da sala de aula?

Tamara: Indiferente. Eu só fico aqui, porque eu sei que eu tenho que terminar.

Entrevistadora: Aham. E você? (Dirigindo-se à Giovanna).

Giovanna (17 anos): Eu bebo água? (um riso).

Entrevistadora: É?

Giovanna: Não tem mais graça!

Entrevistadora: Ahmm... "Não faz nada fora e nem dentro", então...

Giovanna: É, e nem dentro.

134

Nicolas (17 anos): Como?

Enrico (16 anos): "Você arruma motivos para estar fora da sala de aula?" Eu: Sim.

Entrevistadora: aham, tipo?

Enrico: Tipo, beber água na aula de Sociologia, toda hora faço isso.

Entrevistadora: aham, e porque você faz isso?

Enrico: Porque é muito chata a aula dela. Dá vontade de dormir!

Entrevistadora: Sério?

Enrico: Sim!

Entrevistadora: Ah... Entendi! E você, Nicolas?

Nicolas: Que que é? (volta-se para o Enrico e repete) Que que é?

Enrico: Você arruma motivo pra sair da sala de aula? Tipo... Sem motivo, assim, entendeu?

Nicolas: Ah, eu não tenho. Eu quando...

Enrico: Ah, ele fica na sala sempre!

Nicolas: É, quando... não que assisti eu durmo! (risos)

Entrevistadora: Beleza dorme na cara dura assim na frente do professor

Enrico: É, ele dorme na cara dura mesmo (Risos)

Entrevistadora: Ah, entendi.

(...)

Nicolas: Mas eu durmo em Física... porque... na parte teóricas, assim... ah, é só aprender fórmulas daí dá pra fazer

Entrevistadora: aham

Nicolas: porque algumas coisas que... que ele explica não tem nada a ver, tipo...

Enrico: aham, (com um tom de humor) lá... Na aula...

Nicolas: que ele, que ele explicou, por exemplo, computador! Sobre computador. Não tem nada a ver com Física, entendeu?

Nicolas: Ele explicou e eu fiquei dormindo. (ri brevemente) Não tenho nada pra aprender.

135

Fabrizio (16 anos): Sim!

Entrevistadora: Porque você faz isso? Porque a aula é chata?

Fabrizio: Pra dar uma descontraída

Sugestões de melhoria do Ensino Médio

136

Entrevistadora: o que vocês poderiam sugerir para o EM ser melhor? Uma fase mais legal?

Sara (18 anos): Nada.

Entrevistadora: estão acostumados já? (meio sem entender ou saber o que responder)

Sara: é!

Samuel (16 anos): Já!

137

Pedro (17 anos): Acho que eu mudaria só alguns professores...alguns métodos de ensino. Não aquela aula parada.

138

Enrico (16 anos): Sugestão? Tipo, sei lá (pigarreia) Quando começa, né, que é bloco, eles demora, tipo, um mês só pra dar revisão. Eu acho que isso não seria, não seria necessário tanto tempo pra dar uma revisão.

Nicolas (17 anos): Acho que, acho que nem precisa revisão também, é (pausa) é achei Ensino Médio assim, é (pigarreia) um fundamental avançado, né? Tipo, com base no fundamental. Então, eu acho ahm... achei assim, lá no Japão já começa, ahm... aqui, fazer vestibular. Pra fazer faculdade, lá é pra entrar no Ensino Médio, faz, faz vestibular.

Entrevistadora: Ah...

Nicolas: E fa-faculdade também. E lá é mais, como fala? Depende do que você vai estudar, colégio, você vai mudar muita coisa, assim, daí, depois, todo mundo estuda muito, muito, pra esse, pra entrar nesse, nesse colégio, no Ensino Médio, né?

Entrevistadora: Sim.

Nicolas: Então, aqui não tem, aqui e, conteúdo, também, conteúdo meio, ainda, fundamental, é coisa do fundamental, eu acho que to fa, sentindo falta, assim.

Entrevistadora: Você acha que poderia ser mais avançado o ensino?

Nicolas: É, tipo, podia poder é, tipo, curso técnico, tipo, pra... quer ser Engenharia então pode alguma coisa de Engenharia no...

Entrevistadora: Uhm... (Num tom de quem quer sugerir algo)

Nicolas: colégio, assim, Ensino Médio, pra começar cedo, entendeu?

Entrevistadora: Entendi

Nicolas: então, pode ter coisa assim, por que... é, tipo, (aponta para o lado esquerdo) ele quer ser exército (refere-se ao Enrico, sentado ao seu lado), então podia entrar no colégio... militar, que chama, assim.

Enrico: aham

Nicolas: Então, podia ter mais outra coisa, né? De... meditação, assim, tals...

Entrevistadora: Sim.

Nicolas: então, podia ter mais variação, que nem faculdade.

Entrevistadora: uhum

Nicolas: de ensino médio, né?

Entrevistadora: Entendi. (...)

139

Giovanna (17 anos): Na questão do ensino, tipo, eu acho que deveria ter mais passeio (risos, a Tamara murmura algo) Não, então, mas tipo, ir pra um lugar pra ver.

Tamara (17 anos): Ah, é da matéria. Ah tá, entendi.

Giovanna: Entendeu? Isso! Tanto, tipo, pra aula ficar mais legal, tanto pro...

Tamara: É, a gente não a...

Giovanna: (ruídos)

Tamara: A gente não aprende só com os caras falando aí na frente, tipo. É, sério, fica cansativo e chato, entendeu?

Giovanna: E dá sono!

Tamara: É!

Entrevistadora: É verdade, de manhã ainda, dá muito sono.

Tamara: De algo diferente pra gente entender melhor.

Giovanna: Que nem no outro colégio (...) assim, eu tinha um professor de História, a gente chamava de "Bodão" tipo, ele é, ele dá, (riso) ele dava aula pra... como é que é? Pra faculdade, tipo, e a sala era enorme, então ele tinha que ficar gritando, tipo, ele era muito, tipo, falava um monte de besteira e a aula dele era produtiva, assim, engraçado, falava tipo o que falava na aula.

Tamara: Falava da maneira que a gente fala.

Giovanna: É!

Entrevistadora: Uhm...

Giovanna: Era produtiva, agora as outras matérias era chato.

Entrevistadora: Sei.

Coordenação, direção

140

Entrevistadora: Como é a coordenação, direção por aqui? Vocês têm diálogo com eles? ou é tudo muito isolado?

Samuel (16 anos): Raramente a gente vê a diretora na escola. Eu vi ela umas... nem 10 vezes no ano!

141

Entrevistadora 1: Você tem contato com direção, pedagogas?

Entrevistadora 2: Você pode reclamar de alguma coisa com eles sobre alguma coisa, “de boa”?

Eduardo (16 anos): Não.

Entrevistadora 1: São eles lá e vocês aqui?

Eduardo: Às vezes converso bastante com eles.

142

(As meninas riem)

Tamara (17 anos): Nesse colégio, não, nesse colégio não.

143

Fabrizio (16 anos): É! Só que tipo eu vejo eles só no corredor. Nunca conversei com eles.